

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS / CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Tiago da Silva Souza

**Jovens [In] visíveis:
trabalho e saberes nas trajetórias dos catadores e catadoras da
Cooperativa de Recicláveis Santa Maria da cidade de Itapeva-SP**

Sorocaba-SP

2021

TIAGO DA SILVA SOUZA

Jovens (In) visíveis:
trabalho e saberes nas trajetórias dos catadores e catadoras da
Cooperativa de Recicláveis Santa Maria da cidade de Itapeva-SP

Dissertação de Mestrado apresentada ao
programa de pós-graduação em Educação da
Universidade Federal de São Carlos/Campus
Sorocaba, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Carla Corrochano

Sorocaba-SP

2021

Souza, Tiago da Silva

JOVENS (IN) VISÍVEIS: trabalho e saberes nas trajetórias dos catadores e catadoras da Cooperativa de Recicláveis Santa Maria da cidade de Itapeva-SP / Tiago da Silva Souza -- 2021.
129f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Maria Carla Corrochano

Banca Examinadora: Dulcinéia de Fátima Ferreira,
Symaira Poliana Nonato

Bibliografia

1. Juventude. 2. Saberes. 3. Trabalho. I. Souza, Tiago da Silva. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

FOLHA DE APROVAÇÃO

TIAGO DA SILVA SOUZA

Jovens (in) visíveis: trabalho e saberes nas trajetórias dos catadores e catadoras da Cooperativa de Recicláveis Santa Maria da cidade de Itapeva-SP

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos/Campus Sorocaba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Dr^a Maria Carla Corrochano (Orientadora)
Universidade Federal de São Carlos

Dr^a Dulcinéia de Fátima Ferreira (Examinadora)
Universidade Federal de São Carlos

Dr^a Symaira Poliana Nonato (Examinadora)
Universidade Federal de Minas Gerais



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Tiago da Silva Souza, realizada em 25/02/2021.

Comissão Julgadora:


Profa. Dra. Maria Carla Corrochano (UFSCar)


Profa. Dra. Symaira Poliana Nonato (UFMG)


Profa. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira (UFMA)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

Dedicatória

*Para Isa, Luiza e Paulo (Meu sol, minha lua e minha estrela).
E para meu irmão, amigo e exemplo de ser humano, Joni (in memoriam).*

Agradecimentos

Os verdadeiros sonhos nascem no seio do coletivo. Esse sonho só foi possível de ser realizado porque existe esperança nos diversos corações que pulsaram junto do meu para que essa pesquisa fosse uma realidade.

Em primeiro plano gostaria de agradecer de coração à minha orientadora, a Professora Dr^a Maria Carla Corrochano, que com a sua paciência, sabedoria e paixão pelo que faz, me ensinou muito e me direcionou nesse processo de construção dessa dissertação.

À Professora Dr^a Dulcinéia de Fátima Ferreira, que muito me inspirou e me instigou nas tardes de quarta-feira com as aulas da disciplina de Aspectos Epistemológicos e Ontológicos da Pedagogia Freireana, ainda como aluno especial, no ano de 2018. Agradeço pelas suas preciosas colaborações e direcionamentos para essa dissertação.

À Professora Dr^a Viviane Mello Mendonça, pelas aulas que abriram meus olhos e me ajudam até hoje na minha reconstrução como pessoa.

À Professora Dr^a Rosalina Burgos, por ter estado na banca de qualificação e ter auxiliado no processo de composição dessa dissertação.

À Professora Dr^a Symaira Poliana Nonato, por ter aceitado estar como membro na banca de defesa.

Agradeço aos meus colegas do grupo de estudo: “Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gerações, Percursos de Vida e Processos Educativos” da Universidade Federal de São Carlos, pelas reflexões que foram tão importantes para a minha condição de aluno do Programa de Pós Graduação em Educação desta universidade.

Como disse no início, os verdadeiros sonhos são coletivos, e sem o amor, o carinho e a compreensão de minha amada nada disso teria sido possível, por isso dedico um agradecimento único à minha companheira Isa, que esteve do meu lado e me apoiou desde 2014, quando esse sonho nasceu. As três horas e meia de viagem para Sorocaba de ônibus não foram fáceis, mas ficar longe de você foi ainda mais difícil! Agradeço também à minha filha Maria Luiza e ao meu filho Paulo Renato, nosso amor materializado, pela esperança que trazem nos olhos e pela bondade que trazem no coração, e me despertam para o amor a cada amanhecer. Amo vocês!

Agradeço à minha mãe Eva e ao meu pai Dito, por todo o apoio incondicional de sempre e pelo exemplo da insistência. À minha irmã Edilaine, pelas risadas de criança. Gratidão!

Agradeço em especial aos amigos e amigas que encontrei nesse tempo em que estive como aluno regular do Programa, principalmente ao pessoal da “nossa linha 2”: Wellington,

Caique, Juliana, Cássia, Eduarda (Duda), Emanuela (Manu), Sandra, Tamiris e Iara, muito obrigado pelos laços de afeto.

Agradeço aos colegas, amigos e professores da turma de 2003 do CEFAM (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério), a minha principal escola para a vida que escolhi como professor. Agradeço em especial à Professora Vera Cancelli, pelos ensinamentos que ainda ecoam, a cada vez que entro em uma sala de aula e que com certeza foram de grande valia para o seguimento da minha vida acadêmica.

Existem pessoas que passam pelos nossos caminhos e às vezes não percebem a importância que têm, por isso deixo aqui a minha gratidão a essas que foram fundamentais nesse processo: a José Manoel, meu amigo do peito, pelas palavras e ações de amor; ao amigo e amiga, Sandro e Mônica, que sempre me apoiaram; Igor, pela sua paciência em me ouvir nos momentos de dificuldade; Ingrid, pelo apoio que me deu nos dias em que necessitei ficar em Sorocaba; Wallisten pelas injeções de ânimo; Arnaldo, pelos ensinamentos, pela amizade e exemplo de ação; Gelberton, uma grande amizade e presente que a UFSCar trouxe para minha vida (conterrâneo da nossa amada Itapeva); Ribamar, que me acolheu e me ajudou muito com o curso que ministrou em 2018 na UFSCar sobre iniciação de pesquisa científica em Educação (curso esse para professores da rede pública); ao Carlos Eduardo, que no início do processo me ajudou com reflexões e debates sobre o meu tema de pesquisa; ao meu amigo Ricardo, companheiro e camarada de sempre; ao Luiz Claudio pelas palavras de apoio e força; ao Francisco Stuart, que sempre esteve pronto a me ajudar.

Agradeço à Cooperativa Santa Maria, pelas portas que foram abertas e pela confiança em abrir o cotidiano, suas vidas e suas memórias. Muito aprendi com vocês, hoje sou outra pessoa após a nossa convivência. E claro, agradeço imensamente aos catadores e catadoras, sujeitos dessa pesquisa, que foram imprescindíveis para essa realização. Um agradecimento especial à Ana Carla, que colaborou de todas as maneiras que pôde para que eu pudesse fazer as entrevistas e as observações no interior da cooperativa.

Gratidão para sempre ao meu irmão e amigo Joni, que foi embora desta vida no ano de 2018, e que residia em Sorocaba no momento em que eu era aluno especial na UFSCar, mas que deixou muitos exemplos para minha construção de ser humano e me apoiou na busca desse sonho. Te agradeço de coração e você estará para sempre comigo.

“Um sonho que sonhes sozinho é apenas um sonho. Um sonho que sonhes em conjunto com outros é realidade”. (John Lennon)

*“O sol há de brilhar mais uma vez
A luz há de chegar aos corações
Do mal será queimada a semente
E o amor será eterno novamente*

*É o juízo final
A história do bem e do mal
Quero ter olhos pra ver
A maldade desaparecer*

O amor será eterno novamente”

Nelson Cavaquinho

*“Andá com fé eu vou
Que a fé não costuma faiá.”*

Gilberto Gil

RESUMO

Essa pesquisa analisou as experiências relacionadas ao trabalho e à escola dos catadores e catadoras, jovens e adultos, da Cooperativa de Recicláveis Santa Maria, dos anos no lixão municipal de Itapeva – São Paulo, até o presente, nas dependências da cooperativa. No que se refere à questão teórica, a pesquisa teve a luz das mais importantes pesquisas de juventude, tentando apresentar uma temática que pudesse compreender de uma forma mais estreita a juventude pobre e sua inclusão precária no sistema, como é o caso dos/as catadores/as (Paulo Carrano, Juarez Dayrrel, Marília Sposito e José de Souza Martins). Por serem catadores e catadoras de materiais recicláveis, foram apresentadas importantes bases teóricas ligadas a esse mundo (Rosalina Burgos e Antônio Bosi). A educação popular foi explorada e refletida, buscando entender os saberes produzidos e suas relações com a formação da Cooperativa Santa Maria (Paulo Freire, Boaventura de Souza Santos, Jacob Lima, Lia Tiriba e Maria Clara Fisher). A pesquisa usou o método qualitativo, apresentando o resultado através de entrevistas semiestruturadas, que foram concedidas por jovens e adultos, sendo mais especificamente duas mulheres e quatro homens. As entrevistas foram realizadas de forma presencial entre os meses de outubro de 2019 a fevereiro de 2020. Por meio das entrevistas, foi possível entender o significado do trabalho para os catadores e catadoras, muito ligado ainda ao trabalho que fizeram no lixão, lugar de esquecimento. Por outro lado, o trabalho se apresentou como ponto central de transformação em suas vidas, principalmente o que fazem hoje na cooperativa, que está ligado aos saberes que produziram em solidariedade um/a com os/as outros/as na busca pelo sustento e por uma vida mais digna. No que diz respeito à escola, a exclusão escolar emerge de forma expressiva, mas seus sonhos estão ainda, de alguma forma, relacionados com a finalização dos estudos.

Palavras-chave: Juventude. Catadores/as. Trabalho. Escola. Saberes.

ABSTRACT

This research analyzed the experiences related to work and school of the waste pickers, young and adults, from the Santa Maria Recyclable Cooperative, from the years in the municipal dump of Itapeva - São Paulo, to the present, on the cooperative's premises. With regard to the theoretical question, the research had the light of the most important youth research, trying to present a theme that could better understand poor youth and their precarious inclusion in the system, as is the case of waste pickers (Paulo Carrano, Juarez Dayrrel, Marília Sposito and José de Souza Martins). As they are collectors of recyclable materials, important theoretical bases related to this world were presented (Rosalina Burgos and Antônio Bosi). Popular education was explored and reflected, seeking to understand the knowledge produced and its relationship with the formation of the Santa Maria Cooperative (Paulo Freire, Boaventura de Souza Santos, Jacob Lima, Lia Tiriba and Maria Clara Fisher). The research used the qualitative method, presenting the result through semi-structured interviews, which were given by young people and adults, being more specifically two women and four men. The interviews were conducted face-to-face between the months of October 2019 and February 2020. Through the interviews, it was possible to understand the meaning of the work for the men and women waste pickers, very connected to the work they did at the dump, a place of forgetfulness. On the other hand, the work presented itself as a central point of transformation in their lives, especially what they do today in the cooperative, which is linked to the knowledge that they produced in solidarity with others in the search for sustenance and for a more dignified life. With regard to school, exclusion from school emerges in an expressive way, but their dreams are still, in some way, related to the completion of studies.

Keywords: Youth. Waste pickers. Job. School. Knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráficos

Gráfico 1 – Indicadores de expectativa de vida	42
Gráfico 2 – Indicadores de renda / pobreza.....	42

Figuras

Figura 1 – Região de Itapeva.....	19
Figura 2 – Prancha de Jean Baptiste Debret. “Faxina”	22
Figura 3 – Itapeva (centro da cidade).....	22
Figura 4 – Itapeva (vista aérea)	23
Figura 5 – Catadores de itapeva vivem de forma miserável	33
Figura 6 – Parte do lixão municipal de Itapeva em 2016.....	46
Figura 7 – Modelo de aterro sanitário	47
Figura 8 – Obras do aterro sanitário de Itapeva (2020)	47
Figura 9 – Lixão municipal foi parcialmente interditado (2017)	53
Figura 10 – Catadores e catadoras com o bispo de Itapeva (2017)	54
Figura 11 – Dependências da cooperativa.....	58
Figura 13 – Localização dos bairros mencionados.....	85
Figura 14 – Barracão da Cooperativa Santa Maria.....	86
Figura 15 – Prensa para material reciclável da Cooperativa Santa Maria	88
Figura 16 – Caminhão (novo) da Cooperativa Santa Maria.....	89
Figura 17 – Refeitório da Cooperativa Santa Maria	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABRELPE – Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais
ARESPI – Associação Regional dos Engenheiros de Itapeva
CEASA – Centrais Estaduais de Abastecimento
CETESB – Companhia Ambiental do Estado de São Paulo
CIESP – Centro das Indústrias do Estado de São Paulo
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COVID-19 – Corona Virus Disease (Doença do Coronavírus)
CRAS – Centro de Referência de Assistência Social
CUT – Central Única dos Trabalhadores
ECO-92 – Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento
EJA – Educação de Jovens e Adultos
ENCCEJA – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
FAIT – Faculdade de Ciência Sociais e Agrárias de Itapeva
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IEA – Instituto de Economia Agrícola do Estado de São Paulo
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
MNCR – Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
OAB – Ordem dos Advogados do Brasil
OIT – Organização Internacional do Trabalho
ONG – Organização Não Governamental
OSB – Observatório Social do Brasil
OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PET – Polietileno Tereftalato
PIB – Produto Interno Bruto
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
PSL – Partido Social Liberal
PT – Partido dos Trabalhadores

SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

TCU – Tribunal de Contas da União

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 VILA SANTA MARIA: PERIFERIA, TRABALHO E POBREZA	19
2.1 ITAPEVA: FUNDAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO.....	19
2.2 ITAPEVA NO SÉCULO XX: RAMAL DA FOME E FORMAÇÃO DA VILA SANTA MARIA	23
2.3 PERIFERIA E INCLUSÃO PRECÁRIA	29
2.4 JUVENTUDE, SUAS PLURALIDADES E A TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA	36
2.5 DADOS “ <i>IN LOCO</i> ”	40
3 FORMAÇÃO DA COOPERATIVA, COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA	45
3.1 FECHAMENTO DO LIXÃO E O CERNE DA FORMAÇÃO DA COOPERATIVA SANTA MARIA	45
3.2 COOPERATIVA SANTA MARIA: UMA REALIDADE	54
3.3 COOPERATIVISMO, ECONOMIA SOLIDÁRIA E SABERES DO TRABALHO ASSOCIADO	60
4 CONSTRUINDO SENTIDOS NO “CHÃO” DA COOPERATIVA	67
4.1 O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO.....	67
4.2 NARRATIVAS DOS CATADORES E CATADORAS: APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS E PRIMEIRAS IMPRESSÕES.....	68
4.3 UM DIA NA COOPERATIVA	83
4.4 ESCOLA E EXCLUSÃO ESCOLAR NA TRAJETÓRIA DOS/AS CATADORES/AS.....	95
4.5 SIGNIFICADOS DO TRABALHO PARA OS/AS CATADORES/AS.....	108
4.6 SONHOS E ESPERANÇAS PARA O FUTURO	111
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
6 REFERÊNCIAS	120
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	128
APÊNDICE B – FORMULÁRIO	129

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo central descrever e analisar a relação dos jovens e adultos, catadores e catadoras da Cooperativa de Recicláveis Santa Maria com o trabalho, tanto nos duros anos que passaram trabalhando no lixão municipal da cidade de Itapeva-SP quanto nos significados que o trabalho tem para eles hoje na cooperativa que nasceu a partir desse grupo. Essa relação com o trabalho no lixão cerceou muitos dos seus direitos e sonhos, tais como o sonho da continuidade dos estudos, porém trouxe possibilidades de aprendizados e de construção de novos projetos, sendo que esses saberes produzidos hoje são potência para as suas vidas.

A pesquisa feita exigiu um olhar cuidadoso e atento, principalmente porque os sujeitos são jovens que viveram na precariedade, como catadores e catadoras de recicláveis no “lixão” municipal de Itapeva. O caminho de uma pesquisa só é possível ser feito quando é trilhado de forma contínua, razão pela qual a forma da pesquisa escolhida foi o qualitativo, sendo possível, assim, voltar muitas vezes nas primeiras hipóteses e corrigi-las, dependendo dos resultados obtidos após o contato direto com os sujeitos. Novas questões surgiram no decorrer do trabalho, sendo elas de grande interesse para a pesquisa, que tem um compromisso de fazer emergir indagações ainda não pensadas em seu início (FERREIRA, 2017).

A sociedade contemporânea apresenta por muitas vezes transformações muito rápidas, ligadas a variados temas, ainda mais quando relacionadas ao mundo juvenil, e nesse contexto não há como seguir padrões metodológicos, pois as certezas teóricas não se aplicam de forma generalizada nesse campo de pesquisa. Se sempre os mesmos procedimentos metodológicos são seguidos no campo da pesquisa de juventude, na maioria das vezes os resultados não serão satisfatórios (FERREIRA, 2017). Tendo em vista que adultos também fizeram parte dessa pesquisa e que trouxeram memórias de suas juventudes, é importante ressaltar a reconstrução que se deu neles/as sobre as suas trajetórias, interligando o passado e o presente. Esses jovens e adultos que foram investigados, sujeitos da pesquisa, na maioria das vezes não têm e não tiveram o gozo pleno de viver como crianças ou jovens, pelas dificuldades que o sistema os impôs.

A cidade de Itapeva, no estado de São Paulo, segundo o Censo 2010¹ tem 87.753 mil habitantes, possuindo Índice de Desenvolvimento Humano de 0,732, ocupando assim a 965ª

¹ IBGE. 2010. Censo 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 nov. 2019.

posição entre os 5.565 municípios brasileiros. Dentre as dez primeiras cidades paulistas com menores IDH's², sete delas são do Vale do Ribeira e Sudoeste Paulista, esta última, região em que Itapeva está situada, e que são consideradas, portanto, por esse sistema de classificação, como as regiões mais pobres do Estado. Lembrando que essas padronizações (Índice de Desenvolvimento Humano) não são o bastante, pois o IDH é uma forma de classificação que pode apresentar divergências com a verdadeira realidade social.

Como em outras regiões do Brasil, no Sudoeste Paulista existe uma exagerada distância social, que é observada como resultado do sistema capitalista, um sistema que gera desigualdade por ser baseado em uma “lógica produtivista”, sendo essa lógica um “objetivo racional inquestionável” pela sociedade, inquestionável, inclusive, na forma de trabalho, que é desumana, não havendo uma preocupação com as pessoas envolvidas nesse processo e nem com a natureza, se ao fim os lucros forem satisfatórios (SANTOS, 2002). Nesse contexto, o lixo que era produzido pela sociedade de Itapeva tinha destino certo, que era não apenas o território chamado de lixão municipal, mas cada um dos/as catadores/as, que têm nome, sentimentos e vontades próprias, e que eram os principais destinatários do lixo.

Muitas marcas foram produzidas ao trilhar esse caminho e me conduziram a ser hoje um professor de História³ e a estar junto com os mais pobres de Itapeva, visando um engajamento maior na transformação social dessa parcela da população. No que diz respeito à cidade de Itapeva, mais precisamente à vila Santa Maria, trata-se de um lugar situado na periferia da cidade, onde estive presente desde a minha infância, acompanhando minha família,

² Na região Sudoeste Paulista está a cidade com menor IDH do Estado de São Paulo, Ribeirão Branco, que fica a 25 km da cidade de Itapeva. IBGE. Itapeva. IBGE Cidades. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/panorama>. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?view=municipio>. Acesso em: 20/01/2021.

³ Leciono hoje como professor de História no Centro Paula Souza, mais especificamente na Escola Técnica Agrícola Dr. Dario Pacheco Pedroso.

impulsionada pela Teologia da Libertação⁴, nos trabalhos da Pastoral da Criança⁵, em meados dos anos de 1990. O território dessa pesquisa tem uma profunda relação com a minha vida, afetando-me de diversas maneiras, tendo em vista o meu engajamento, desde a adolescência, com Movimentos da Igreja Católica, mais precisamente com a Pastoral da Juventude⁶ e, atualmente, com a Cáritas Brasileira⁷ e a Campanha da Fraternidade⁸, em Itapeva.

Itapeva é uma cidade com características rurais, fato mais evidente na década de 1990, quando era ainda conhecida como “ramal da fome”. A região onde hoje se localiza a vila Santa Maria foi ocupada em um momento de êxodo rural na cidade. A maioria das famílias que lá se instalou foi extremamente afetada pela realidade precária da região, o que os distanciou ainda mais de um trabalho formal. Sem opção para a sobrevivência, essas famílias passaram a catar recicláveis, o que explica a formação da referida vila em torno do lixão municipal.

⁴ Segundo Leonardo Boff, em entrevista concedida ao Instituto Humanitas UNISINUS, em 2018, “a Teologia da Libertação nasceu da preocupação da Igreja com a pobreza das grandes maiorias empobrecidas. Foram os profetas da Igreja como dom Helder Câmara, dom José Maria Pires, dom Antônio Fragoso, dom Pedro Casaldáliga, cardeal dom Paulo Evaristo Arns, entre outros, que sentiram que a missão da Igreja junto aos pobres devia ser libertadora e não mais assistencialista. Dom Helder foi o primeiro a perceber que o nosso desenvolvimento significava um desenvolvimento do subdesenvolvimento. Deveríamos fazer não uma teologia do desenvolvimento, mas da libertação das amarras que nos prendiam a um tipo de desenvolvimento feito à custa dos muitos pobres em favor de poucos ricos. Numa reunião de bispos do Conselho Episcopal Latino-Americano – Celam em Montevideu no final dos anos 1960, caiu da boca de dom Helder a palavra libertação. Ela foi retomada por Gustavo Gutiérrez quando ele, estando em Itaipava-Petrópolis, numa reunião de bispos latino-americanos que faziam um balanço das sessões do Vaticano II, falou que a missão da Igreja em nosso continente empobrecido deveria ser libertadora”. BOFF, Leonardo. “A morte pertence à vida. É seu ponto culminante. Ela nos permite dar um salto para o outro lado de nós mesmos, invisível a nós, mas real”. Entrevista especial com Leonardo Boff. Entrevista concedida a João Vitor Santos, Patricia Fachin e Wagner Fernandes de Azevedo. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo/RS, 14 dez. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/585516-a-morte-pertence-a-vida-e-seu-ponto-culminante-ela-nos-permite-dar-um-salto-para-o-outro-lado-de-nos-mesmos-invisivel-a-nos-mas-real-entrevista-especial-com-leonardo-boff>. Acesso em: 25 nov. 2020.

⁵ A Pastoral da Criança, organismo de ação social da CNBB, alicerça sua atuação na organização da comunidade e na capacitação de líderes voluntários que ali vivem e assumem a tarefa de orientar e acompanhar as famílias vizinhas em ações básicas de saúde, educação, nutrição e cidadania tendo como objetivo o “desenvolvimento integral das crianças, promovendo, em função delas, também suas famílias e comunidades, sem distinção de raça, cor, profissão, nacionalidade, sexo, credo religioso ou político” (Artigo 2º do Estatuto). Disponível em: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/quemsomos>. Acesso em: 25 nov. 2020.

⁶ A história da Pastoral da Juventude começa pelos anos 70 ou, até, com a Ação Católica Especializada (JAC, JEC, JOC, JUC), nos anos 60. Não podemos negar que aprendemos muito da Ação Católica, da Teologia da Libertação, da Pedagogia do Oprimido. No final da década de 70 e no início dos anos 80 a Igreja vivia um período de grandes expectativas, pois Medellín e Puebla trouxeram novos ares para a ação pastoral com a opção concreta pelos pobres e pelos jovens. Esta opção possibilitou ampliar o trabalho que vinha sendo desenvolvido com a juventude em movimento, para a construção de uma proposta mais orgânica. Disponível em: <https://www.pj.org.br/quemsomos/historia-da-pastoral-da-juventude/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

⁷ A Cáritas Brasileira é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos e excluídas em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural. Disponível em: <http://caritas.org.br/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

⁸ A Campanha da Fraternidade nasceu por iniciativa de Dom Eugênio de Araújo Sales, em Nísia Floresta, Arquidiocese de Natal, RN, como expressão da caridade e da solidariedade em favor da dignidade da pessoa humana, dos filhos e filhas de Deus. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cf2020/>. Acesso em: 18 jun. 2020.

No ano de 2017, após decisão do governo estadual, o lixão da cidade de Itapeva foi fechado e os/as catadores/as foram obrigados a deixar o trabalho. Essas famílias já vinham há muito tempo solicitando apoio da prefeitura municipal para que pudessem formar uma cooperativa de recicláveis, coisa que se tornou urgente após o fechamento do lixão. Surgiu assim o Movimento Viva Janaína Alves⁹, movimento dos catadores e catadoras do lixão em junção com outras instituições da cidade, que já vinham se articulando, mas que com a necessidade urgente e a participação da prefeitura começaram a estruturar a cooperativa, tendo em vista também o auxílio social e econômico da Cáritas Diocesana de Itapeva.

A proximidade com essas famílias me levou a acompanhá-los, inicialmente nas necessidades primárias e, posteriormente, no ano de 2018, ministrando aulas de História já nas dependências da Cooperativa Santa Maria, auxiliando tanto os mais jovens quanto os mais velhos nos estudos preparatórios para a prova do ENCCEJA (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos)¹⁰. Muitos deles tinham a vontade de realizar o exame, depois de várias tentativas frustradas de frequentar a escola na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), o que não era possível em razão da extensa jornada de trabalho no lixão e de outras problemáticas.

Diante das experiências com esses jovens e adultos da periferia de Itapeva, no ano de 2019 passei a olhar todo o contexto como um pesquisador, o que no início foi muito difícil, e ainda está sendo, pelo meu envolvimento com os sujeitos. Porém, foi possível fazer um planejamento através de um minucioso olhar pelo campo da pesquisa. Essa proximidade do pesquisador com os sujeitos produziu material para as primeiras impressões, que foram anotadas no que se pode chamar de um “diário de bordo”, concebido através da participação no dia a dia deles e delas, e que já foi analisado de forma minuciosa para algumas decisões de tomada de direção. No início do ano de 2020 foram feitas as primeiras entrevistas semiestruturadas, que auxiliaram nos caminhos a serem seguidos.

A dissertação irá refletir sobre as experiências¹¹ dos/as catadores/as da Cooperativa Santa Maria, partindo da compreensão sobre o seu local de moradia e de trabalho, onde eles

⁹ A criança que dá nome ao movimento acabou falecendo no lixão municipal, após ser atropelada por um caminhão. No decorrer da escrita da dissertação esse assunto será refletido.

¹⁰ Exame que possibilita meios para certificar saberes adquiridos tanto em ambientes escolares quanto extraescolares. Disponível em: BRASIL. 2018. **Encceja**. Ministério da Educação. <http://portal.mec.gov.br/encceja>. Acesso em: 20 nov. 2019.

¹¹ Segundo Jorge Larrosa (2014, p. 10), “a experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra,, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros

estão inseridos como cidadãos e como isso os atravessou. A ideia em primeiro plano, mais precisamente no primeiro capítulo, é apresentar um breve contexto histórico e social da cidade, da vila Santa Maria (periferia da cidade) e se aprofundar em algumas referências sobre periferia, precarização do trabalho, juventude e vida adulta, mostrando o processo desumano em que esses sujeitos foram inseridos, tornando-se assim, por muitas vezes, invisíveis para a sociedade itapevense. Por outro lado, há a necessidade de fazer um anúncio de um despertar, caracterizado pela busca de um trabalho e uma vida mais digna, que sempre foi esperança para eles, quando se tornaram visíveis para si mesmos, e sucessivamente para parte da sociedade local. No segundo capítulo a visão se voltará para a ação de formação da cooperativa em junção com os saberes produzidos nesse processo e o quanto a realidade foi moldada por isso, tendo em vista, hipoteticamente, suas experiências de aprendizado libertador. Será importante entender o cooperativismo e a relação dos sujeitos com a economia solidária que está sendo fundamental em suas relações econômicas e sociais no presente. No terceiro capítulo serão apresentados relatos da pesquisa de campo e as primeiras entrevistas, ao menos as que foram feitas antes da pandemia de COVID-19¹², voltando os olhos para um aprofundamento dos significados do trabalho, da escola e uma reflexão da produção dos saberes de caráter popular.

cantos. Em algumas ocasiões, esses cantos de experiência são cantos de protesto, de rebeldia, cantos de guerra, ou de luta contra as formas dominantes de linguagem, de pensamento, de subjetividade. Outras vezes são cantos de dor, de lamento, cantos que expressam a queixa de uma vida subjugada, violentada, de uma potência enjaulada, de uma possibilidade presa ou acorrentada”.

¹² Pandemia causada pelo novo coronavírus que atingiu e atinge o mundo desde dezembro de 2019. No momento as mortes já ultrapassam a marca duas milhões de pessoas.

2 VILA SANTA MARIA: PERIFERIA, TRABALHO E POBREZA

“Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a história.”

Sérgio Buarque de Holanda

2.1 Itapeva: fundação e contexto histórico

Itapeva é uma típica cidade do interior do estado de São Paulo, situada a 290 km da capital e a 58 km da divisa com o estado do Paraná, localizando-se mais precisamente no Sudoeste Paulista, região que tradicionalmente foi esquecida pelos governos, por historicamente não ter um desenvolvimento econômico que despertasse atenção. Isso se deve à sua localização, deslocada da rota comercial do estado de São Paulo, e também, por outro lado, em função de décadas de descaso do governo estadual que afetaram intimamente essa região.

Figura 1 – Região de Itapeva



Fonte: CIESP Sorocaba¹³

É importante retornar às raízes históricas da cidade de Itapeva para entender como chegamos ao contexto dos dias atuais. Segundo Oliveira (2008, p. 12),

¹³ Disponível em: <http://www.ciespsorocaba.com.br/institucional/mapa-sede-itapeva.php>. Acesso em: 28 nov. 2020.

Onde está a cidade de Itapeva e seu município, era tudo sertão. Havia matas virgens com muitos pinheiros, muitos campos e muita pedra chata. [...] Aqui viviam os índios Guaianãs. Esses primeiros habitantes do Brasil moravam em pequenos povoados chamados aldeias ou tabas. [...] Em Itapeva os índios eram conhecidos como bugres. No Guarizinho, perto do Rio Taquari, hoje distrito, e no bairro Cimentolândia, hoje populoso núcleo habitacional, havia grande aldeia de índios. Eles nos deixaram como lembrança alguns hábitos e algumas palavras. Foram eles que ensinaram nossos antepassados a fazer a farinha de mandioca, a paçoca de carne e a canjica. [...] Itapeva em tupi guarani, quer dizer “pedra chata”.

Caminhando um pouco mais no tempo, agora mais especificamente nos primórdios da fundação da Vila de Faxina, ainda na época em que o Brasil era colonizado por Portugal, Oliveira (2008, p.13, 14) explica:

O lugar onde hoje está Itapeva era a Sesmaria Itapeva pertencente a Tomé de Almeida Paes, sorocabano que ganhou essas terras como prêmio por serviços prestados ao governo, como soldado em lutas na Bahia. [...] Muitos viajantes que por aqui passavam, indo ou vindo de São Paulo, ali pernoitavam e internavam os animais. Isto aí por volta de 1735. À noite, tocavam, cantavam e dançavam a faxineira, uma espécie de polca, ao som da viola. [...] Como a região achava-se despovoada, Dom Luís Antonio de Souza Botelho Mourão, por ordem de Dona Maria I, conhecida como a “Louca”, rainha de Portugal, mandou fundar vilas, entre elas a vila de Faxina. Faxina era um pequeno povoado que ficava ao lado esquerdo do Rio Apiaí-Guaçu. [...] Para fundar a nova vila, foi nomeado o paulista Capitão Antonio Furquim Xavier Pedroso. A vila foi fundada em 20 de setembro de 1769. No dia 25 de setembro do mesmo ano foi erigido pelourinho e criado o governo local – Câmara e Juízes.

Na história desse pequeno povoado, pode-se perceber também, primeiramente, a presença dos bandeirantes, principalmente para conduzir a caça aos bugres¹⁴, nas chamadas bandeiras de apresamento¹⁵. E depois, a presença dos gaúchos, que passavam pela cidade transportando gados, o que propiciou o início da ascensão demográfica da região. Segundo Corrêa (1997, p.143), citada pelo geógrafo itapevense Silvio Araújo (2011, p. 35):

¹⁴ Termo pejorativo criado pelos europeus para denominar os guaranis. Esse termo tem suas origens no século IX na Europa, segundo o autor Guisard (1999, p. 92), “o termo bugre originou-se num movimento herético, na Europa, durante a Idade Média, representando uma força contrária aos preceitos ditados pela ortodoxia da Igreja. Surgiu no século IX, na Bulgária, tendo sido batizado como bogomilismo, inspirado no nome do padre Bogomil, considerado fundador da seita herética. [...] Desta forma, o termo bugre vai reaparecendo na lembrança do europeu, com uma identidade já construída, acompanhando a ideia da infidelidade moral”.

¹⁵ O historiador Bóris Fausto (2010, p.94) explica um pouco desse momento: “A grande marca deixada pelos paulistas na vida colonial do século XVII foram as bandeiras. Expedições que reuniam às vezes milhares de índios lançavam-se pelo sertão, aí passando meses e às vezes anos, em busca de indígenas a serem escravizados e metais preciosos”.

A referência histórica mais antiga encontrada até o momento sobre Paranapanema Superior é referente, região entre Itapeva e Itararé datada de 30 de agosto de 1725. [...] Luiz Pedroso de Barros da Vila de Pernayba dessa capitania de São Paulo e de uma das principais famílias della que elle supplicante tinha fabricado e povoado algumas fazendas com escravos e gados vaccuns e cavallares no sertão do caminho da Villa de Coritiba da jurisdição deste governo, sendo sita uma dellas entre o rio Verde e o rio Itararé adiante do rio Pirituba.

Segundo Araújo (2012, p. 36), “nos campos de Faxina, Capão Bonito e Itapetininga, os colonos, formavam importantes ‘estações de internada’ próximas estrategicamente à feira de Sorocaba enquanto os nativos locais eram exterminados ou trazidos à ‘civilização’”. Esses assassinatos dos indígenas marcaram a história não só de Itapeva, mas do Brasil como um todo, pois, aos olhos dos governos gerais, os nativos atrapalhavam o desenvolvimento econômico da região. Assim, Itapeva surgiu nesse contexto de extermínio de nativos e do transporte e fixação de fazendas de bovinos, pois estava à beira do caminho que era feito pelos gaúchos com o objetivo de chegar até o mercado de negociação de Sorocaba. Conforme define Maria Tereza Schorer Petrone (1976, p.61), citada por Araújo (2012, p.35 – 36),

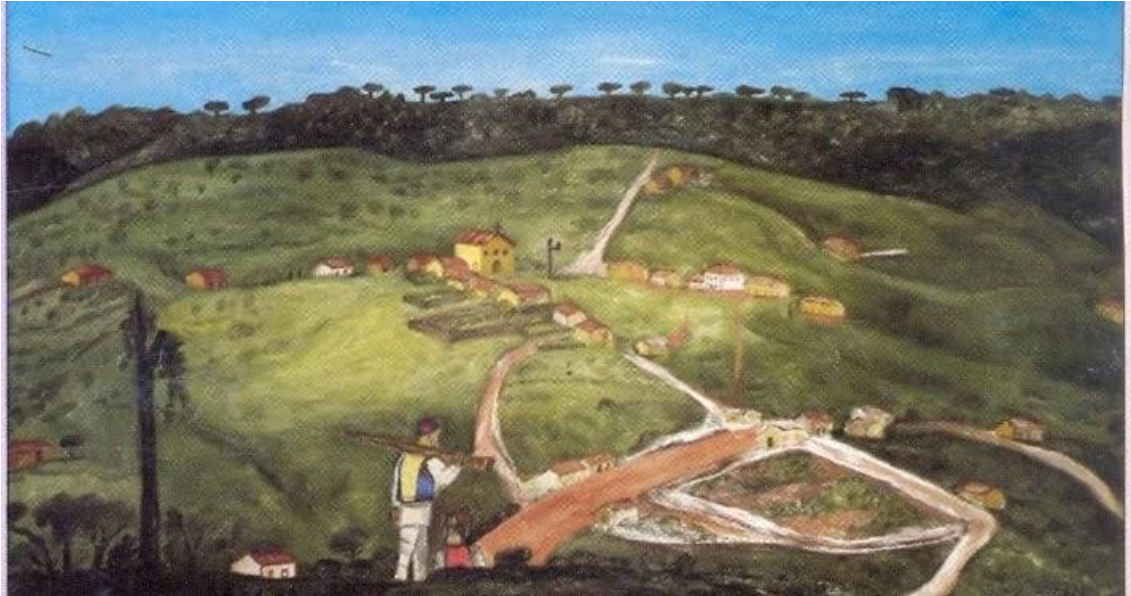
Os caminhos de Sorocaba a Itapeva e para Castro e de lá para Curitiba e o Sul do país se fizeram, em grande parte pelo transporte de boi e pelas tropas de cavalos e burros trazidas do sul do país. A criação oficial de Itapeva se insere no denominado “ciclo do tropeirismo”, sendo uma das “estações de internagens”, para muares, equinos e bovinos antes de serem vendidos nas feiras de animais em Sorocaba. Sendo a área de Faxina e Itapetininga ponto obrigatório de passagem das tropas.

A história de Itapeva, outrossim, é marcada pela escravidão de africanos, que está muito relacionada ao Estado e à Igreja, que foram os condutores, desde o início, da colonização do Brasil. Quanto à Igreja Católica, ela interferia nos governos das vilas e era a religião oficial da colônia (FAUSTO, 2010). Prova disso, nesse período da história de Itapeva, é o início da construção da Igreja Matriz da cidade, que foi edificada pelos escravos a partir de 1785, “riscada”¹⁶ pelo Sargento Mor Felipe de Campos Bicudo, que foi incumbido de cuidar da estruturação da vila. “A igreja tinha 48 palmos de frente por 140 palmos de fundo e foi toda construída em taipa de pilão sob o trabalho de 40 escravos. [...] Um barroco colonial simples e de linhas clássicas” (PASTRO, 1992, p. 26).

¹⁶ Projetada.

O artista francês Jean Baptiste Debret registrou em seu livro “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil”, lançado em Paris no ano de 1834, pinturas representando a Vila da Faxina. Pode-se observar em uma de suas telas, abaixo, a Vila de Faxina, que aparece em segundo plano.

Figura 2 – Prancha de Jean Baptiste Debret. “Faxina”



Fonte: Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Paris, 1834¹⁷.

Figura 3 – Itapeva (centro da cidade)



Fonte: Prefeitura Municipal de Itapeva – SP.¹⁸

¹⁷ Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Itapeva_\(S%C3%A3o_Paulo\)#/media/Ficheiro:Debret.itapeva1827.JPG](https://pt.wikipedia.org/wiki/Itapeva_(S%C3%A3o_Paulo)#/media/Ficheiro:Debret.itapeva1827.JPG). Acesso em: 15 mar. 2020.

¹⁸ Disponível em: <https://www.itapeva.sp.gov.br/galeria-de-foto/fotos-aereas/>. Acesso em: 15 out. 2020.

Figura 4 – Itapeva (vista aérea)



Fonte: Prefeitura Municipal de Itapeva – SP.¹⁹

2.2 Itapeva no século XX: Ramal da fome e formação da Vila Santa Maria

“O bicho”²⁰

*Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.*

*Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.*

O bicho, meu Deus, era um homem.”

Manuel Bandeira

¹⁹ ITAPEVA. Galeria de fotos. Prefeitura municipal de Itapeva. 2017. Disponível em: <https://www.itapeva.sp.gov.br/galeria-de-foto/fotos-aereas/>. Acesso em: 15 out. 2020.

²⁰ Segundo historiador Antonio de Pádua Boși (2015, p 50), “a exiguidade de registros sobre os catadores no Brasil faz da literatura sobre eles um banquete. É nessa condição que se apresentam “O bicho”, poema de Manuel Bandeira de 1947, “Quarto de Despejo”, obra autobiográfica de Carolina Maria de Jesus, que cobre a experiência histórica da autora nas décadas de 1950 e 1960, e “Homens de Papel”, peça teatral de 1968 sobre catadores, do dramaturgo Plínio Marcos”.

No final do século XX, Itapeva ficou conhecida como “ramal da fome”, seja em razão de sua pobreza ou pela cultura de esquecimento do Estado em relação à região do Sudoeste Paulista. A cidade foi extremamente estigmatizada por essa expressão, e são conhecidas duas explicações para a origem dela. A primeira explicação é de que a região de Itapeva recebeu esse pseudônimo entre as décadas de 1920 e 1930, pois o trem que fazia a linha São Paulo a Itararé desconectava o vagão restaurante na cidade de Itapetininga e seguia o restante da viagem sem ele, o que gerava descontentamento dos passageiros por não terem o que comer nesse trecho²¹. A outra explicação para essa expressão, que é a mais plausível, está relacionada à perseguição política de Getúlio Vargas contra Júlio Prestes, que era da cidade de Itapetininga, próxima de Itapeva. Júlio Prestes havia vencido as eleições presidenciais de 1929, o que gerou um profundo racha na política nacional do café com leite²² e abriu precedentes para que a Aliança Liberal tomasse o poder em forma de um golpe ou revolução, dependendo do ponto de vista histórico. Após a intitulada Revolução de 1930, que deu início ao período conhecido como “Getulismo”²³ no Brasil, Getúlio Vargas, de forma proposital, não direcionou os devidos investimentos para a região de Itapeva, onde o povo foi o mais afetado, iniciando-se assim um histórico de profunda miséria na região. Essa miséria guarda relação inclusive com o acesso à cidade, que se dá por apenas uma via, a Rodovia SP-258, segundo dados oficiais da Prefeitura Municipal de Itapeva²⁴, devido a não trazer muitos atributos econômicos para o estado.

²¹ Segundo Manoel Timbó Lima Gomes (2008), o “sudoeste paulista ficou conhecido como o “Ramal da Fome” desde as décadas de 1920 e 1930. Isto porque o trem, principal meio de transporte da época, saía de São Paulo e, ao chegar a um determinado entroncamento, desviava o carro-restaurante para Bauru. Aos passageiros que seguiam em direção ao sudoeste era servido apenas um acanhado sanduíche de mortadela com guaraná quente. Daí uma das explicações para o nome de Ramal da Fome”. GOMES, M. T. L. Ramal da fome, expressão que virou coisa do passado e é enterrado no Sudoeste Paulista. **Blog do Manoel Timbó**, 2008. Disponível em: <http://manoeltimbo.blogspot.com/2008/11/ramal-da-fome-expresso-que-virou-coisa.html>. Acesso em: 02 abr. 2020.

²² Segundo Fausto (2010, p.272), “Afiml, o não-cumprimento das regras do jogo por parte do presidente Washington Luís, que indicou para a sua sucessão, em 1929, o paulista Júlio Prestes em vez de um mineiro, como seria a regra de revezamento do “café com leite”, foi um fator central da ruptura política ocorrida em 1930. Esse fato mostra nitidamente a importância do acordo São Paulo-Minas, para a estabilidade da Primeira República”.

²³ Segundo o autor Fausto (2010, p. 325), “Getúlio Vargas deslocou-se de trem a São Paulo e daí seguiu para o Rio de Janeiro, onde chegou precedido por 3 mil soldados gaúchos. O homem que, no comando da nação, iria insistir no tema da unidade nacional, fez questão de fazer transparecer, naquele momento, seus traços regionais. Desembarcou na capital da República em uniforme militar, ostentando um grande chapéu dos pampas. O simbolismo do triunfo regional se completou quando os gaúchos foram amarrar seus cavalos em um obelisco existente na Avenida Rio Branco. A posse de Getúlio Vargas na presidência, a 3 de novembro de 1930, marcou o fim da primeira República e o início de novos tempos, naquela altura ainda mal definidos.

²⁴ ITAPEVA. Dados do município. Prefeitura municipal de Itapeva. Disponível em: <https://www.itapeva.sp.gov.br/dados-do-municipio>. Acesso em: 02 abr. 2020.

Até meados dos anos 2000, Itapeva ainda carregava essa expressão de “ramal da fome”, quando então variadas ações foram feitas pelo poder público e por instituições, como a Pastoral da Criança da Igreja Católica, para tentar reverter a situação, muito ligada à mortalidade infantil²⁵. A região mais afetada da cidade era a vila Santa Maria, que será apresentada mais à frente. Mas essas ações não foram o bastante, pois a região ainda hoje tem muitos problemas sociais, se comparada a outras regiões do estado de São Paulo.

Em relação ao trabalho, analisando a situação dos trabalhadores formais, a cidade de Itapeva hoje tem, , um salário médio de R\$ 1.974,70 (IBGE, 2019), sendo que, apenas 23,5% da população tem trabalho formal assegurado de acordo com o SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados) (SEADE, 2019)²⁶. A grande maioria dos trabalhadores está na informalidade, o que pode ser atribuído à disparidade que as características da cidade trazem em relação ao trabalho, que está muito ligado à agricultura, com grandes produtores de grãos, que por muitas vezes usam o trabalho temporário e quase que compulsório de muitos cidadãos.

Segundo o IEA²⁷ (Instituto de Economia Agrícola do Estado de São Paulo), Itapeva é a maior produtora de soja do estado. Essa característica se deve ao grande território geográfico da cidade, que tem área territorial de 1.826.258 km², o que coloca o município como o segundo maior em extensão territorial do estado. O PIB²⁸ da Região Administrativa de Itapeva, criada no ano de 2014, segundo o (SEADE, 2016), é de 10,8 bilhões, sendo o segundo menor das regiões administrativas do estado. Grande parte desse PIB deve-se à produção agrícola monopolizada.

²⁵ Segundo o IBGE (2019) em seu último levantamento, hoje Itapeva tem o índice de 8,01 óbitos por mil nascidos vivos, o que já é muito diferente, por exemplo, do ano de 2007, quando o índice de óbitos por mil nascidos vivos chegou a ser de 25,02. Mesmo sendo a informação de 2010, essa é a única encontrada sobre renda, especificamente sobre a cidade de Itapeva.

²⁶ Segundo o SEADE (2019), na Região Administrativa de Itapeva houve redução de 348 postos de trabalho no último trimestre de 2019, mas não há informação geral de empregados formais atualizada. SEADE, Informativo trimestral RA de Itapeva. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/mercado-trabalho/2020/03/informativo-trimestral-ra-de-itapeva-4o-trimestre-de-2019/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

²⁷ TSUNECHIRO, Alfredo. Os municípios brasileiros maiores produtores de grãos. Análises e indicadores do agronegócio, v.1, n.1, 2003. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/TerTexto.php?codTexto=4485>. Acesso em: 02 abr. 2020.

²⁸ SEADE, Radar Regional – PIB. São Paulo, n.1, abril, 2016. Disponível em: https://www.seade.gov.br/produtos/midia/2016/04/radar_regional_PIB_num_01_abr2016-1.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.

Após todos esses levantamentos expostos, é importante salientar, como já foi adiantado na introdução deste trabalho, que Itapeva e as demais cidades da região são marcadas por profundas desigualdades sociais. Muitos moradores da região migraram para Itapeva na tentativa de uma melhora de vida, vindo de cidades pequenas como Ribeirão Branco, Guapiara, Nova Campina, Buri entre outras. Esse processo de migração ocorreu principalmente nos anos 1980 e 1990, que coincide com a história da povoação no território no qual hoje se encontra a vila Santa Maria, onde nasceu a Cooperativa Santa Maria. Essas pessoas, em sua maioria, vieram para trabalhar nas grandes lavouras, um trabalho, na época, de característica informal e de muitas dificuldades.

O bairro Santa Maria, segundo o estudioso da história de Itapeva, Preto Matos, se localiza no território que pertenceu à Fazenda Pilão D'Água, propriedade do senhor Donato Camargo Melo. Segundo Silvia Correa Marques (2001), citada por Araújo (2006, p. 68), no início do século XX, a Fazenda Pilão D'Água teve a força de trabalho de muitos descendentes de africanos, que após a Lei Áurea em 1888 foram a força de trabalho dela. Mesmo libertos pela Lei Áurea, os descendentes de africanos não passaram a ter uma liberdade real, pois o racismo não deixou de existir e eles tinham que aceitar os trabalhos mais precários para a época, o que aconteceu também nesse caso. Como forma de resistência, os negros de Itapeva formaram uma comunidade, hoje conhecida como quilombo do Jaó, ao lado da Fazenda Pilão D'Água. Segundo o Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira (2013, p. 12),

Desde o início, muitos negros se refugiavam na mata, onde se agrupavam, formando os quilombos (Velasques, 2007). Em terras abandonadas de várias regiões do país, tornaram-se pequenos produtores rurais autônomos, num processo de ocupação e uso produtivo das regiões florestadas mais distantes dos rios, em áreas interioranas do Brasil. Após a abolição, muitos ex-escravizados continuaram suas atividades agrícolas, enquanto que outros foram obrigados a trabalhar para latifundiários para sobreviver.

Segundo a Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo, em seu relatório técnico-científico sobre os remanescentes da comunidade de Quilombo do Jaó/Itapeva-SP (2000, p. 19 e 20),

O fato é que a comunidade do Jaó ocupa seu território pelo menos desde 1897 e ali ampliou sua descendência, cultivou a terra, enfim, reproduziu-se culturalmente, resistindo aos preconceitos e às privações aos quais estavam expostos devido a sua condição social e étnica. [...] O Jaó dista cerca de 14 km do município de Itapeva. O acesso à localidade se dá por meio de uma estrada de terra localizada à esquerda da rodovia que liga Itapeva a Capão Bonito. A comunidade ocupa hoje um território de 165,5679 ha. (68,4165 alq.), confrontando com as fazendas São Marco, Rincão, Alba e Prelúdio, além dos sítios São Miguel Arcanjo I e II.

Desde o período da colonização do Brasil até meados da década de 1970, a fazenda Pilão D'Água foi de vários proprietários diferentes, que implantaram muitas atividades agropecuárias no decorrer desse tempo. Em 1970 a prefeitura de Itapeva comprou partes das terras da fazenda para construir uma represa e uma barragem para abastecimento de água da cidade e um parque para recreação comunitária, intitulado Parque Bento Alves Natal, hoje conhecido como Parque Pilão D'Água (ARAÚJO, 2012).

Segundo Preto Matos (2011),

[...] em fevereiro de 1.990 o então prefeito municipal de Itapeva, o senhor Armando Ribas Gemignani adquire parte de terras desta fazenda da senhora Iracema Augusta Braren, proprietária da fazenda Pilão D'Água na época, para construir o aterro sanitário, fez a infra-estrutura para captação de águas, como a colocação de tubos e canaletas no local, a construção do aterro foi a solução encontrada por Armando Ribas Gemignani para resolver o problema do lixo. [...]. Em 1992 se elege prefeito municipal de Itapeva o Dr. Antonio Guilherme Brugnaro tendo como sua vice-prefeita a saudosa Paulina de Moraes, foi quando ela a procurar amenizar problemas de famílias a ter um lote para construir sua própria casa alojou famílias naquela localidade, mas ainda sem ter infraestrutura adequada.

Na formação inicial da vila Santa Maria a dificuldade para o sustento foi a principal tribulação de seus habitantes, que se alojaram por lá sem o mínimo de estrutura, sem saneamento básico, sem água potável. As pessoas que fixaram suas moradias na localidade logo se depararam com problemas para encontrar empregos na cidade ou na área rural, o que propiciou aos poucos a ocupação do lixão municipal. O lixão que foi projetado para ser aterro sanitário²⁹ se tornou fonte e ambiente de trabalho para muitos moradores da vila Santa Maria.

²⁹ Segundo a CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo), o aterro sanitário é uma espécie de depósito no qual são descartados resíduos sólidos, prioritariamente materiais não recicláveis. Devem estar fora de áreas de influência direta em manancial de abastecimento público, distante 200 metros de rios, nascentes e demais corpos hídricos, a 1.500 metros de núcleos populacionais e 300 metros de residências isoladas. E o lixão é um vazadouro a céu aberto, sem controle ambiental e nenhum tratamento ao lixo, onde pessoas têm livre acesso para mexer nos resíduos e até montar moradias em cima deles. É, ambiental e socialmente, a pior situação encontrada

Hoje, a vila Santa Maria é periferia do município de Itapeva, exibindo ainda muitos problemas relacionados à falta de saneamento básico e outros serviços que são mínimos para a sobrevivência dos cidadãos, o que pode ser atribuído à ausência de políticas públicas para atender demandas básicas.

Como se não bastassem esses problemas que assolaram e ainda assolam a vila, existe ainda uma outra problemática que controla a vida de muitos: o tráfico de drogas. A realidade local de hoje é que o tráfico acaba cerceando os sonhos de adolescentes ou jovens, que não têm acesso aos direitos mínimos assegurados pela Constituição³⁰ para sua sobrevivência e acabam achando lugar no mundo do tráfico de entorpecentes. Os autores Bernardo Sorj e Danilo Martuccelli (2008, p. 63) lembram que “esses bairros pobres são muitas vezes controlados por grupos criminais, nos quais fica evidente o fracasso do Estado em assegurar os direitos humanos básicos”.

A triste notícia a seguir, da morte de mais um jovem de 16 anos, veiculada pelo site G1 no ano de 2014³¹ é apenas mais uma dentre tantas:

Um adolescente de 16 anos foi assassinado na madrugada de segunda-feira (7), em Itapeva (SP). De acordo com a Polícia Militar, o jovem levou dois tiros de um revólver calibre 38 em frente à casa onde morava, na Vila Santa Maria. O atirador fugiu. A Polícia Militar suspeita que o motivo do homicídio seja a disputa por ponto de tráfico de drogas, já que o menor tinha diversas passagens pela polícia por tráfico de drogas, furto, receptação e porte de drogas. A Delegacia de Investigações Gerais (DIG) investiga o crime. Até a tarde desta terça-feira (8), ninguém havia sido preso.

no estado quando se fala de lixo. Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/biogas/2017/08/01/aterros-sanitarios-aterros-controlados-e-lixoes-entenda-o-destino-do-lixo-no-parana/>. Acesso em: 02 abr. 2020.

³⁰ A Constituição Federal (BRASIL, 1988) estabelece em seu Título II os direitos e garantias fundamentais dos brasileiros e dos estrangeiros residentes no país, listando, ao longo do artigo 5º, direitos individuais e, no artigo 6º, os direitos sociais, quais sejam, educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, transporte, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância e assistência aos desamparados. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 03 abr. 2020.

³¹ G1. Adolescente de 16 anos é morto a tiros na Vila Santa Maria, em Itapeva. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/itapetininga-regiao/noticia/2014/07/jovem-de-16-anos-e-morto-tiros-na-vila-santa-maria-em-itapeva-sp.html>. Acesso em: 03 abr. 2020.

A participação de adolescentes e jovens no tráfico de drogas aparece como um resultado, em parte, da ausência do governo nessas localidades, afetando diretamente a vida desses. O tráfico de drogas, parafraseando Gabriel de Santis Feltran, acontece em muitas localidades das cidades, mas há uma visão da sociedade que o tráfico de drogas se corporifica nas periferias das cidades, e ele tem “cor de pele” e “idade”, o que representa para muitos cidadãos a “violência urbana” (FELTRAN, 2014). Há uma visão da sociedade, errônea, de que esses jovens representam essa violência, o que não é diferente na cidade de Itapeva, no caso mais específico da vila Santa Maria.

A experiência de vida dos jovens ou de outras gerações que fazem parte dessa pesquisa está muito relacionada a muitos preconceitos estabelecidos pela sociedade, que por muitas vezes não conhece a realidade em que eles estão inseridos. A organização de um Movimento contrário, inclusive a visão que a cidade tem da vila Santa Maria, é uma forma de resistência por parte deles, contra todos esses problemas sociais, demonstrando o quanto os saberes produzidos nesse processo foram importantes, não apenas na condição de trabalhadores, mas de seres humanos que buscam o reconhecimento de seus direitos.

2.3 Periferia e inclusão precária

*“Casinhas de periferia que escondem sofrimento.
Que abrigam esperanças e abrigam tanto amor.
Casinhas de periferia, não sabe quem jamais foi lá.
Abrigam tanta gente boa, só sabe quem passou por lá e escutou.”*

Pe. Zezinho

A urbanização sem planejamento trouxe muitos problemas para a cidade de Itapeva, relacionados à miséria e ao trabalho precário. No lixão municipal muitos/as catadores/as lutaram por anos para conseguir ao menos sobreviver. É necessário compreender, ainda que previamente neste subcapítulo, o conceito de “periferia” e as significações do trabalho de “catador de material reciclável” (MNCR, 2014)³² ou o que se pode intitular de “trabalhadores sobrantes” do sistema desigual que o capitalismo proporciona (BURGOS, 2013).

³² Catador de Material Reciclável é profissão reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego. A CBO é o documento que reconhece, nomeia e codifica os títulos e descreve as características das ocupações do mercado de trabalho brasileiro. Sua atualização e modernização se devem às profundas mudanças ocorridas no cenário cultural, econômico e social do País nos últimos anos, implicando alterações estruturais no mercado de trabalho.

Para que se entenda o que é periferia, é valioso voltar às raízes dessa definição. O dicionário Aurélio (2020) define periferia como “o que fica nos arredores, nas circunjunções de algum lugar”. Segundo Guimarães (2016, p. 109-110):

Na literatura construída nas décadas de 1970 e 1980 sobre o urbano no Brasil, as periferias urbanas situadas nas metrópoles eram geralmente descritas como “o urbano possível” para as classes trabalhadoras. A periferia seria então o resultado de um processo dual de construção do espaço: a chamada relação “centro-periferia” é a expressão mais acabada desse movimento. [...] As metrópoles seriam espaços estanquizados, marco da segregação sócio-espacial; a centralidade concentraria o emprego, os equipamentos urbanísticos mais modernos e as funções centrais de direção da vida urbana. A periferia seria resultado do crescimento do espaço metropolitano, gerado pela ação localizada de um amplo leque de agentes privados e pela ação deficitária do Estado. Esses espaços nasceram desse duplo movimento e caracterizam-se geralmente por um decréscimo nas condições de vida das classes ditas populares. [...]. A periferia, então, é o produto de uma lógica cruel e segregadora, uma lógica baseada na exclusão da urbe, criada e recriada a partir dos mecanismos especulativos sobre o solo, sobre a propriedade fundiária, que exclui e (re) inclui os indivíduos dentro de uma urbe estanquizada e precária.

Há, contudo, a necessidade, nesses novos tempos, de definir essa periferia como algo que tem muito de social, não sendo ela apenas um resultado do crescimento das metrópoles, muitas vezes imposta pelo capitalismo, pois a pobreza que está inserida nesse contexto deixa esses trabalhadores ao redor de um outro mundo concebido pelas classes sociais mais abastadas, bloqueando a relação entre os periféricos com a própria cidade. Sorj e Martuccelli (2008, p.60) analisam a interferência do capitalismo na cidade:

As novas modalidades do capitalismo vivem afetando, e em geral debilitando, os atributos das cidades como núcleos centrais da vida cidadã. Essas transformações reestruturam não apenas os modos de produzir, mas também os de consumo e de reprodução social, com enormes impactos nas interações sociais nas grandes cidades.

Mas a periferia também tem outros significados, inclusive positivos na nossa atualidade. Para muitos jovens, o termo “ser de periferia” representa luta política e social, contra os modos repressores do Estado e da sociedade em geral, o que já rende inclusive resultados satisfatórios para esses cidadãos. “Ser da periferia”, em uma visão mais antropológica, pode estar ligado a um modo de ser, modo de falar, modo de viver, o que pode ser melhor explicado pelas palavras da autora Érica Peçanha do Nascimento, (2010, p. 119):

Sob um viés antropológico, essa noção de cultura da periferia pode ser vista como um conjunto de produções simbólicas e materiais que é produzido e reproduzido constantemente, por meio do qual se organizam formas de sociabilidade, modos de sentir e pensar o mundo, valores, identidades, práticas sociais, comportamentos coletivos etc.; e que caracteriza o estilo de vida dos membros das classes populares que habitam em bairros periféricos.

Pode haver um debate conceitual entre subúrbio e periferia, o que pode levar a um entendimento errôneo da realidade dos/as catadores/as da vila Santa Maria, por isso a importância de destacar aqui a diferença entre subúrbio e periferia, deixando claro que a vila Santa Maria é periferia da cidade e não subúrbio, pois ela depende da cidade, está à margem da cidade de Itapeva. Segundo o sociólogo Willian Héctor Gómez Soto (2008, p. 112),

A periferia se define pela sua condição de dependência do centro. O subúrbio seria apenas uma variação da periferia, um pouco mais urbanizada. O conceito de subúrbio se perde, desaparece nas pequenas cidades, aparece como um atributo exclusivo dos centros urbanos complexos. E mais do que isso, o subúrbio representaria a fragmentação e o caos urbano. O subúrbio é um território indefinido e em transição. Um território potencialmente urbano, mas que ainda não o é. Que pode ser ocupado pelo crescimento urbano anárquico ou planejado. O subúrbio é a margem do urbano.

Os/as catadores/as, sujeitos dessa pesquisa, são habitantes de um bairro periférico onde construíram suas identidades através de seus relacionamentos sociais e estiveram trabalhando por muito tempo no cerne do descarte da sociedade, ou seja, no lixão, trabalho tão diferenciado de outros. Léa Pinheiro Paixão, da Universidade Fluminense, em uma pesquisa feita junto às catadoras da cidade do Rio de Janeiro, debate esse tipo de trabalho:

O trabalho que as catadoras do lixão realizam, no entanto, não é um trabalho qualquer. Além de não ser reconhecido, "desqualifica" socialmente quem o realiza. Entende-se, então, a ambigüidade que marca as relações das entrevistadas com suas atividades no lixão. Suas vidas são reguladas pela luta cotidiana e pela sobrevivência e pela tentativa de provar aos outros e a si mesmas que são dignas trabalhadoras. (PAIXÃO, 2005, p. 143)

A exclusão de um trabalho considerado digno pelo restante da sociedade, como ocorre no caso das catadoras do lixão do Rio de Janeiro e também com os catadores/as do lixão de Itapeva, conduz esses jovens e adultos/as a serem trabalhadores/as que não estão inseridos/as no mundo do trabalho decente³³, o que os torna “trabalhadores sobrantes” do sistema, sendo esses os “trabalhadores pobres urbanos”, que não têm carteira assinada e nem os direitos trabalhistas básicos assegurados pela lei³⁴. Hoje, segundo os últimos dados do IBGE (BRASIL, 2020), o Brasil tem um grande índice de trabalhadores que estão na informalidade, esses trabalhadores atualmente representam 40,6% (38 milhões de trabalhadores informais) do total de pessoas ocupadas no país, sendo que esses índices só veem aumentando nos últimos anos.

Segundo José de Souza Martins (1997, p.33) “a sociedade moderna está criando uma grande massa de população sobrante, que tem pouca chance de ser de fato reincluída nos padrões atuais do desenvolvimento econômico”. Esses trabalhadores sobrantes vêm de diversos setores do trabalho, que em um dado momento não conseguem mais se adequar e se inserir no mercado formal, passando a catar lixo para que possam sobreviver. Segundo Burgos (2013, p.68),

A denominação de trabalhadores sobrantes se refere aos trabalhadores pobres urbanos que, à margem do mercado de trabalho, são (re)inseridos produtivamente, sem contudo se emanciparem da condição de sobrantes. São trabalhadores que perderam seu emprego no setor formal (no contexto da reestruturação produtiva) ou que nunca conseguiram nele ingressar. Mais do que isso, são trabalhadores que sequer participam da denominada classe-que-vive-do-trabalho, noção ampliada de classe trabalhadora, formulada por Antunes (1999).

Para adentrar um pouco mais na realidade desses trabalhadores sobrantes, na periferia de Itapeva, mais precisamente no lixão, pode-se lembrar o exemplo da realidade do senhor Rogério Campos da Silva, como relatou em reportagem feita pela Aliança Global dos Catadores no ano de 2015, que denunciou a situação³⁵, como vemos abaixo:

³³ Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o conceito de trabalho decente sintetiza a sua missão histórica de promover oportunidades para que homens e mulheres obtenham um trabalho produtivo e de qualidade, em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humanas, sendo considerado condição fundamental para a superação da pobreza, a redução das desigualdades sociais, a garantia da governabilidade democrática e o desenvolvimento sustentável. Disponível em: <https://www.ilo.org/brasilia/temas/trabalho-decente/lang--pt/index.htm>. Acesso em: 03 abr. 2020.

³⁴ Os direitos dos trabalhadores urbanos e rurais estão previstos no art. 7º da Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988), estando incluídos entre os direitos sociais, portanto, fundamentais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 03 abr. 2020.

³⁵ Reportagem veiculada no site oficial da **Aliança Global dos Catadores** no ano de 2005. A Aliança Global de Catadores é um processo de articulação entre milhares de organizações de catadores de materiais recicláveis, em mais de 28 países, cobrindo principalmente América Latina, Ásia e África. Escrito por Talis Maurício. Disponível

Seis da manhã. O despertador toca cedo na casa do catador de materiais recicláveis Rogério Campos da Silva, de 37 anos. Ele apenas veste uma roupa e sai para mais um dia de trabalho no lixão de Itapeva, cidade do interior de São Paulo. Café da manhã é um luxo. Já o almoço e o jantar dependem do que Rogério encontra ao longo do dia. ‘Lá eu já encontrei carne, frango, arroz, feijão, açúcar. Tudo! Trazemos tudo pra comer... Só o que eu tenho pra dizer’ [...] Baixa autoestima e mania de obediência, de encerrar as frases com ‘só o que eu tenho pra dizer’, são algumas das sequelas da vida miserável que Rogério e outros 60 catadores em Itapeva levam. Há dez anos nessa vida, ele consegue tirar apenas R\$ 100 por mês. O que mais compensa são as garrafas pet, vendidas a R\$ 0,50 o quilo. A reportagem da CBN esteve no lixão de Itapeva e presenciou cenas lamentáveis, como dezenas de catadores, desde adolescentes até idosos, sem luvas ou qualquer outro tipo de proteção. A cada caminhão que chegava, uma briga por prioridade. Sem contar os urubus ao redor e o forte cheiro de decomposição. Foi lá que encontramos Rogério, que depois nos levou para conhecer a casa dele, no mesmo bairro. Um barraco de madeira com apenas um cômodo, dividido entre ele, a mãe de 59 anos e outros dois irmãos mais novos. ‘Meu sonho era fazer a casa pra minha mãe e pegar um bom emprego. Pegar um bom emprego, porque é o sonho que eu quero. [...]

Figura 5 – Catadores de Itapeva vivem de forma miserável



Fonte: Aliança Global de Catadores(2015).

Essa falta de um trabalho formal e decente pode ser inerente ao que chamamos hoje de exclusão social, que é caracterizada por um “estado carente ou de privação material, de segregação, de discriminação, de vulnerabilidade em alguma esfera” (FEIJÓ, 2004, p. 158). O termo “exclusão social”, tão utilizado por pesquisadores, é até compreensível, mas é necessário fazer uma análise mais aprofundada dos contextos que são denominados com esse termo. Por muitas vezes usar essa expressão de forma definitiva é um erro por um simples motivo: o capitalismo que hoje usa o caminho neoliberal acaba por incluir, de alguma maneira, todas as pessoas, dependendo da realidade.

A inclusão, mesmo que precária, está presente também na questão do consumo, enquanto uma parte consome produtos nas prateleiras dos mercados e das lojas, outros consomem a sobra, ou seja, o lixo produzido e descartado. Para Zygmunt Bauman (2008, p. 74), “na sociedade de consumidores, os inválidos são consumidores falhos”. O sistema capitalista gerou uma “cultura consumista”, na qual os membros da mesma “se comportam de forma irrefletida”, entregando-se ao consumo, como sua forma de existência. E o consumismo, mesmo que de uma forma muito diferente, também existe na vida dos mais pobres, o que os fazem ser incluídos precariamente nessa estrutura que “promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista”. É perceptível o quanto o capital está presente na vida dos catadores e catadoras, estando esse no controle de suas vidas, transformando-os em meras “mercadorias de consumo”, e é essa “qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade” (BAUMAN, 2008, p. 76). Segundo o autor István Mészáros (2011, p. 217), o capitalismo impõe essas condições, “o capital não pode funcionar sem fazer respeitar com maior firmeza do que nunca (até de maneira autoritária, se preciso for) as premissas e os antagonismos estruturais de sua prática”.

Segundo José de Souza Martins (1997, p. 14), “não existe exclusão: existe contradição, existem vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes”, sendo que as pessoas são excluídas de partes desse processo, mas não de todas as partes. A pobreza, que é raiz dessa problemática, é parte fundamental para o entendimento dessa questão, pois priva muitas pessoas, inclusive, por muitas vezes de alcançar seus próprios direitos, como afirma Martins (1997, p. 18):

Portanto, quer dizer que a exclusão é apenas um momento de percepção que cada um e todos podem ter daquilo que concretamente se traduz em privação: privação de emprego, privação de meios para participar no mercado de consumo, privação de bem-estar, privação de direitos, privação de liberdade, privação de esperança. É isso, em termos concretos, o que vulgarmente chamamos de pobreza. É preciso, pois estar atento ao fato de que, mudando o nome de pobreza para exclusão, podemos estar escamoteando o fato de que a pobreza hoje, mais do que mudar de nome, mudou de forma, de âmbito e de consequências. Estamos longe do tempo em que pobre era quem não tinha apenas o que comer. Sem contar que a realidade da pobreza inclui hoje mais do que a comida, além de incluir a negação subjetiva da pobreza por parte dos pobres: na medida do possível eles preferem não se reconhecer como tais. Isso se deve, em grande parte, ao fato de que a pobreza, no mundo moderno, é relativa. A linha que separa ricos e pobres é uma linha móvel, constantemente redefinida por uma cultura que também muda, e que define de modos sucessivamente diferentes e até contrastantes do que é pobreza.

As privações que o sistema impõe aos mais pobres e miseráveis do país estão muito ligadas ao acúmulo de capital. O acesso aos direitos básicos, como saúde e educação não chegam em plenitude para eles/as, assim acabam sendo incluídos de maneira precária no sistema. Segundo Martins (1997, p. 21), “discutimos exclusão e, por isso, deixamos de discutir as formas pobres, insuficientes e, às vezes, até indecentes de inclusão”.

Nesse contexto, temos o que Martins chama de “nova desigualdade”, pois o sistema unifica as pessoas em variados âmbitos, ideologicamente falando, mas inclui precariamente em outros. Os anseios pelo consumismo passam a ser muitas vezes comuns entre ricos e pobres, pois a cultura massificadora estimula a isso. Martins (1997, p. 21) explica que

A nova desigualdade separa materialmente, mas unifica ideologicamente. No entanto, a nova desigualdade se caracteriza basicamente por criar uma sociedade dupla, como se fossem dois mundos que se excluem reciprocamente, embora parecidos na forma: em ambos podem ser encontradas as mesmas coisas, aparentemente as mesmas mercadorias, as mesmas ideias individualistas, a mesma competição. Mas, as oportunidades são completamente desiguais. A nova desigualdade resulta do encerramento de uma longa era de possibilidades de ascensão social, que foi característica do capitalismo até há poucos anos. Apesar disso, o imaginário que cimenta essa ruptura é um imaginário único, mercantilizado, enganador e manipulável.

Na realidade que temos hoje no Brasil é fácil diferenciar o pobre do mais rico, por uma série de fatores, mas o mais notável é a opressão que existe e que pode ser explicada como a inclusão precária do pobre, para que os que têm mais poder possam explorar cada vez mais essa força de trabalho, seja ela formal ou informal. No caso dos trabalhadores/as sobrantes que se tornam catadores/as de materiais recicláveis isso está muito claro, visto que o trabalho deles/as é tão preciso nesses tempos de campanhas incessantes para a reciclagem, mas ao mesmo tempo eles vivem à margem da sociedade, se contentando, muitas vezes, com as sobras dos mais ricos. No Brasil, como em outros países emergentes, esse trabalho é muito precioso e convém a muitos setores apoiá-lo, até porque não há quem faria esse trabalho tão sujo e que traz um retorno tão pequeno. Essa estrutura favorece, inclusive, os que dominam outros contextos da sociedade, seja nos interesses políticos ou até nos mais variados interesses de instituições diversas, que tiram proveito disso. Nessa situação os catadores/as parecem serem visíveis para a sociedade no momento em que isso convém, mas por outro foco são invisíveis, deixando de ser importantes, porque o trabalho “sujo”, mas preciso, já foi feito. E eles/as, por muitas vezes, se contentam com esse trabalho, sentindo-se incluídos de alguma maneira. Martins (1997, p. 20) explica:

As políticas econômicas atuais, no Brasil, e em outros países, que seguem o que está sendo chamado de modelo neoliberal, implicam na proposital inclusão precária e instável, marginal. Não são, propriamente, políticas de exclusão. São políticas de inclusão das pessoas nos processos econômicos, na produção e na circulação de bens e serviços, estritamente em termos daquilo que é racionalmente conveniente e necessário à mais eficiente (e barata) reprodução do capital. E, também, ao funcionamento da ordem política, em favor dos que dominam.

Nesse sistema, todos/as estão incluídos/as de algum modo, pelo simples fato de que “todos têm o que vender e o que comprar”. A diferença são as formas de inserção na sociedade, como foi apresentado e debatido. Existe uma “sub-humanidade”, que advém, na maioria das vezes, de um trabalho indecente, uma precarização do trabalho, que para catadores/as é uma realidade gritante (MARTINS, 1997, p. 36).

2.4 Juventude, suas pluralidades e a transição para a vida adulta

*“Será que ninguém vê o caos em que vivemos
Os jovens são tão jovens e fica tudo por isso mesmo
A juventude é rica, a juventude é pobre
A juventude sofre e ninguém parece perceber.”*

Renato Russo

Como parte dos entrevistados e entrevistadas dessa pesquisa são jovens e como os adultos também trazem muitas das suas experiências de juventude, aqui a reflexão se dará em entender, através de referências do tema, quem são esses jovens e adultos mais pobres. É importante perguntar-se também, se existe essa transição para os miseráveis do país que desde muito cedo tem que trabalhar, de forma desumana, para poder ao menos se alimentar.

Segundo Abramo (2005, p. 6), “a definição de juventude pode ser desenvolvida por uma série de pontos de partida: como uma faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social, uma geração”. Ainda, a Lei 12.852 (BRASIL, 2013), conhecida como Estatuto da Juventude do Brasil, promulgada no governo da presidenta Dilma Rousseff, define no seu artigo 1º que os jovens são os cidadãos que têm entre 15 e 29 anos de idade. Carrano (2011, p. 8) lembra que “a definição da juventude por idade encontra elementos objetivos no aspecto da maturidade biológica e sua delimitação se reveste de importância para as políticas públicas”. Conforme explica o autor, há uma mudança biológica nessa fase da vida e essa mudança afeta sim os sentidos e a vida social desse grupo, mas é importante debater se realmente todas as pessoas passam por essa demarcação de idades, no que diz respeito a um tempo de preparação para a vida adulta. Nem todos os jovens podem viver o momento da juventude como preparação e possibilidade de dedicação exclusiva aos estudos, exemplo disso são os jovens da Cooperativa Santa Maria. Segundo a autora Marília Pontes Sposito (2003, p.10), “tem sido recorrente a importância de se tomar a ideia de juventude em seu sentido plural – juventudes –, em virtude da diversidade de situações existenciais que afetam os indivíduos nessa etapa do ciclo de vida”.

O filósofo Pierre Bourdieu crítica o recorte de gerações, que traz uma visão tão fechada para as diferenças entre as fases, focando em uma diferença apenas de idade, não levando em conta a classe social em que o indivíduo está inserido, generalizando uma ideia de que por exemplo os jovens são todos iguais. Podemos ver essa análise, usando o exemplo da juventude, nas próprias palavras de Bourdieu (1983, p.2):

[...] mas mostra que a idade adulta é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fosse uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar esses interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente.

Como ensina o autor Luís Antonio Groppo (2010, p. 14), a juventude é parte essencial para o desenvolvimento social do ser humano, sendo esse período não uma simples “fase

passageira”, mas que tem uma “identidade cultural própria, o que afetará a vida para sempre. Para Carrano (2007, p. 4), existem muitas maneiras de ser jovem hoje,

As passagens entre os tempos da infância, da adolescência, da juventude e vida adulta podem ser entendidas como "acordos societários". De certa forma, as sociedades estabelecem acordos intersubjetivos que definem o modo como o juvenil é conceituado ou representado (condição juvenil). Em algumas sociedades os rituais de passagem para a vida adulta são bem delimitados e se configuram em ritos sociais. Em nossas sociedades urbanas, principalmente, as fronteiras encontram-se cada vez mais borradas e as passagens de época não possuem marcadores precisos. Algumas dimensões marcavam o fim da juventude e a entrada no mundo adulto: terminar os estudos, conseguir trabalho, sair da casa dos pais, constituir moradia e família, casar e ter filhos. Estas são "estações" de uma trajetória societária linear que não pode mais servir para caracterizar a "transição da juventude para a vida adulta". A perda da linearidade neste processo pode ser apontada como uma das marcas da vivência da juventude na sociedade contemporânea. Assim, é preciso ter em conta as muitas maneiras de ser jovem hoje.

A afirmação de Bourdieu (1983, p. 112) de que “a juventude é apenas uma palavra” leva a uma profunda reflexão sobre o que é a juventude realmente, sendo essa marcada pela pluralidade e desigualdade, não tendo assim como delimitá-la. Existe uma diversidade de juventudes, dependendo da realidade, trazendo um sentido de heterogeneidade entre esses grupos, dependendo dos espaços que ocupam e das circunstâncias que vivem, nos quais um dos mais prejudicados grupos são os jovens que estão abaixo da linha da pobreza, e que acabam tendo que buscar trabalhos em espaços onde a maioria da sociedade não quer estar.

Na sociedade contemporânea a juventude pobre carrega estigmas impostos, e essa fase de transição que se transforma por vezes em fases de transgressão, definindo esses sujeitos como problemáticos. O jovem aparece como fundador dos problemas que ameaçam a “ordem social”, sendo por muitas vezes condenado como o grande culpado do declínio ético da sociedade, perdendo o direito, inclusive, de iniciar sua vida profissional com dignidade (ABRAMO, 2005).

Os limites e as possibilidades dessa juventude estão ligados às condições que esses grupos têm, inclusive na condição de trabalhadores, como explica Juarez Dayrell (2007, p. 1116):

Inicialmente, é importante situar o lugar social desses jovens, o que vai determinar, em parte, os limites e as possibilidades com os quais constroem uma determinada condição juvenil. Podemos constatar que a vivência da juventude nas camadas populares é dura e difícil: os jovens enfrentam desafios consideráveis. Ao lado da sua condição como jovens, alia-se a da pobreza, numa dupla condição que interfere diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades e sentidos que assumem a vivência juvenil. Um grande desafio cotidiano é a garantia da própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca de gratificação imediata e um possível projeto de futuro.

Os jovens, hoje, são vistos na legislação como “sujeitos de direitos”, mas esses sujeitos também podem estar ligados a uma visão econômica de “sujeitos de consumo”. Simbolicamente isso pode ser verdade, mas na realidade é difícil enxergar os direitos assegurados na vida dos jovens mais pobres (CARRANO, 2011, p. 9).³⁶

Segundo Leão, Dayrrel e Reis (2011, p. 1068), “a juventude é permeada de descobertas, emoções, ambivalências e conflitos, o jovem se defronta com perguntas como: Quem sou eu? Para onde vou? Qual rumo devo dar a minha vida?”. Essas questões aparecem como fundamentais para que o jovem direcione a sua vida, mas nem todos os jovens, como é o caso da juventude que trabalha no lixão, passam por esses processos de forma completa, e isso é mais gritante quando o trabalho precário já aparece como uma realidade desde a infância. As responsabilidades da vida adulta aparecem muito antes do que as generalizações de faixa etária apresentam.

No caso do Brasil, existe um importante levantamento da situação dos jovens brasileiros e brasileiras, feito pelas autoras Marília Pontes Sposito, Raquel Souza e Fernanda Arantes e Silva, no ano de 2017, tendo como base a análise da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD), mais precisamente dos anos de 2004 e 2014, pensando nas mudanças que ocorreram na vida desses jovens, no contexto da educação, do trabalho e da família. As autoras observam que a marcação de idades como uma forma de transição não existe mais como antes, pois a desigualdade das oportunidades é ampla, em muitos casos.

No caso da realidade da juventude mais pobre, no que diz respeito a trabalhos de remuneração baixa e informalidade, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD), é importante observar, como ressaltam as pesquisadoras Sposito, Souza e Silva (2017, p. 12), que “entre os jovens que trabalhavam em 2014, eram os mais pobres, os negros e as mulheres que estavam submetidos a trabalhos de menor remuneração e com

³⁶ Não há como negar a evolução dos direitos no Brasil, após a promulgação da Constituição Federal de 1988, mas o que se critica aqui é precariedade dos caminhos que levam até o acesso a esses direitos.

vínculos informais”. Essa informação está em conformidade com as experiências que os adultos e jovens da Cooperativa Santa Maria tiveram no contexto do trabalho em suas vidas, principalmente quando trabalhavam como catadores e catadoras no lixão municipal de Itapeva, estando eles inseridos nesses números.

A precariedade ligadas a vida adulta, são, na maioria das vezes, resultados do que se passou na juventude, o que aparece com muita clareza nas entrevistas dos adultos no quarto capítulo desse trabalho, tendo em vista que os obstáculos que enfrentaram na vida, tiveram influência sim no presente. Segundo Ana Amélia Camarano (2006, p.14):

As potencialidades adquiridas pelos jovens ao longo de suas vidas, bem como as oportunidades e obstáculos que experimentam nessa fase, podem influenciar a sua passagem para a vida adulta, com conseqüências também sobre o lugar que ocuparão na escala social e econômica no futuro.

2.5 Dados “*In loco*”³⁷

De acordo com as informações do IBGE (2010)³⁸, existem hoje mais de 13,5 milhões de pessoas que vivem na extrema pobreza no país, ou seja, na miséria³⁹. Essa realidade só vem crescendo desde 2015⁴⁰. Itapeva faz parte dessa estatística, e é importante compreender como

³⁷ Os dados apresentados neste subcapítulo foram na sua maioria levantados em 2010 pelo IBGE, sendo que o censo de 2020 não chegou a ser concretizado por motivo da pandemia. Os dados foram pesquisados também em outras fontes, como por exemplo na Fundação Sistema Estadual de Análises de Dados do Estado de São Paulo (SEADE), e conclui-se que mesmo esses outros órgãos usam como base ainda o censo de 2010 do IBGE, no que diz respeito a Itapeva e região, sendo apenas algumas informações mais atualizadas, como também serão apresentadas.

³⁸ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), no Brasil, 25,4% da população vivia em situação de pobreza em 2016, de acordo com o critério adotado pelo Banco Mundial, que considera pobre quem ganha menos do que US\$ 5,5 por dia nos países em desenvolvimento. Esse valor equivale a uma renda domiciliar *per capita* de R\$ 387 por mês, ao considerar a conversão pela paridade de poder de compra.

³⁹ Para entender a linha da pobreza, esclarece André Accarini, em sua matéria publicada no site da CUT Nacional (ACCARINI, 2019), que “atualmente, o número de pessoas que vivem no Brasil com renda per capita inferior a R\$ 145,00 mensais equivale à população de países como Portugal, Grécia, Bélgica e Bolívia. Os parâmetros usados para definir o que é linha de pobreza têm como base o valor de US\$ 5,5 (aproximadamente R\$ 22,00) por dia, adotado pelo Banco Mundial para identificar pobreza em países em desenvolvimento. Os dados do IBGE mostram que o Brasil tem 25,3% da população nessa condição, o que equivale a 52,5 milhões de pessoas. Outros 6,5%, o equivalente a 13,5 milhões de pessoas, estão na linha de extrema pobreza – aqueles que têm renda de até US\$ 1,9 (aproximadamente R\$ 7,70) por dia, de acordo com o Banco Mundial”.

⁴⁰ O site nacional da CUT noticiou os resultados do IBGE, acima citados. “Queda na qualidade de vida, desemprego e ausência de crescimento econômico são as principais características do Brasil pós-golpe. As políticas adotadas pelos governos neoliberais de Michel Temer (MDB) e Jair Bolsonaro (PSL), que sucederam a ex-presidente Dilma Rousseff, jogam os indicadores sociais para os piores níveis dos últimos anos. O número de brasileiros vivendo abaixo da linha da pobreza aumentou em um milhão por ano de 2015 a 2018” (ACCARINI, 2019). Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/brasil-crece-numero-de-pessoas-vivendo-em-pobreza-extrema-depois-do-golpe-30fd>. Acesso em: 21 abr. 2020.

toda essa situação afeta os seus jovens e adultos. Mesmo com todos os avanços das últimas décadas, no que diz respeito a acesso a direitos, como escola, distribuição de renda, estamos retrocedendo nos últimos anos, o que é inesperado, pois não era essa realidade que vinha se desenhando. De acordo com o IBGE (2017), 78 milhões de brasileiros não tem acesso aos direitos básicos, número que cresceu muito desde 2010, quando o número de brasileiros nesse quesito estava no de 54,7 milhões.

Segundo as autoras Maria Carla Corrochano, Helena Wendel Abramo e Laís Wendel Abramo (2017, p. 137),

Nos últimos 15 anos o Brasil, assim como outros países da América Latina, atravessou significativas mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais. Especialmente entre os anos de 2002 e 2014, a América Latina experimentou um importante processo de redução da pobreza e da desigualdade de renda, assim como avanços expressivos em outros âmbitos do desenvolvimento social, como saúde, educação e trabalho. Tais mudanças positivas ocorreram em um contexto econômico favorável, no qual os países da região expandiram sua capacidade de investimento público na área social e em um ambiente político no qual os temas da erradicação da pobreza e da diminuição da desigualdade adquiriram prioridade inédita na agenda pública e foram desenvolvidas políticas ativas de inclusão social, econômica e laboral. A agenda de direitos se fortaleceu e avançou- -se na superação de uma visão reducionista das políticas focalizadas de combate à pobreza que predominou nas décadas de 1980 e 1990, reafirmando a importância das políticas sociais de caráter universal, em especial as relativas à educação, saúde e proteção social (cepal, 2016a e 2016b).

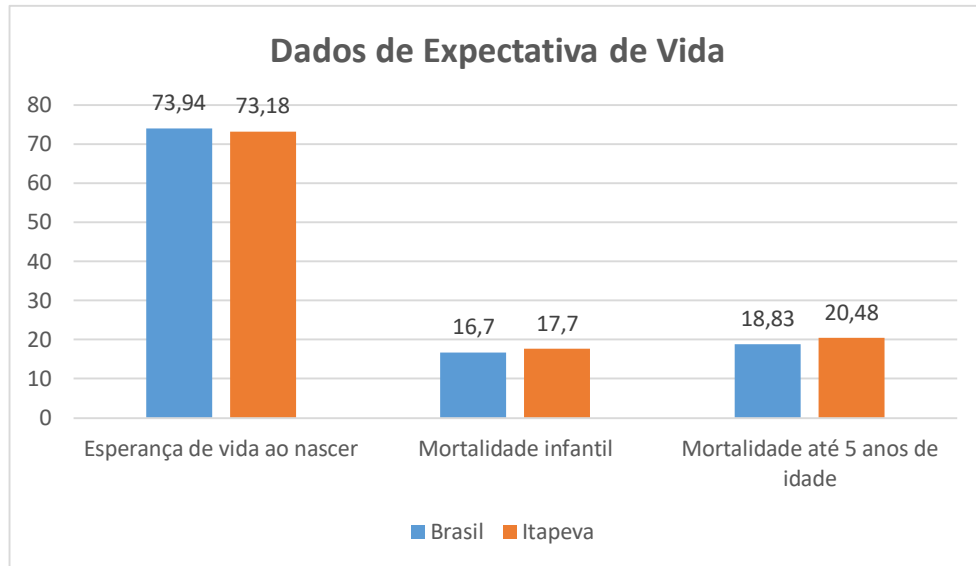
Os/as catadores/as de Itapeva que estão incluídos/as precariamente na sociedade tem muitas dificuldades, pois das comparações feitas pelo IBGE e apresentadas com dados atualizados pelo Atlas Brasil⁴¹ (2020), conclui-se que as médias da cidade em relação ao Brasil são mais baixas em muitos quesitos, mostrando os problemas sociais que afetam esses jovens e suas famílias. Seguem abaixo gráficos e informações com dados importantes para evidenciar o contexto em que os/as catadores/as estão inseridos, que é muito parecido em muitas cidades do interior do estado de São Paulo.

O primeiro gráfico apresentado, que analisa dados de expectativa de vida, demonstra que os números na cidade de Itapeva de mortalidade infantil e de mortalidade até 5 anos de idade são mais altos que o índice geral do Brasil.

⁴¹ Disponível em: ATLAS BRASIL. Consulta de indicadores. 2020. <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/consulta/>. Acesso em: 24 abr. 2020.

Esses dados de 2010 são os últimos oficiais, no que dizem respeito à cidade de Itapeva, sendo que a pesquisa foi feita em outras matrizes, mas todas elas seguem as informações do IBGE de 2010.

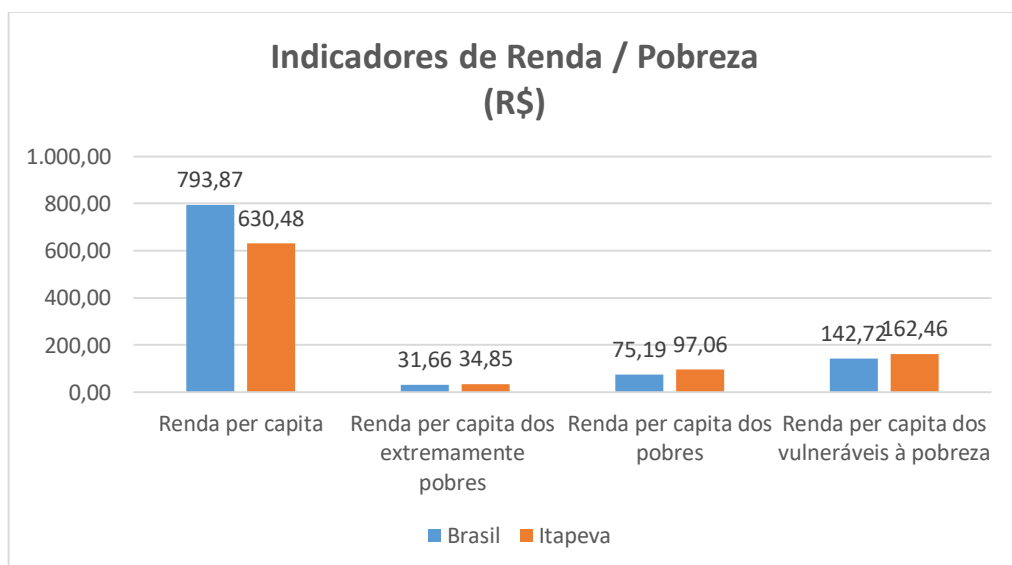
Gráfico 1 – Indicadores de expectativa de vida



Fonte: Censo 2010 do IBGE coletado no Atlas Brasil (2020)

No próximo gráfico são apresentados os indicadores de renda e pobreza da cidade de Itapeva. As primeiras colunas mostram que a renda *per capita* da cidade, que é de R\$ 630,48, está bem abaixo da média nacional, que é de R\$ 793,87. Outra análise é em relação à renda dos extremamente pobres que vivem na cidade, que segundo o último censo é de R\$ 34,85. A renda *per capita* dos pobres é de R\$ 97,06 e a dos vulneráveis a pobreza é de R\$ 162,46.

Gráfico 2 – Indicadores de renda / pobreza



Fonte: Censo 2010 do IBGE coletado no Atlas Brasil.

Segundo os últimos dados escolares do censo IBGE de 2010 disponíveis em Atlas Brasil (2020), 92,47% da população de 6 a 17 anos do município estavam cursando o ensino básico regular, sendo que a proporção de crianças de 5 a 6 anos na escola era de 91,74%. A proporção de crianças de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental era de 91,42%. 79,15% dos jovens de 15 a 17 anos tinham o ensino fundamental completo e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo era de 52,31%. No quesito de ensino superior, no que diz respeito aos jovens de 18 a 24 anos, apenas 11,71% cursavam essa modalidade de ensino.

Já as informações de escolaridade da população adulta da cidade de Itapeva, de vinte e cinco anos ou mais, 7,83% eram analfabetos, 48,56% tinham o ensino fundamental completo, 32,27% possuíam o ensino médio completo e 10,56%, o superior completo (ATLAS BRASIL, 2020). Os dados estão um pouco defasados com o passar de dez anos, mas a matriz de dados que outros órgãos seguem ainda é do CENSO de 2010, inclusive o SEADE, órgão estadual, ainda segue esses números escolares quando analisa a educação na Região Administrativa de Itapeva.

Outra situação muito preocupante é a porcentagem de jovens de 15 a 24 anos que não estudam, não trabalham e são “vulneráveis”. Há hoje na cidade uma porcentagem de 38,01% nessa situação (ATLAS BRASIL, 2020). Já a porcentagem da população de 18 anos ou mais em ocupação informal, é de 35,40% (ATLAS BRASIL, 2020). A desocupação total de trabalho da população, segundo dados do terceiro trimestre de 2020, é de 14,60% (IBGE, 2020).

A precariedade do trabalho e do estudo afeta intimamente a vida dos jovens e adultos de Itapeva, que acabam tendo que trabalhar informalmente, de forma precária, sendo que a parcela de negros e negras são os mais afetados e afetadas, lembrando ainda a disparidade existente no Brasil quando se compara o acesso à escola entre negros e brancos⁴² e ao trabalho formal. Aprofundando um pouco mais, é perceptível, através de dados e também de uma leitura do mundo, enxergar que as mulheres negras são as que vivem em situação mais desigual, no que diz respeito à renda⁴³ e acesso a direitos básicos, afetadas inclusive pelo machismo estrutural da sociedade. A desigualdade tem cor e gênero no Brasil.

⁴² Segundo o IPEA (BRASIL, 2017), nos últimos anos, mais brasileiros e brasileiras chegaram ao nível superior. Entre 1995 e 2015, a população adulta negra com 12 anos ou mais de estudo passou de 3,3% para 12%. Entretanto, o patamar alcançado em 2015 pelos negros era o mesmo que os brancos tinham já em 1995. Já a população branca, quando considerado o mesmo tempo de estudo, praticamente dobrou nesses 20 anos, variando de 12,5% para 25,9%. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526. Acesso em: 10 jul. 2020.

⁴³ Segundo o IPEA (BRASIL, 2017), apesar de, proporcionalmente, o rendimento das mulheres negras ter sido o que mais se valorizou entre 1995 e 2015 (80%), e o dos homens brancos ter sido o que menos cresceu (11%), a

Sabendo que não há como delimitar as informações sobre os catadores e catadoras de Itapeva apenas através dos dados anteriores, a informação a seguir, retirada da página eletrônica da ONG Ecoar⁴⁴ auxiliará na análise mais profunda dos sujeitos desta pesquisa, expressando assim o início de uma incursão ao universo dos/as catadores e catadoras do lixão da cidade de Itapeva, que por muitas vezes foram e ainda são invisíveis para a sociedade local:

Janaina Aparecida Alves de Lima nasceu na cidade de Ribeirão Branco aos 12 de janeiro de 1986. É filha de Etelvina Alves e Calixtro Lima. Apesar de ter sido uma menina alegre e brincalhona, Janaina não teve uma infância igual a das outras crianças. Morando em Itapeva, sua mãe trabalhava durante o dia, enquanto o pai era ausente. Aos 13 anos, Janaina sofreu um acidente no Lixão da Vila Santa Maria que abreviaria sua vida 14 dias depois. Ela subira na caçamba de um caminhão de lixo para apanhar um pacote de pão, pois este parecia estar bom para o consumo. Segundo testemunhas, o caminhão atropelou Janaina e passou com suas rodas sobre o corpo dela. Na época, algumas pessoas tentaram responsabilizar a própria vítima pelo ocorrido. (MOVIMENTO VIVA JANAINA ALVES, 2018, s/p).⁴⁵

O exemplo da jovem Janaína Alves, criança, negra, que teve seus sonhos definitivamente interrompidos após sua precoce morte no lixão da cidade, tem uma intensa ligação com os sujeitos da pesquisa. A morte de Janaína Alves exemplifica a precariedade e a falta de segurança do trabalho no lixão, assim como a de outras crianças e jovens que estiveram na mesma situação, trabalhando no meio do lixo desde a infância para ajudar no sustento da casa, com muitos problemas para planejar a vida que viria na fase adulta. Muitas dessas crianças de outrora hoje são jovens e adultos que fazem parte da Cooperativa Santa Maria.

escala de remuneração manteve-se inalterada em toda a série histórica: homens brancos têm os melhores rendimentos, seguidos de mulheres brancas, homens negros e mulheres negras. A diferença da taxa de desocupação entre sexos também merece registro: em 2015, a feminina era de 11,6%, enquanto a dos homens atingiu 7,8%. No caso das mulheres negras, ela chegou a 13,3% (e 8,5% para homens negros). Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526. Acesso em: 10 jul. 2020.

⁴⁴ “Fundado no ano de 1992, o Instituto ECOAR para a Cidadania é uma OSCIP, organização da sociedade civil de interesse público, sediada na cidade de São Paulo e formada por profissionais, estudiosos e ambientalistas que se reuniram logo após a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92) e o Fórum Global 92, para atuar em questões ambientais emergentes, contribuir com a construção de sociedades sustentáveis e influenciar políticas públicas socioambientalmente corretas”. Disponível em: <http://www.ecoar.org.br/web/pag.php?id=26>. Acesso em: 29 out. 2018.

⁴⁵ Movimento Viva Janaína Alves - Plataforma pelo fechamento do Lixão de Itapeva em defesa da coleta seletiva com inclusão e remuneração dos catadores e catadoras de materiais reutilizáveis e recicláveis. Disponível em: <http://www.ecoar.org.br/web/news.php?id=512>. Acesso em: 29 out. 2018.

3 FORMAÇÃO DA COOPERATIVA, COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA

“A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos.”

Paulo Freire

3.1 Fechamento do lixão e o cerne da formação da Cooperativa Santa Maria

As tentativas de proibição do trabalho no lixão na cidade de Itapeva por parte da Justiça foram inúmeras, mais precisamente a partir dos primeiros anos do século XXI, quando muitos/as catadores/as, por diversas vezes, foram expulsos/as do local pelo poder público. Mas por não terem como sobreviver de outra maneira, eles/as acabavam ocupando novamente o lixão para dali tirar o seu sustento.

No dia 19 de janeiro de 2002, o extinto jornal da cidade de Itapeva, Folha do Sul, em sua matéria de capa, trouxe uma reportagem sobre a situação no lixão municipal, cobrando do poder público uma ação. Nessa reportagem foi destacado que a Prefeitura Municipal de Itapeva não vinha cumprindo as determinações judiciais que exigiam o isolamento da área, informando que nenhuma ação tinha sido efetivada até aquele momento para cumpri-las, colocando em destaque a presença de adolescentes e jovens no ambiente (KASEKER, 2002).

Há de se destacar a diferença entre lixão e aterro sanitário, antes do início do debate da lei de resíduos sólidos e a sua influência na vida dos/as catadores/as do lixão municipal de Itapeva. De acordo com a Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (CETESB, 2017), o lixão é um “vazadouro a céu aberto, sem controle ambiental e nenhum tratamento ao lixo, onde pessoas têm livre acesso para mexer nos resíduos e até montar moradias em cima deles. É, ambiental e socialmente, a pior situação encontrada no estado quando se fala de lixo”. Os lixões, além dos problemas que geram para a questão social, também são altamente prejudiciais para o meio ambiente, pois não há uma preparação do solo para tal ação, não tendo inclusive “nenhum sistema de tratamento de afluentes – o chorume (líquido preto que escorre do lixão)” e isso faz com que esse líquido penetre na terra, contaminando o lençol freático (LOPEZ, 2017, p. 18). Segundo Lopez (2017, p. 18), “no lixão, o lixo fica exposto sem nenhum procedimento que possa evitar as consequências ambientais e sociais negativas”.

Figura 6 – Parte do Lixão Municipal de Itapeva em 2016



Fonte: Ita News (Jornal Local)⁴⁶.

Já o aterro sanitário⁴⁷, ainda segundo a CETESB (2017), é uma “espécie de depósito no qual são descartados resíduos sólidos, prioritariamente materiais não recicláveis”. Além disso eles “devem estar fora de áreas de influência direta em manancial de abastecimento público, distante 200 metros de rios, nascentes e demais corpos hídricos, a 1.500 metros de núcleos populacionais”, diferentes dos lixões que na maioria das vezes tem vilas que se formam aos seus arredores. Os aterros sanitários são muito importantes para que haja uma nova cultura de descarte do lixo, pois o lixo que é destinado é o ‘lixo orgânico’, o que auxilia na implantação de uma coleta de lixo nas cidades. Tecnicamente, segundo o autor Lopez (2017, p. 19):

Assim também, a norma NBR 8419 da ABNT define o aterro sanitário como “Técnica de disposição de resíduos sólidos urbanos no solo, sem causar danos à saúde pública e à sua segurança, minimizando os impactos ambientais, método este que utiliza princípios de engenharia para confinar os resíduos sólidos à menor área possível e reduzi-los ao menor volume permissível, cobrindo-os com uma camada de terra na conclusão de cada jornada de trabalho, ou a intervalos menores, se necessário”.

⁴⁶ Disponível em: <http://republicasim.blogspot.com/2008/08/lixo-de-itapeva-foto-ita-news-de-hoje.html>. Acesso em: 21 nov. 2020.

⁴⁷ Em uma reportagem veiculada pelo Jornal regional “O Alvo”.

Figura 7 – Modelo de Aterro Sanitário



Fonte: CETESB⁴⁸. Foto: Weliton Martins.

Figura 8 – Obras do aterro sanitário de Itapeva (2020)



Fonte: Jornal Itanews⁴⁹

⁴⁸ Foto de aterro sanitário localizado em Curitiba – PR. Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/biogas/2017/08/01/aterros-sanitarios-aterros-controlados-e-lixoes-entenda-o-destino-do-lixo-no-parana/>. Acesso em: 21 nov. 2020.

⁴⁹ Segundo o Jornal Itanews, em uma matéria sobre as obras do aterro sanitário da cidade de Itapeva, do dia 28 de setembro de 2020, o “aterro Sanitário está em processo de finalização pela Prefeitura”. Mais de três anos depois da interdição do lixão municipal de Itapeva. Essa interdição se deu principalmente para que os/as catadores/as não pudessem mais entrar no lixão, pois em um acordo feito entre prefeitura municipal e governo do estado, o lixão continuaria em funcionamento até a finalização das obras do novo aterro sanitário.

De acordo com o Jornal Itanews, “situado no Km 70 da Rodovia Pedro Rodrigues Garcia, SP-244, que liga Itapeva a Ribeirão Branco, o Aterro Sanitário de Resíduos Domiciliares está em processo de finalização por meio da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente. Esta obra já se estende desde o ano de 2008, quando foi

No ano de 2010 foi promulgada pelo governo federal a Lei nº 12.305, que tramitava no Congresso desde 1991, e que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos, regulamentando a coleta seletiva nas cidades em consonância com o fechamento de lixões por todo o Brasil (BRASIL, 2010). A política de resíduos sólidos no Brasil sempre foi um problema, que além de prejudicar o meio ambiente, acaba afetando a vida das pessoas, tendo em vista que a produção de lixo no Brasil⁵⁰ é muito expressiva, alcançando o quarto lugar no mundo nesse quesito. O descarte de materiais recicláveis de forma irregular é o principal problema, uma vez que é feito no lixo comum e acaba sendo descarregado nos quase três mil lixões existentes em mais de mil cidades do território brasileiro⁵¹, dos mais diversos estados. A preocupação com essa situação dos lixões no Brasil esteve presente desde o início do governo de Luís Ignácio Lula da Silva, mas uma verdadeira ação em forma de lei se concretizou no ano de 2010, em forma da Lei 12.305⁵². Pode-se analisar as disposições gerais dessa lei, que tornou urgente o fechamento dos lixões:

Art. 4º A Política Nacional de Resíduos Sólidos reúne o conjunto de princípios, objetivos, instrumentos, diretrizes, metas e ações adotados pelo Governo Federal, isoladamente ou em regime de cooperação com Estados, Distrito Federal, Municípios ou particulares, com vistas à gestão integrada e ao gerenciamento ambientalmente adequado dos resíduos sólidos. (BRASIL, 2010)

Segundo a norma, os lixões de todo território nacional deveriam fechar até o dia 2 de agosto de 2014, o que não aconteceu. O limite então para fechamento dos lixões foi alterado

feita uma licença prévia, de uma área de 13 hectares, a qual foi aprovada, mas que até 2017 estava em trâmite por conta de vários processos que aconteceram, tanto da análise da CETESB, quanto do município, que acabou não se realizando. Em 2017, o Vazadouro (atual Lixão) foi interditado pela CETESB para encerramento das atividades, o que impulsionou a implantação de fato da obra”. Disponível em: <https://www.jornalitanews.com.br/noticia/aterro-sanitario-esta-em-processo-de-finalizacao-pela-prefeitura/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

⁵⁰ O estudo “Solucionar a Poluição Plástica: Transparência e Responsabilização”, feito pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF), mostra que o Brasil é o quarto país no mundo que mais produz lixo. São 11.355.220 toneladas e apenas 1,28% de reciclagem. Só está atrás dos Estados Unidos (1º lugar), da China (2º) e da Índia (3º). No Brasil, segundo dados do Banco Mundial, mais de 2,4 milhões de toneladas de plástico são descartadas de forma irregular, sem tratamento e, em muitos casos, em lixões a céu aberto. Aproximadamente 7,7 milhões de toneladas de lixo são destinados a aterros sanitários. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-03/brasil-e-o-4o-pais-que-mais-produz-lixo-no-mundo-diz-wwf>. Acesso em: 01 mar. 2020.

⁵¹ O Brasil tem quase 3 mil lixões funcionando em 1.600 cidades, segundo relatório da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe). Por lei, todos os lixões do Brasil deveriam ter sido fechados até 2014, prazo dado pela Política Nacional dos Resíduos Sólidos. Publicado em: Brasil tem quase 3 mil lixões em 1.600 cidades, diz relatório. TCU Sustentável / Adgedam. Ano 33, nº O, 21 set. 2018.

⁵² Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112305.htm. Acesso em: 10 abr. 2020.

para o ano de 2018, através da Medida Provisória nº 651. Essa alteração causou revolta em muitos setores que comungavam com a ideia de acabar de uma vez por todas com a situação, que trazia muitos problemas para o meio ambiente e para parcela da sociedade. O Movimento Nacional de Catadores de Material Reciclável⁵³ se manifestou, como vemos na notícia da Agência Brasil⁵⁴, a seguir:

Movimento de catadores e especialistas criticaram medida provisória aprovada pelo Senado em 29 de outubro e que estende o prazo para que as prefeituras acabem com os lixões até 2018. A medida aguarda sanção presidencial. O prazo original determinado pela Lei Nacional de Resíduos Sólidos (Lei 2.305), de 2010, encerrou-se em agosto deste ano. Para um dos articuladores do Movimento Nacional de Catadores de Material Reciclável (MNCR), Alex Cardoso, se aprovada, a medida poderá representar um grande retrocesso para o meio ambiente e para os catadores do país. [...] O MNCR enviou em setembro uma carta aberta a senadores e deputados em que narra a morte de um trabalhador que foi soterrado pelo lixo e esmagado por máquinas usadas no Lixão da Estrutural, em Brasília. O caso ocorreu um dia após a morte de uma criança de 6 anos no Lixão Soledade, no Rio Grande do Sul. O movimento está em contato com o conselho do Ministério Público e outras entidades da sociedade civil para que a medida seja vetada pela Presidência e que apenas os municípios que estejam na estaca zero do processo tenham maior prazo para se readequar à legislação. “Não dá para tratar todos os municípios de forma igual. Precisamos saber de fato quais já não têm lixões e o que pode ser feito para solucionar o problema daqueles que ainda têm lixões”, disse Cardoso. Antes da medida provisória, os municípios que mantiveram lixões após o prazo da Lei 2.305 poderiam sofrer sanções civis e responder por crime ambiental.

O Ministério do Trabalho e Emprego, ainda no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva já tinha assumido o compromisso de auxiliar os/as catadores/as dos lixões que existiam no Brasil a criar cooperativas de trabalho, para que assim eles/as tivessem uma saída para essa situação. A ONG Ecoar⁵⁵, da cidade de São Paulo, pertencente ao que é nomeado por

⁵³ O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) é um movimento social que há cerca de doze anos vem organizando os catadores e catadoras de materiais recicláveis do Brasil. Seus objetivos, conforme afirma são “garantir o protagonismo popular de nossa classe, que é oprimida pelas estruturas do sistema social. Temos por princípio garantir a independência de classe, que dispensa a fala de partidos políticos, governos e empresários em nosso nome. Acreditamos na prática da ação direta popular, que é a participação efetiva do trabalhador em tudo que envolve sua vida, algo que rompe com a indiferença do povo e abre caminho para a transformação da sociedade”. Disponível em: <http://www.mnrc.org.br/sobre-o-mnrc>. Acesso em: 30 abr. 2020.

⁵⁴ Publicado em 05/11/2014 - 18:11 Por Flavia Villela – repórter da Agência Brasil - Rio de Janeiro. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-11/prorrogação-de-prazo-para-fechamento-de-lixoes-e-criticada-por-catadores>. Acesso em: 30 abr. 2020.

⁵⁵ No site da ONG Ecoar pode-se ver claramente os seus objetivos e trabalhos que já foram realizados, como segue: “O que fazemos? Projetos de Criação e Fortalecimento de Cooperativas de Catadores de Resíduos Sólidos. Educação Ambiental e Geração de Renda a comunidades vulneráveis: Fortalecer e organizar os catadores(as) da Região Metropolitana de São Paulo e interior. Parceiros: Secretaria Nacional da Economia Solidária. Financiador:

especialistas de “terceiro setor”⁵⁶, teve expressiva participação em Itapeva. Contratada pelo mesmo Ministério e com o apoio da Secretaria Nacional da Economia Solidária⁵⁷, iniciou uma ação de conscientização com os/as catadores/as do lixão, visando já naquela época a formação de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis.

A líder dos catadores e hoje presidente da Cooperativa de Recicláveis Santa Maria, Mônica Moraes⁵⁸, narra as suas primeiras experiências após a chegada do senhor Fábio Cardoso, representante da ONG Ecoar e da senhora Marineide Nunes, representante do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis:

Quando o Fábio da ONG chegou, em 2015, e veio de São Paulo para nos ajudar, era para nós como líder do lixão já na época. Quando o Fábio chegou ele foi primeiro na “disciplina”⁵⁹. O Fábio explicou a ideia que era para nos tirar do lixão e formar uma cooperativa e a gente disse que não queria. Não queremos sair do lixão. Todo mundo achava que era ilusão e que não ia dar certo e que a ONG queria só ganhar dinheiro. Aí eu conheci a Marineide, que veio junto com o Fábio, de São Paulo, ela mora em Osasco, e é catadora também e hoje ela é presidente da cooperativa lá e fala super bem. Ela nos ajudou muito, muito, muito. E a Marineide veio com os filhos dela e alugou uma casa na Santa Maria. Ela entendia muito bem e brigava com o prefeito da época. Em todos os movimentos que tinham em São Paulo a Marineide estava envolvida. Movimento das mulheres também sabe, ela lutava por isso. Ela veio, ali no lixão e acompanhava nosso trabalho. Ela explicava sobre cooperativa, o que era cooperativa, como era sair do lixão. Ela explicava um monte de coisa. Um grupo ia na reunião na casa dela, mas outro não estava nem aí. Aí chegou uma época que a turma chegou a desacreditar tanto na cooperativa, tanto, tanto que só ficou eu, a Camila⁶⁰ e algumas pessoas. Nessa época a Marineide me convidou para um Congresso de Catadores em São Paulo. Eu nunca tinha ido para São Paulo. Aí a turma do lixão falou: “você vai para São Paulo com essa mulher? Não sabe o projeto deles, imagina se tem alguma coisa errada”. Vamos e seja o que Deus quiser. Chegando lá o Fábio nos levou ao hotel. Fomos no congresso de catadores que tinha catador do mundo inteiro

Ministério do Trabalho e Emprego”. Disponível em: <http://www.ecoar.org.br/web/pag.php?id=31>. Acesso em 29 out. 2018.

⁵⁶ Segundo Burgos (2013, p. 113), “A consolidação do Terceiro Setor, ou das entidades da sociedade civil organizada, na plataforma de reforma prescritas pelas políticas neoliberais pós anos 1970 – período no qual se configura o quadro de reformas do Estado e de reestruturação produtiva – é aqui compreendida como parte constitutiva de uma mudança conjuntural, pois a atuação das ONGs converge para aquilo que Harvey (2005) nos explica sobre formas pelas quais o estado exerce o poder, para além do aparato governamental propriamente dito. Neste sentido, a fragmentação das instituições – a exemplo do que possa ser a miríade de ONGs parceiras do Estado - parece coerente com a necessidade de gerenciar os desequilíbrios entre riqueza e pobreza, ou entre dominantes e dominados, inerentes ao sistema capitalista”.

⁵⁷ Ativada a partir de 2004 pelo governo Lula para dar apoio a formação de Cooperativas de Trabalho baseadas na Economia Solidária.

⁵⁸ Entrevista concedida ao autor no mês de outubro de 2019. Os nomes dos catadores e catadoras foram substituídos por nomes fictícios. Mônica tem 37 anos.

⁵⁹ Pessoa que detém o poder de decisão dentro da vila Santa Maria.

⁶⁰ Nome fictício.

naquele ano. Conhecemos um monte de gente, um monte de catador de lixo e de rua. Cooperativas tinham várias e de todos os tipos. Aí depois eu comecei a ir para São Paulo na casa da Marineide para ir nesses negócios de cooperativa. Aí uma vez o Fábio pediu para nós falarmos sobre o lixo, mas chegando lá tinham umas quinhentas pessoas. Tinha um monte de gente, mas era gente rica. Aí falei para o Fábio que eu não ia falar. Aí o Fábio falou: “você veio lá de Itapeva para falar”. Aí falei: “eu não vou falar, não vou enfrentar todas essas pessoas para contar a minha história”. Aí o Fábio falou: “se vocês não forem lá na frente e não mostrarem a história de vocês, ninguém vai saber quem vocês são, nem de onde vocês são, então levantem e vão lá”. Eu fui tremendo e as minhas pernas tremiam. Daí começou a aparecer no telão lá as fotos do lixo, as pessoas trabalhando e eu tive que explicar tudo. E as pessoas que estavam olhando a nossa história começaram a se emocionar tanto e começaram a chorar. Ficaram impressionados com a nossa história. Aí nós ficávamos pensando, “será que nós vamos mudar? Será que nós vamos sair do lixo?”. Nós não acreditávamos também. Depois, mais para frente, fomos para Brasília e fiquei uma semana lá no congresso também de catadores. Quando voltamos a turma ficou falando “isso não está certo, vocês ficam só viajando”. Mas nós decidimos continuar. Aí chegou uma época que desanimamos também e nós falamos para o Fábio que a gente queria formar a cooperativa, mas só com dois, três, não dá: “isso não vai dar certo, melhor nós ficarmos no nosso cantinho aqui, e você pode ajudar outras pessoas que nós não queremos mais”. Aí veio até um promotor público, entrou no lixo com um papel e falou que ia tentar nos ajudar. Mas dissemos que não queríamos mais. Pedimos para a Marineide nem vir mais. Nós não acreditamos mais. Aí ficamos mais dois anos na mesma.

Percebe-se que muitos foram os entraves encontrados nas primeiras tentativas de formar a cooperativa, mas o que fica claro na fala de Mônica Moraes é que havia a esperança de sair daquela situação na vida de muitos, e ela frisa que os mais jovens acreditavam, mas os mais velhos tinham muita resistência. Não foi de uma hora para outra que a decisão da formação da cooperativa foi tomada, pois muitos deles se sentiam “incluídos” de alguma forma na sociedade trabalhando no lixo, ainda que fosse em uma situação desumana. É possível entender o olhar deles em relação a isso, pois tudo ainda era muito vago e a situação real era continuar trabalhando para sobreviver. O entendimento de que necessitavam de uma tomada de decisão concreta para abandonar o lixo foi lento, sendo que só eles podiam realmente fazer isso, considerando ainda que essa decisão teve força, inicialmente, entre os jovens. Freire (2003, p. 30) ensina que “quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias”.

Após essa primeira experiência de tentativa da formação da cooperativa os/as catadores/as continuaram no lixão, pensando que não seria possível a criação da mesma. Passaram-se alguns anos e a retomada do projeto acontece, como explica Mônica:

E um dia do nada o Fábio chegou e veio atrás de mim. Aí falou: “Mônica, agora vai para frente a cooperativa”. Aí eu falei: “Fábio, nós não queremos, nós queremos continuar no lixão”. Aí ele falou: “o lixão vai fechar”. Eu disse: “Deixe que feche. Morrer de fome nós não vamos, nós nos viramos”. O Fábio insistiu. Aí pegamos a turma que queria de novo e fomos para a reunião com o Fábio. Aí o Fábio falou: “eu vim com uma proposta agora e tem um bispo novo em Itapeva e agora vai”. E nós dissemos: “Não vai nada é só ilusão isso”. O Dom Arnaldo estava chegando em Itapeva nessa época e o Fábio conversou com o Dom Arnaldo e ele abraçou a causa. Aí quando o Dom Arnaldo abraçou parece que começou, aí o prefeito já nos aceitava na prefeitura, porque o outro prefeito nunca nos recolheu. Aí nós já fomos na prefeitura na primeira reunião e na segunda. Quando esse prefeito de hoje ia entrar, na época da eleição, teve um encontro no Rotary e o bispo levou um papel para todos os candidatos assinarem que eles iam assumir um compromisso com essa cooperativa. Aí a coisa começou a desenrolar. [...] No dia que foi fechar o lixão o Fábio ligou de São Paulo para mim e disse: “Viu Mônica, o lixão vai fechar amanhã e vai ser tal hora, e você esteja preparada. Eu estou te contando para você já se preparar”. Aí eu falei: “meu Deus o que que eu faço?”. Todos os meus amigos se viraram contra mim. Porque assim, “a Mônica e a Paula querem que o lixão feche porque elas vão ganhar muito dinheiro e querem que a gente fique sem serviço e que o prefeito feche e nós vamos ficar sem nada”, então começaram a se virar contra nós. Mas nós continuamos a luta. O lixão vai fechar e nós vamos montar uma cooperativa sim. Porque nessa época a gente estava firme.⁶¹

No dia nove de março do ano de 2017, efetivamente, o lixão municipal da cidade de Itapeva foi parcialmente fechado, através de uma imposição do governo do Estado de São Paulo, sem nenhum aviso aos principais interessados no assunto, que eram os/as catadores/as, que foram obrigados a sair de uma vez por todas do ambiente, como segue na notícia veiculada pelo site G1⁶²:

⁶¹ Fala de Mônica Moraes, líder do Movimento (setembro de 2019).

⁶² Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/itapetininga-regiao/noticia/2017/03/aterro-sanitario-de-itapeva-sp-e-interditado-coleta-de-lixo-continua.html>. Acesso em 30 abr. 2020.

O aterro sanitário de Itapeva (SP) foi parcialmente interditado nesta quinta-feira (9) pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente por irregularidades ambientais no espaço. Apesar do problema, a coleta de lixo continuará normalmente porque o Executivo conseguiu autorização para usar parte do terreno por três meses. Depois dos 90 dias o local será completamente interditado. De acordo com o secretário estadual de Meio Ambiente, Ricardo Salles, a medida aconteceu após sucessivas notificações e multas à prefeitura. “É obrigatória a apresentação de um plano de encerramento dessa área, a correção das irregularidades, e para a nova área a adequação prévia de tudo que será operado lá. Não abrimos mão de nenhuma exigência legal, regra ambiental, o que podemos fazer é dar mais orientações e agilizando o processo, e isso estamos fazendo”, afirma. O processo para o fechamento do aterro começou em 2017, quando a prefeitura assinou um termo para se adequar às irregularidades ambientais. Em 2009 houve pedido de interdição por parte da Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb), mas que não aconteceu. Em abril de 2016 foi feita uma nova tentativa, mas novamente houve prorrogação do prazo. A Cetesb deu ao município mais 30 dias para regularização, novamente não respeitado. “Esse é um processo que está se arrastando a mais de um ano, a combinação da interdição vem de pelo menos cinco meses. Nesse período foram muitas diárias, notificações e advertências com prazo mínimo de um mês entre elas. Agora culminou com a interdição”, explica o secretário estadual. O que agrava a situação do aterro é a quantidade de trabalhadores que dependem do aterro. Por isso, durante a interdição nesta quinta-feira houve muita conversa entre as autoridades e os catadores. (G1, 09.03.2017)

Figura 9 – Lixão municipal foi parcialmente interditado (2017)



Fonte: G1 Itapetininga e região.⁶³

⁶³ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/itapetininga-regiao/noticia/2017/03/aterro-sanitario-de-itapeva-sp-e-interditado-coleta-de-lixo-continua.html>. Acesso em 30 abr. 2020.

O bispo de Itapeva, Arnaldo Carvalheiro Neto, esteve no local. Ele faz parte de uma comissão que pretende criar uma cooperativa de reciclagem e dar condições de trabalho aos moradores da Vila Santa Maria. “A proposta nossa, da igreja e de outros setores da sociedade, é discutir novos caminhos. E a proposta principal é organizarmos os trabalhadores através de um diálogo no sentido de se formar uma cooperativa”, propõe. São pelo menos 60 pessoas que trabalham diariamente no lixão. A catadora Doralina Carriel, por exemplo, há mais de 30 anos tira o sustento do lixo. Ela continuou no mesmo trabalho do pai, que também era catador. Agora, sonha em poder trabalhar na cooperativa. “A gente quer o melhor para nós, porque há quanto tempo a gente troca de prefeito e nós continuamos aqui. Eu não quero que meus netos continuem aqui, quero o melhor para eles”, espera. (G1, 09.03.2017)

Figura 10 – Catadores e catadoras com o bispo de Itapeva (2017)



Fonte: G1. Itapetininga e região.⁶⁴

3.2 Cooperativa Santa Maria: uma realidade

Como afirma Freire (2014, p. 48): “A libertação [...] é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos”. Neste processo de libertação que acompanhou a formação da cooperativa, houve uma importante presença da sociedade civil (ONGs, Igrejas, Escolas, Universidades e outras esferas da sociedade) e o poder público, que se organizaram em função dos inúmeros problemas que se sucediam, a fim de que pudessem

⁶⁴ G1. 2017. Aterro sanitário de Itapeva, SP, é interditado; coleta de lixo continua. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/itapetininga-regiao/noticia/2017/03/aterro-sanitario-de-itapeva-sp-e-interditado-coleta-de-lixo-continua.html>. Acesso em 30 abr. 2020.

auxiliar os/as catadores/as. Assim temos o nascimento do “Movimento Viva Janaína Alves”⁶⁵, composto pela estrutura apresentada, que será a seguir melhor detalhada.

Após o fechamento do lixão, a cooperativa começou a ser formada com liderança dos catadores e catadoras mais jovens, mas contou também com o apoio de uma comissão intitulada de Conselho Municipal de Apoio a Cooperativa, composto por: OSB⁶⁶ (Observatório Social do Brasil), OAB SP⁶⁷ (Ordem dos Advogados do Brasil), ARESPI⁶⁸ (Associação Regional dos Engenheiros de Itapeva), FAIT⁶⁹ (Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva) e MNCR (Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis). O conselho não exerceu e nem exerce o papel de gestor da cooperativa, mas sim de apoio, orientação, formação e fiscalização, dando condições para que os/as catadores/as pudessem iniciar seus trabalhos. Esse conselho auxiliou a constituição jurídica da cooperativa.

Antes de iniciarem os trabalhos na cooperativa, os/as catadores/as tiveram cursos sobre cooperativismo, ministrados pelo poder público e por instituições de ensino da cidade, inclusive sobre a legislação que regulamenta esse setor. Durante o processo de criação da cooperativa foram recebidos em doação, e também adquiridos, equipamentos e materiais necessários para o trabalho. As doações foram feitas em grande parte pela Cáritas Diocesana de Itapeva, um braço importante no trabalho social da Igreja Católica. A Pastoral da Criança⁷⁰ também teve participação neste processo, dando o aparato necessário para as crianças das famílias dos/as catadores/as, como já faz na vila Santa Maria há mais de trinta anos. Durante o espaço de tempo entre o fechamento do lixão e a abertura da Cooperativa Santa Maria, enquanto os/as catadores/as estiveram em cursos, a Prefeitura Municipal de Itapeva os auxiliou com uma bolsa

⁶⁵ O nome do movimento foi uma lembrança a Janaina Aparecida Alves de Lima, cuja história já foi brevemente narrada no Capítulo 1.

⁶⁶ É um espaço para o exercício da cidadania, que deve ser democrático e apartidário e reunir o maior número possível de entidades representativas da sociedade civil com o objetivo de contribuir para a melhoria da gestão pública. Disponível em: <http://osbrasil.org.br/o-que-e-um-observatorio-social-os>. Acesso em: 01 maio 2020.

⁶⁷ Criada em 22 de janeiro de 1932, a Seção de São Paulo da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB SP) é responsável pela representação, defesa, seleção e disciplina dos advogados. Disponível em: <http://www.oabsp.org.br/sobre-oabsp/>. Acesso em 01 maio 2020.

⁶⁸ Associação Regional dos Engenheiros de Itapeva é uma organização sem fins lucrativos que visa unir e promover benefícios aos Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos de Itapeva e Região. Disponível em: <https://www.arespi.org.br/>. Acesso em: 01 maio 2020.

⁶⁹ O Grupo FAEF foi fundado em 1986, e mantém quatro instituições de ensino superior nas cidades de Jaciara-MT, Garça-SP, Itapeva-SP e Marília-SP. Disponível em: <https://www.fait.edu.br/institucional/apresentacao>. Acesso em: 01 maio 2020.

⁷⁰ A Pastoral da Criança, organismo de ação social da CNBB, alicerça sua atuação na organização da comunidade e na capacitação de líderes voluntários que ali vivem e assumem a tarefa de orientar e acompanhar as famílias vizinhas em ações básicas de saúde, educação, nutrição e cidadania tendo como objetivo o "desenvolvimento integral das crianças, promovendo, em função delas, também suas famílias e comunidades, sem distinção de raça, cor, profissão, nacionalidade, sexo, credo religioso ou político" (Artigo 2º do Estatuto). Disponível em: <https://www.pastoraldacrianca.org.br/quemsomos>. Acesso em: 01 maio 2020.

de R\$ 450,00 mensais e uma cesta básica por família, que era retirada no CRAS (BRASIL, 2015)⁷¹, infelizmente com muita dificuldade. Mônica relata esse momento de transição:

Fechou. O homem falou que não queria mais ninguém lá e que iria interditar e que não ia pôr mais lixo lá. Eu fiquei feliz e fiquei triste, porque vai que eles que falaram que vão abraçar a nossa causa não abraçam. Porque é uma situação difícil. Nós tínhamos contas para pagar, água e luz. Nós vivíamos daquilo ali. Passou uma semana foi um pessoal lá, o Dom Arnaldo também, e pegaram o talão de todas as pessoas, água, luz, as contas que nós tínhamos para pagar naquela época. Pagaram as dívidas da turma. A Igreja Católica acho que foi a parte mais importante, na época era a dona Célia e a Cleide também da Pastoral da Criança, que foram lá e falaram assim: Nós estamos arrecadando as coisas para vocês, o que vocês precisarem nós vamos conseguir. Aí fomos na igreja e deram uma cesta básica boa para todos, que eles arrecadaram, e pegaram de novo todos os talões de água, luz, até de quem já estava com a luz cortada, e pagaram tudo. E falaram: “olha, esse mês as dívidas de vocês estão pagas. E o alimento também está garantido. Vamos ver o que nós vamos fazer”. Aí corremos atrás do prefeito, e deu certo para nós ficarmos ganhando R\$ 450,00 por mês e uma cesta básica do CRAS. Fomos no CRAS na época e falamos: “estamos com um papel e viemos pegar uma cesta do mês para tantas pessoas que vão montar a cooperativa”. A turma do CRAS nos humilhava. Nós éramos humilhados e eles diziam: “nós não vamos dar cesta para vocês. Nós só vamos dar cesta para as pessoas que realmente têm cadastro aqui”. Aí nós falávamos: “mas é pela prefeitura”. E eles falavam que o prefeito não pode ficar mandando um monte de gente pegar cesta. Foi aquela briga, sabe? Daí decidiram dar a cesta, mas era aquela humilhação. Chegava o dia da cesta era humilhante. Sabe? Mas nós precisávamos, não é? Daí o CRAS mesmo eu conto que praticamente não ajudou. Por um lado, ajudou e por um lado não estava nem aí.

A assembleia para constituição e formação da diretoria da cooperativa aconteceu no mês de março de 2017, e em agosto do mesmo ano foi concedida a regularização legal da cooperativa. No documento do cadastro nacional de pessoa jurídica, que tive acesso, a cooperativa aparece intitulada como “Cooperativa de Trabalho dos Catadores e Catadoras de Material Reciclável de Itapeva, Unidos pelo Futuro”. A cooperativa teve a sua prática de trabalho iniciada mais precisamente no mês de outubro de 2018. O principal entrave foi

⁷¹ O Centro de Referência de Assistência Social (Cras) é a porta de entrada da Assistência Social. É um local público, localizado prioritariamente em áreas de maior vulnerabilidade social, onde são oferecidos os serviços de Assistência Social, com o objetivo de fortalecer a convivência com a família e com a comunidade. A partir do adequado conhecimento do território, o Cras promove a organização e articulação das unidades da rede socioassistencial e de outras políticas. Assim, possibilita o acesso da população aos serviços, benefícios e projetos de assistência social, se tornando uma referência para a população local e para os serviços setoriais. Conhecendo o território, a equipe do Cras pode apoiar ações comunitárias, por meio de palestras, campanhas e eventos, atuando junto à comunidade na construção de soluções para o enfrentamento de problemas comuns, como falta de acessibilidade, violência no bairro, trabalho infantil, falta de transporte, baixa qualidade na oferta de serviços, ausência de espaços de lazer, cultural, entre outros.

conseguir um local apropriado para as instalações, pois a prefeitura, que os auxiliou no pagamento do aluguel no primeiro ano de funcionamento, estipulou um valor máximo a ser pago. Depois de muito custo encontraram um barracão apropriado para começar as atividades. Antes ainda de iniciar os trabalhos no barracão, uma rede de mercados da região⁷², após pedido do bispo diocesano, começou a ceder de forma completa suas caixas de papelão, nas quais vinham os produtos. Para o processamento desse material, a Igreja Católica cedeu o salão paroquial na vila Santa Maria, mas o espaço logo começou a ficar pequeno. O barracão locado, onde iniciaram seus trabalhos, fica na vila Aparecida, bairro localizado próximo à vila Santa Maria, onde eles queriam que fosse a cooperativa, mas que não foi possível, pois lá não havia nenhum prédio com espaço suficiente.

No início as coisas não aconteceram como, principalmente, os jovens da cooperativa imaginavam, o material que parecia ser muito no início, na verdade era pouco, pois precisavam dividir o dinheiro das vendas entre todas as famílias. Assim, eles foram procurando outras saídas para obter o sustento, como Mônica relata novamente:

Na época o Fábio trazia pessoas da cooperativa para nos ensinar. Eles ensinavam que o barracão tinha que ter estoque. Tudo sobre a cooperativa. Como era a venda e que não era difícil. Eu na época era muito estourada, qualquer coisa eu gritava e brigava com eles. Eles falavam que quem está na frente tem que ter paciência com os demais. Vai enfrentar muitos problemas. Mas na época nós falávamos que não ia ser assim. Nós vamos ter nosso caminhão assim e nossa cozinha vai ser assim e o nosso refeitório assim. Só que era coisa da nossa cabeça. Não existia cooperativa. Aí já veio a proposta do mercado para nós pegarmos material e nós não tínhamos espaço, porque a gente ficava no salão da Igreja Católica na vila Santa Maria e não tinha espaço. Aí todos os barracões que nós achávamos e queríamos nunca davam certo. E nós queríamos nos enfiar em qualquer lugar para nós trabalharmos. Aí nós estávamos bem acreditando e na época eram uns cinquenta que estavam conosco. Quando nós corríamos atrás de barracão e não dava certo, então nós encontramos esse. Quando nós entramos e conhecemos esse de hoje, nós dissemos: “nossa, nós estamos no céu”. Um espaço gigante e tal. Mas daí quando nós entramos, a gente já tinha o material do mercado. Era a única coisa que a gente tinha para separar. Aí nós pegávamos o material do Cofesa e não tínhamos mais nada para fazer. Não tinha serviço. Nós ganhávamos duzentos e pouco por mês. Aí que eu falei: “vamos pegar as *bags* e vamos catar material na rua”. Aí conseguimos uns apoiadores, que começaram a doar material para nós. Aí vieram pessoas querendo conhecer a cooperativa e já começaram a doar. Aí nós já fizemos a ideia do bazar beneficente. Nós pegávamos as coisas, arrumávamos, vendíamos e começamos.

⁷² Essa rede está presente em Itapeva, onde tem três supermercados.

Figura 11 – Dependências da cooperativa



Fonte: Página do Facebook da Cooperativa Santa Maria.⁷³

Só foi possível a cooperativa se tornar uma realidade, além da ação dos/as próprios/as catadores/as, porque teve o apoio de uma rede com variadas instituições da cidade, ONGs e movimentos que se constituíram para auxiliar na formação da mesma. Burgos (2013, p. 115) ressalta que

No processo de estruturação da indústria da reciclagem, mais especificamente na institucionalização da sua base, diversos agentes sociais são mobilizados, articulando esfera pública, setor privado e sociedade civil organizada, definindo um terceiro setor da indústria de reciclagem. Antes de mais nada, é preciso destacar que a reciclagem no Brasil, além de se configurar como um novo setor produtivo, também se apresenta como uma questão social.

Não há como negar que os/as catadores/as, estando agora na cooperativa, têm um trabalho menos sofrido do que tinham no lixão. O trabalho nas cooperativas de recicláveis não é fácil também, os ganhos são limitados, sendo que, na verdade, eles dão uma grande contribuição para a cidade na questão da preservação do meio ambiente, que no caso de Itapeva ainda nem implantou a coleta seletiva, como já foi prometido aos/às catadores/as. Os/as trabalhadores/as desse setor se sentem incluídos/as e por muitas vezes a sociedade civil organizada pensa que fez muito ao destinar materiais para a cooperativa, mas não tem a verdadeira dimensão do que é ser um/a catador/a de material reciclável, e todas as dimensões desse trabalho. Essas cooperativas acabam seguindo as imposições do capital, pois por muitas

⁷³ Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/category/Community-Organization/Cooperativa-de-Recicl%C3%A1veis-Santa-Maria-181902909199745/>. Acesso em: 01 maio 2020.

vezes estão a serviço dos dominantes do setor, ou seja, as indústrias de reciclagem, que ainda imperam neste processo econômico (BURGOS, 2013).

A indústria da reciclagem é um setor que cresce muito no país, e a Cooperativa Santa Maria também está incluída nisso, pois depende de grandes compradores de materiais recicláveis para que possa ter seu sustento, e por muitas vezes essas grandes indústrias acabam controlando o mercado, visando um lucro ainda maior. As indústrias exigem a matéria prima que necessitam e as cooperativas seguem essas exigências para que possam sobreviver (BURGOS, 2013, p. 117).

Quando se fala em Indústrias de Reciclagem, não há como negar a interferência que o capital tem na vida desses/as catadores/as, que dependem dessas indústrias para que possam sobreviver e por muitas vezes são manipulados/as. As classes sociais mais baixas, como é o caso dos/as catadores/as, é que acabam sofrendo as maiores consequências negativas nesse processo. O pesquisador da área, Uilmer Rodrigues Xavier da Cruz (2020, p. 118; 126), traz a seguinte reflexão:

Harvey (2011) afirma que o capital(ismo) não é um objeto fixo, imutável, porém um processo. As relações sociais e, por sua vez, de classe, estão dispostas em consonância com uma lógica: a da acumulação permanente de capital de uma classe em detrimento de outra(s). Para tanto, o autor destaca que a sociedade se organiza em setores/segmentos, cujas ações e práticas, através das relações, são perpassadas pelas necessidades desse sistema. [...] Neste sentido, convém o argumento de que a rede de reciclagem é composta por trabalhadores de catação, constituintes do circuito inferior da economia, porém também por sujeitos que constituem o circuito superior, como os 'atravessadores' e 'empresários', como aponta Gonçalves (2006). Segundo o autor, os atravessadores são responsáveis pela negociação direta dos materiais coletados pelos trabalhadores cujas forças de trabalho são exploradas na prática de catação, o que colabora ainda mais para o tensionamento das relações de trabalho e a marginalização destes sujeitos em relação à indústria de reciclagem, perpetuando suas posições no circuito inferior da Economia.

Dessa forma, todo esse sistema de dependência da cooperativa em relação a essas indústrias de reciclagem, em consequência, traz ainda mais pobreza para esses/as catadores/as que poderiam ganhar mais, se não fossem os atravessadores e as indústrias de reciclagem. Cruz (2020, p. 130) afirma que:

Por outro lado, embora seja um importante componente da economia brasileira, a Indústria da Reciclagem, assim como as outras, traduz, em sua estrutura, através das relações dos sujeitos envolvidos em seu funcionamento, uma ampla desigualdade social. Essa afirmação, ainda em diálogo com Pereira

et. al. (2016), justifica-se, pois o valor de repasse à base da rede de reciclagem, que se constitui dos catadores de material reciclável, é bastante baixo. Isso ocorre devido ao grande valor absorvido pelos autores que constituem a rede em posições de poder mais concentrado, como os atravessadores (sucateiros) e os empresários.

Uma reflexão tem que ser feita, pois os/as catadores/as e as cooperativas de reciclagem, como é o caso da Santa Maria, são de profunda importância para a manutenção da chamada lógica do capitalismo, no que se refere ao setor de reciclagem, pois sem essa base não é possível que o material chegue até essas indústrias. Eles acabam fazendo o trabalho mais difícil e mais sujo, e o valor pago por esse trabalho é muito pequeno, tendo em vista o baixo valor pago a eles e o quanto as indústrias de reciclagem lucram com isso. Não há uma valorização efetiva dos/as catadores/as em toda essa larga estrutura da reciclagem, onde eles/as são primordiais (CRUZ 2020, p. 133).

3.3 Cooperativismo, Economia Solidária e saberes do trabalho associado

A Lei 12.305 (BRASIL, 2010)⁷⁴, mais precisamente no artigo 18, inciso II, prevê que as prefeituras têm a obrigação de “implantar a coleta seletiva com a participação de cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis, formadas por pessoas físicas de baixa renda”. As cooperativas de recicláveis já fazem parte do histórico de tentativas de implantação de coleta seletiva na cidade de Itapeva, que acabaram nunca dando certo, por motivações exteriores a essas cooperativas, e também interiores, visto que elas atenderam apenas às necessidades de pessoas que não pertenciam ao grupo de catadores que trabalhava no lixão municipal de Itapeva, a saber, empresas interessadas da região. Essas cooperativas que já surgiram no passado, mais precisamente nos anos de 1990, e não vigoraram na cidade, acabaram virando propriedade restrita de algumas famílias, não tendo uma participação livre e efetiva de catadores/as na época.

O cooperativismo surge na vida do ser humano como uma forma de sobrevivência, pois os meios que o capitalismo acaba historicamente impondo para a massa trabalhadora nunca atendem aos seus anseios sociais de igualdade. No caso do Brasil, como já foi apresentado no capítulo anterior, apesar dos avanços nas últimas décadas, neste momento vivemos um declínio da situação social novamente. O cooperativismo, inclusive, teve grande relevância e apoio em

⁷⁴ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm. Acesso em: 15 abr. 2020.

determinados governos passados, principalmente nos dois governos do presidente Lula, no qual a Secretaria de Economia Solidária teve uma forte atuação junto a essa temática.

Durante a Revolução Industrial europeia, no século XIX, existiram inúmeras crises econômicas⁷⁵, que acabaram trazendo crises sociais, e uma das saídas encontradas foi a organização autogestionária, como afirma Jacob Carlos Lima (2004, p. 45-46):

As experiências socialistas de modelo soviético não deram certo, a eliminação do mercado mostrou ser ineficaz, e as transformações capitalistas mudaram o perfil da classe trabalhadora. A crise da sociedade salarial ou do modelo fordista, que agregou direitos sociais à relação de trabalho, representou a necessidade de buscar formas alternativas de organização do trabalho e de autonomia dos trabalhadores, diante do crescimento do desemprego, da perda dos direitos sociais do período anterior e do enfraquecimento do movimento sindical. A proposta de cooperativismo de trabalho, juntamente com outras formas associativas de organização dos trabalhadores, tem sido recuperada com o objetivo de dar continuidade à luta por uma sociedade mais igualitária e socialista, no novo contexto do desenvolvimento capitalista.

Para entender o cooperativismo, é importante trazer um contexto histórico do seu surgimento, entendendo assim as suas raízes, que vêm do socialismo utópico, mais precisamente da Inglaterra, durante a Revolução Industrial nos séculos XVIII e XIX. “Os chamados socialistas utópicos entendiam a cooperativa como um dos caminhos para uma nova ordem econômica e social, o grande teórico dessa linha de interpretação foi o inglês Robert Owen, que viveu de 1771 a 1858” (RECH, 2000, p. 9). Mas não foi rapidamente que as cooperativas ganharam a forma que têm hoje. Depois de muitas experiências, inclusive frustrantes, só no século XIX elas foram consolidadas (RECH, 2000).

É interessante analisar o exemplo do socialista utópico inglês Robert Owen, que inclusive começou sua vida como proletário, chegando mais tarde a ser sócio proprietário de uma fábrica de tecidos, e que propôs ao governo britânico em um momento de uma grave crise econômica na Inglaterra, em 1815, uma organização de trabalho cooperado de trabalhadores desempregados, como recorda a autora Kelen Christina Leite (2005, p. 137 e 138):

Seu diagnóstico foi a óbvia constatação de que a crise e a depressão econômica eram causadas por queda na demanda de produção que, àquela época, estava

⁷⁵ “No século XIX, a expansão mundial da produção capitalista foi ampliando o escopo e a profundidade das crises comerciais e financeiras. A crise econômica iniciada em 1873, com o craque da Bolsa de Viena, atingiu dimensões mundiais ao atingir a economia inglesa, centro indiscutido do capitalismo mundial. [...] Após vinte e dois anos de prosperidade (com algumas interrupções), entre 1851 e 1873, o capitalismo conhecia uma crise de grandes proporções, sua primeira crise contemporânea, que originou uma grande depressão, até 1895 (COGGIOLA, 2009, p. 71-72)”.

voltada para a indústria de guerra. Essa queda da demanda acabou por gerar um grande desemprego fazendo com que as pessoas buscassem migrar para a indústria têxtil que, porém, não foi capaz de absorver toda a mão de obra disponível possibilitando ainda ao capital jogar com o preço da força de trabalho, história essa que nos parece muito atual. Diante de tal situação, a proposta de Owen era a simples revitalização e reinserção dos trabalhadores ociosos na produção permitindo-lhes ganhar um salário para gastá-lo no consumo, o que ampliaria o mercado para outros produtos.

Assim, ao invés da simples ajuda para retirar as pessoas da situação de pobreza, Owen propôs que o governo britânico comprasse terras e investisse na construção de Aldeias Cooperativas, com cerca de 1200 pessoas, que trabalhariam na terra e em indústrias produzindo para a própria subsistência trocando os excedentes entre as cooperativas.

Como expressou o autor Lima (2004, p.46) as cooperativas, chamadas “de trabalho”⁷⁶ nascem, como citado, com os socialistas utópicos que propõem a autogestão, que vem a ser uma empreitada contra o desemprego que assolou as condições sociais dos trabalhadores das fábricas. Esses trabalhadores despertaram para a luta, mediante os movimentos do operariado da época.

O cooperativismo de trabalho vem se constituindo como um valioso instrumento de organização e produção autônoma dos trabalhadores, em múltiplos países, desde o início do século passado. Seu suporte político-ideológico é o da superação da subordinação do trabalho ao contrato, pela iniciativa produtivo-gerencial autônoma dos seus participantes, desenvolvendo a sua capacidade de encontrar e construir alternativas. A experiência do cooperativismo de trabalho parece se consolidar principalmente nos momentos de crise econômica em que as possibilidades de emprego vão se esgotando. É significativa a sua presença na Europa no século passado (na crise da Revolução Industrial) e tende a se tornar grande alternativa de subsistência nos países em reconstrução e que buscam desenvolvimento (RECH, 2000, p. 44).

No momento atual do Brasil se torna cada vez mais difícil a formalização de um trabalho em que haja um contrato justo, entre as duas partes interessadas, principalmente após a Reforma Trabalhista, na forma da Lei 13.467, de 13 de julho de 2017 (BRASIL, 2017), em nível federal, que acabou com muitos direitos sociais que antes existiam. No caso dos moradores da vila Santa Maria, esse sempre foi um problema, pois na cidade de Itapeva há uma generalização de quem mora na referida vila não tem boa índole, o que torna quase impossível a conquista de um emprego formal. “Ser assalariado, com um contrato de trabalho formalizado, tornou-se sinônimo de inserção social e mesmo de cidadania” (LIMA, 2006, p. 60).

⁷⁶ Cooperativas de trabalho “são as que agrupam sócios com uma mesma profissão e que organizam e vendem em comum o seu trabalho, buscando fontes de ocupação estáveis e mais compensadoras” (RECH, 2000, p.36).

A Cooperativa Santa Maria é um projeto que se tornou realidade, após tantos desenganos desses sujeitos, pois não foi tarefa fácil a formação da cooperativa, como já visto. A busca por uma vida digna, sem os estigmas sociais impostos, pode se consolidar com o tempo, na forma fraterna e solidária do trabalho atual, que traz uma ação, ou seja, uma educação, na qual eles são os atores principais. De acordo com Paulo Freire, citado por Rosalvo Schutz (2008, p.19), “é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções”.

O trabalho organizado e associado se faz por meio de um movimento de educação, e para entender esse processo tem que se trazer à ocularidade dos que constroem essa dinâmica nas organizações das cooperativas, sendo esses os cooperados. Segundo as autoras Lia Tiriba e Livia Diana Rocha Magalhães (2016, p. 87),

É pela capacidade de ação/pensamento/ação, é pela práxis e pela própria agência humana que se dá a possibilidade de criação e recriação da realidade humano-social. Daí a necessidade do exercício de captar a “história vista de baixo” ou “pelos de baixo”, o que requer a valorização de experiências passadas e presentes da classe trabalhadora, tecidas nas condições objetivas e subjetivas do contexto real, do qual as experiências emergem. [...] O que nos permite afirmar o princípio educativo do trabalho é a compreensão da centralidade do trabalho na formação humana e o entendimento de que só é possível existir vida humana na face da Terra se os seres humanos, mediados pelo trabalho, transformam a si mesmos e a natureza em seu entorno, criando e recriando a realidade humano-social.

Maria Clara Bueno Fischer e Lia Tiriba (2009, p. 208) definem essa “pedagogia da autogestão” que ocorre nas cooperativas como “saberes do trabalho associado”, saberes que têm fundamentos, pois se os fundamentos não são aplicados, e se por muitas vezes os cooperados não entendem o verdadeiro sentido desse trabalho, isso poderá implicar em sérios dilemas, uma vez que as cooperativas são propostas coletivistas, que contraditoriamente estão no cerne do capitalismo, que por sua vez gera uma cultura material e individual. Os valores da cooperativa de trabalho perpassam pela “adesão voluntária e com objetivos sociais e solidários”. Se não há essa transformação por parte dos cooperados, todo o trabalho está comprometido (LIMA, 2004, p. 54).

Por “saberes do trabalho associado” compreende-se:

O termo diz respeito ao conjunto de habilidades, informações e conhecimentos originados do trabalho vivo, tecidos na própria atividade de trabalho e

engendrados e acumulados ao longo das experiências históricas dos trabalhadores e trabalhadoras que se associam de forma autogestionária na produção de bens e serviços, contrapondo-se à lógica do sistema do capital. Esse termo abrange também os saberes formalizados nos fóruns coletivos que articulam as experiências de trabalho associado e no âmbito da pesquisa e produção científica do conhecimento acerca das dimensões técnicas, políticas, econômico-filosóficas e culturais do fazer/pensar/refazer o cotidiano do trabalho associado e sua relação com o processo mais amplo de produção de vida social (FISCHER e TIRIBA, 2009, p. 208).

Os “saberes do trabalho associado” só são possíveis de serem produzidos na prática de forma solidária e humana se o caminho para isso for percorrido, e esse caminho é o da Economia Solidária. Segundo Paul Singer, citado por Lima (2004, p. 53), “o conceito Economia Solidária possui diversas acepções (Economia Social, Economia Popular), mas conserva em comum a contraposição entre solidariedade e individualismo competitivo predominante na sociedade capitalista”. A Economia Solidária apresenta uma visão mais igualitária, usando meios para superar as desigualdades projetadas pelo capitalismo, manifestando-se como uma forma inovadora de autogestão, propondo uma igualdade de direitos e igualdade de propriedade comum dos meios de produção. Isto posto, há uma possibilidade muito grande de que com essa mentalidade, as cooperativas sejam o maior meio de prática da Economia Solidária e uma resposta à estruturação econômica que o capitalismo impõe e que traz como resultado a precarização do trabalho, que com certeza afeta de forma muito negativa e enfática a vida dos mais pobres.

Para Leite (2005, p. 153), que cita o autor Singer,

A Economia Solidária surge como modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho. A Economia solidária casa o princípio da unidade entre posse e uso dos meios de produção e distribuição (da produção simples) com o princípio da socialização desses meios.

A Economia Solidária está muito ligada ao contexto social, mais especificamente à exclusão desses trabalhadores do mundo formal do trabalho, os quais chamamos até aqui de sobrantes. A saída para que possam ressignificar o trabalho é a organização das cooperativas, de forma que a Economia Solidária prevaleça nessas. Os mais pobres são os mais afetados pelo capitalismo, talvez por isso motivam uns aos outros e visam a solidariedade. Para Paul Singer (2001, p. 104, 105),

A vida do pobre está muito sujeita ao acaso; ela é frágil porque os pobres carecem também dos seguros que dão aos não-pobres confiança em si e esperança no futuro. O pobre não tem patrimônio familiar para herdar, não tem seguro de vida, contra acidentes, fogo, roubo etc., sequer tem, muitas vezes, inscrição no seguro social obrigatório (que no Brasil constitui a fronteira entre o trabalho formal e o informal). O pobre não tem esperança no futuro, antes teme o amanhã, pois uma avaliação realista de suas possibilidades de melhorar não lhe permite otimismo. Por isso, a solidariedade entre os pobres substitui os seguros faltantes. As pessoas se ajudam mutuamente, porque se hoje tenho condições de dar, é provável que amanhã vou precisar que alguém me dê. A solidariedade entre os pobres não é calculista, nem sempre ela é motivada por avaliações realistas como a referida acima. Entre os pobres, a cultura da solidariedade se desenvolve ‘naturalmente’. [...] Portanto, não deve surpreender que as organizações sociais e econômicas inventadas e mantidas por pobres (desprovidos de propriedade) sejam regidas muito mais pela solidariedade do que pela competição. A economia solidária compreende diferentes tipos de ‘empresas’, associações voluntárias com o fim de proporcionar a seus associados benefícios econômicos. Estas empresas surgem como reações a carências que o sistema dominante se nega a resolver.

Análiticamente pode-se perceber que a Cooperativa Santa Maria não nasceu apenas da força dos catadores e catadoras, mas necessitou de apoio da sociedade, o que vem ao encontro do pensamento fraterno existente na Economia Solidária, que se reinventa nesse momento de uma exorbitante exploração do capital das pessoas das classes sociais precarizadas⁷⁷, como já fez em outros momentos da História. Os/as catadores/as tem a consciência de que são uma cooperativa que visa uma economia solidária e estão aprendendo na prática esse conceito. O aprendizado popular para isso se renova, conforme nos lembra Leite (2005, p.157):

É nesse contexto que se verifica aquilo que se poderia definir como uma reinvenção da Economia Solidária. O programa da Economia Solidária se fundamenta na tese de que as contradições do capitalismo criam oportunidades de desenvolvimento de organizações econômicas cuja a lógica é oposta à do modo de produção dominante. O avanço da Economia Solidária não prescinde inteiramente do apoio do Estado e do fundo público, sobretudo quando se trata do resgate de comunidades miseráveis, destituídas do mínimo de recursos que permita algum processo de auto-emancipação. Cumpre observar também que a reinvenção da Economia Solidária não se deve apenas aos próprios desempregados e marginalizados. Ela é obra ainda de inúmeras entidades ligadas, ao menos no Brasil, principalmente a Igreja Católica⁷⁸, a outras igrejas, a sindicatos, universidades e movimentos sociais.

⁷⁷ Para Paul Singer (2001, p.105) os pobres são pobres porque foram colocados à margem das empresas que produzem a parte principal da riqueza social. Sobrevivem de transferências públicas (aposentadorias, pensões, cestas básicas ou green stamps, merenda escolar etc.), de transferências privadas (obras caritativas) ou do exercício de trabalhos que não exigem quase capital ou qualificação profissional: serviços domésticos remunerados, biscates, venda de bens ou serviços na rua, sendo os serviços muitas vezes uma mistura de extorsão com mendicância, como a guarda de carros na rua etc.

⁷⁸ A exemplo do Movimento Viva Janaína Alves e a formação da Cooperativa Santa Maria.

Os/as catadores/as que hoje são parte da Cooperativa Santa Maria continuam caminhando e aprendendo com o trabalho autogestionário, e ainda têm o apoio de pessoas ligadas a Igreja Católica e outras instituições, mas percebe-se uma busca de autonomia por parte deles, no que diz respeito à autogestão.

Apesar de todo o esforço para que na Cooperativa Santa Maria os catadores e catadoras tenham autonomia, aqui vale fazer, de forma introdutória, uma reflexão de que não depende apenas deles para que esse processo seja realmente completo, isso seria uma ingenuidade, pois na prática da comercialização dos materiais recicláveis existe uma lógica de mercado, tema que será abordado com mais ênfase no terceiro capítulo. O autor Antonio de Pádua Bosi (2015, p.6), pesquisador da área, que estudou a história dos catadores no Brasil, traz uma análise dessa estrutura:

Na parte de cima estão as indústrias que reciclam e que compram o material reciclado. No meio estão os atravessadores, pequenos e grandes depósitos que compram o material dos catadores (ou de suas cooperativas) e revendem-no para as recicladoras. Na parte de baixo estão os catadores, organizados em cooperativas, em grupos informais ou sozinhos, alimentando com seu trabalho essa cadeia produtiva e transformando o lixo em valor de uso e de troca.

4 CONSTRUINDO SENTIDOS NO “CHÃO” DA COOPERATIVA

*“Gente lavando roupa, amassando o pão.
Gente pobre arrancando a vida com a mão. [...]
Gente é pra brilhar, não pra morrer de fome.”*

Caetano Veloso

Figura 12 – “Chão” dos catadores e catadoras da Cooperativa Santa Maria



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

4.1 O caminho se faz caminhando

Pretendo neste capítulo apresentar as observações de campo e as análises das entrevistas, tendo em vista a minha inevitável participação nesse contexto, pela ligação que já tinha antes com os catadores e catadoras, desde a época do trabalho no lixão. A minha aproximação com eles, como já dito, se deve ao meu envolvimento com as pastorais sociais da Igreja Católica⁷⁹ e também às aulas de História que vinha lecionando para eles desde 2018, nas dependências da cooperativa. Pelo meu envolvimento com os sujeitos, a pesquisa participante foi a que mais se adequou. Segundo Orlando Fals Borda (1981, p.60), “a potencialidade da pesquisa participante

⁷⁹ Estive com eles inclusive em trabalhos da Campanha da Fraternidade com a tematização de Políticas Públicas, no ano de 2019, quando debatemos o tema e construímos saberes juntos, em encontros programados.

está precisamente no seu deslocamento proposital das universidades para o campo concreto da realidade”. Os saberes que trocamos através de uma prática de educação popular e o convívio que já tinha com eles/as não me fez olhá-los/las em nenhum momento como meros objetos de uma pesquisa, mas como sujeitos que já me ensinaram muito. Segundo Carlos Rodrigues Brandão e Maristela Correa Borges (2007, p. 54),

A relação tradicional de sujeito-objeto, entre investigador-educador e os grupos populares deve ser progressivamente convertida em uma relação do tipo sujeito-sujeito, a partir do suposto de que todas as pessoas e todas as culturas são fontes originais de saber. É através do exercício de uma pesquisa e da interação entre os diferentes conhecimentos que uma forma partilhável de compreensão da realidade social pode ser construída. O conhecimento científico e o popular articulam-se criticamente em um terceiro conhecimento novo e transformador.

Neste último capítulo da dissertação, é importante trazer para o centro os interlocutores dessa pesquisa, os/as catadores/as. Por essa razão optei por apresentar, em primeiro plano, quem são eles e elas. Após essa apresentação entraremos no dia a dia da Cooperativa Santa Maria, trazendo um pouco da rotina e analisando as suas potentes falas a partir das observações e conversas informais que tivemos, focando no aprendizado popular. Posteriormente, evidenciaremos as experiências do trabalho e da educação em suas trajetórias, bem como dos seus sonhos para o futuro. Os saberes populares produzidos também serão refletidos nesse contexto.

4.2 Narrativas dos catadores e catadoras: apresentação dos sujeitos e primeiras impressões

“Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilégio de gozar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte (...) Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, umas latas e lenha.”

Carolina Maria de Jesus

No final de 2019 e início de 2020, no período anterior à pandemia da COVID-19, consegui entrevistar seis pessoas da cooperativa⁸⁰, dentre elas estão os jovens e também os mais velhos. São residentes da Vila Santa Maria os seguintes entrevistados/as: Carlos Silva, de 23 anos; Sandro Mendes, de 32 anos; Mônica Moraes, de 37 anos; e Benedito da Silva, de 58 anos.

⁸⁰ Os nomes dos entrevistados e entrevistadas são fictícios.

No Jardim Bela Vista, bairro que está localizado à margem da rodovia entre Itapeva e Itaberá, residem Paula Moraes (irmã de Mônica), de 29 anos, e José Marcos, também de 29 anos⁸¹.

Esses sujeitos que foram entrevistados/as, apresentaram grau de escolaridade baixo, sendo que nenhum deles chegou a acabar o Ensino Médio, o que não significa que alguns não tenham ainda vontade de estudar, como veremos em seus relatos. Dos seis que foram entrevistados, três deles acabaram o Ensino Fundamental II (Carlos, Sandro e Paula), uma entrevistada (Mônica) acabou o Ensino Fundamental I e dois deles não chegaram a finalizar o Ensino Fundamental I (Sandro e Benedito).

No que diz respeito à cor/raça, todos/as se auto declararam brancos/as, apenas o jovem Carlos se auto declarou negro e vários se dizem, informalmente, descendentes de bugres⁸², nome que se deu à miscigenação entre negros e indígenas da região de Itapeva⁸³.

Carlos Silva

Carlos Silva⁸⁴ tem 23 anos e é solteiro, sendo ele um dos catadores mais novos que trabalham na cooperativa, tendo uma trajetória muito ligada ao trabalho no lixão. Apesar de ser bastante jovem, Carlos já passou por muitas experiências, que ele relata com alegria, sempre com um sorriso no rosto, mesmo quando fala dos momentos difíceis da vida. “Eu moro na Santa Maria desde pequeno. Minha família sempre trabalhou no lixão”. Carlos tem uma identificação muito grande com a vila Santa Maria, pois cresceu lá, onde conhece todo mundo e todos o conhecem, segundo ele. Ele conta que sua família sempre catou recicláveis no lixão:

Eu não reclamo da vila Santa Maria, eu gosto de lá. Todo mundo conhece a gente lá. Assim nós vamos levando a vida. A vila Santa Maria tem muita gente

⁸¹ Inicialmente, o planejamento das entrevistas era outro, tendo em vista que os mais jovens seriam entrevistados em maior número, o que não foi possível, pelas circunstâncias.

⁸² Como já explicado no primeiro capítulo, bugre é um termo usado para designar os guaranis pelos europeus. Mas esse termo pejorativo aparece muitas vezes como uma ideia de xingamento, o que não foi o caso na fala de Mônica. Segundo Guisard (1999, p. 96): “Num primeiro momento, constata-se, a partir de alguns relatos, o sentido negativo mais amplo que o termo bugre carrega consigo, tendo uma conotação de xingamento. Expressa a condição do outro já caracterizada como negativa, na qual está dada a sua negatividade, irreduzível, própria de algo sedimentado, herdado e que perde o seu sentido original, ficando apenas e tão-somente em forma de alcunha”. Durante a colonização do Brasil, os guaranis, chamados pejorativamente de bugres, eram vistos como animais a serem exterminados. Por esse pensamento europeu de embranquecimento, que se construiu durante a história do Brasil, hoje ainda existe uma grande perseguição aos indígenas, e nesse momento essa vertente aparece com mais força, tendo em vista o pensamento reacionário da população, que ganhou mais espaço nas últimas eleições para presidente.

⁸³ No primeiro capítulo foi analisada a história de Itapeva, e pode-se perceber a presença massiva de indígenas e de africanos, escravizados, na região.

⁸⁴ Entrevista concedida ao autor no mês de janeiro de 2020.

boa, mas tem muita gente ruim também. A gente que tem a mente positiva vai bem, só não pode desanimar e ir pela onda dos outros, se não acaba atrasando a vida.

Quando perguntei desde quando ele era catador, contou-me que não trabalhou apenas no local, mas que em alguns momentos da vida trabalhou na colheita de batata, antes de ir para o lixão, e também no período de formação da cooperativa, quando ele ficou sem trabalho. “Fiquei um tempo trabalhando na ‘batatinha’, até formar a cooperativa. Era judiado trabalhar na ‘batatinha’. Eu trabalhei bastante na ‘batatinha’ por um tempo, quando era mais novo”. “Batatinha” é uma expressão que os trabalhadores da roça usam para designar a prática da colheita de batata.

Carlos não lembra com satisfação dos anos que passou no lixão municipal, visto que demorou para ele conseguir ser aceito no local. Sem trabalho e com a mãe doente, aos 16 anos, teve que enfrentar tudo isso para que pudesse ter ao menos o sustento. Ele conta que o mais difícil foi ser aceito pelos catadores e catadoras que já estavam no lixão, pois achavam que ele poderia atrapalhar o trabalho deles. Com o tempo ele conseguiu convencê-los e se fixar na catação dos recicláveis. Ele conta que “no lixão às vezes eu me sentia excluído, porque muita gente não queria que eu estivesse lá. Mas eu queria ajudar minha mãe”.

Outro grande problema foi o ambiente de trabalho, o forte cheiro do lixo o incomodava muito. “O lixão não me fazia bem, tudo cheirava mal, Deus que me deu força. Eu sentia muita dor de cabeça, e isso me prejudicou cada dia mais. Eu tinha muita ansia”. Carlos conta que teve muitos problemas de saúde e que ficava muito doente no início do trabalho, mas que ia trabalhar mesmo assim, para não perder o direito que foi lhe dado pelos catadores do lixão, ou seja, o direito de catar. A dificuldade em estar em um ambiente de trabalho tão inóspito quase fez Carlos desistir do trabalho. As coisas que achava no meio do lixo eram o que mais o impressionava, como ele relatou: “Eu vi coisas lá que nunca imaginava ver lá, braço de nenê, dedo assim de pessoa, cada coisa”. Carlos viu coisas horríveis, porém é interessante perceber que em nenhum momento ele se colocou como vítima.

O trabalho que ele exerce hoje na cooperativa, segundo ele, é muito melhor do que trabalhar na “batatinha” ou no lixão. “O trabalho na cooperativa é diferente, o lugar é melhor, no lixão o cheiro era insuportável. Aqui é como uma família para mim”. O trabalho para Carlos é algo imprescindível para sua vida, de forma que ele valoriza muito o ambiente em que está hoje e as pessoas que estão junto e o auxiliaram no aprendizado para o trabalho. “O trabalho é dividido tudo certinho, o dinheiro também é dividido tudo certinho, isso é bom”. Ele diz que

tem a satisfação de ajudar os que estão chegando para fazer parte da cooperativa, pois o ensinaram um dia, razão pela qual hoje ele quer ensinar. Ele vê um futuro promissor para a Cooperativa, que ele chama de “nossa”, como segue:

Eu penso que nós ainda estamos começando a nossa cooperativa, estamos na metade dos planos ainda, aqui as coisas boas estão por vir. Aqui vai ser ainda a cooperativa que nós planejamos, ela vai crescer, com um ajudando o outro. Pessoas novas estão vindo, e a gente vai ajudando. É maravilhoso poder ensinar esses que estão vindo agora. Muitas pessoas me ajudaram a aprender a trabalhar, e agora eu ajudo. É gratificante isso.

Carlos parou os estudos quando já estava no segundo ano do Ensino Médio, na época em que teve que ir trabalhar como catador no lixão e cuidar de sua mãe. Mas ele ainda pensa em voltar a estudar. “Devido ao trabalho tive várias dificuldades na escola e tive que largar cedo, tive que abandonar”. Quando perguntei se ele tinha um sonho, ele abriu um sorriso largo e me disse: “Eu quero terminar meu estudo, porque eu quero ser professor de educação física, isso não sai da minha mente, sabe, e eu vou lutar até o fim, até conseguir”.

Paula Moraes

Paula Moraes⁸⁵ tem 29 anos de idade, casada com José Marcos, com quem tem uma filha e um filho. No início da conversa ela aparenta estar um pouco envergonhada, mas depois vai se soltando e conta um pouco da sua trajetória. Ela residiu por muito tempo na vila Santa Maria, onde cresceu, estudou até uma certa idade e trabalhou no lixão municipal. “Sou de Itapeva, morei em várias vilas de Itapeva. Morei na São Camilo, na vila Miguelzinho⁸⁶, por último morei na Santa Maria por vinte e dois anos e agora moro no Bela Vista”. Hoje ela exerce o trabalho de separação do material na cooperativa, tendo muita liderança entre os catadores e catadoras. Paula narra um pouco de sua experiência com outros trabalhos no decorrer da juventude: “Comecei a trabalhar com 15 anos. Trabalhei na roça catando feijão, na batata, na laranja, fiz vários serviços de roça. Trabalhei no lixão por muito tempo, mais ou menos uns oito anos”. O trabalho no lixão era muito difícil, porque segundo ela, no início não havia organização, mas depois isso mudou, sendo que um caminhão era para os homens e outro para as mulheres, mas muitas “brigas feias” aconteceram, como ela relembra:

⁸⁵ Entrevista concedida ao autor no mês de fevereiro de 2020.

⁸⁶ Vila São Camilo e vila São Miguel são bairros da periferia da cidade de Itapeva.

O lixão era ruim porque nós catávamos material e vinha tudo misturado, e nós tínhamos que vender por um preço mais barato. No começo a gente catava o material e vendia por saco, aí nós começamos a vender por *bag*, aí subiu um pouco, mas mesmo assim o valor era muito barato. O serviço era muito difícil, porque a gente tinha que catar bastante material para dar alguma coisa. No começo era bastante gente que catava, depois que foi diminuindo e com o passar do tempo tiveram umas regras. Quando chegava o caminhão era um montão de lixo, tinha gente que saía na frente e catava bastante, mas quem não conseguia catar eram os que ficava com o recate. Daí depois que passou o tempo que a prefeitura colocou umas regras, vinham os caminhões para os homens e para as mulheres. Antigamente era difícil porque dava muita briga na hora de catar o lixo, briga feia memo.

Paula diz que o trabalho é uma coisa muito importante para sua vida e que não se arrepende de ter trabalhado no lixão, pois foi assim que ela e José⁸⁷ conseguiram alimentar seus filhos por muito tempo. Diz não ter vergonha de ter trabalhado no lixão, mas não hesita em dizer que o trabalho lá era muito “indigno”, pelas condições em que eles trabalhavam. “Tinha um monte de coró que subia em nós. Nós éramos acostumados com os corós. Nós achávamos bicho morto, cachorro, gato”. A saúde estava em risco, mas segundo ela, não tinham alternativa a não ser catar o material para vendê-lo, mesmo que fosse por pouco dinheiro. “No lixão era ruim de trabalhar, quando chovia piorava. Porque nós tínhamos que ficar arrastando *bag* no meio do barro, nós nos machucávamos muito”. Mas ela sorri quando diz que, “no meio do lixo a gente sempre achava roupa boa, brinquedo. Bastante coisa boa nós achamos já no lixão. Chegamos a achar joia. Tinha gente que achava dinheiro também”.

Quando fala da escola, ela diz que gostaria de voltar a estudar e que largou a escola quando conheceu seu namorado José, que hoje é seu marido e trabalha na cooperativa também. Ela diz que a escola na qual eles estudavam acabou com o período noturno de aulas e os dois resolveram só trabalhar para que pudessem morar juntos e se sustentar. Logo vieram os filhos e as dificuldades foram inúmeras. “O lixão nos ajudou a sobreviver”.

O trabalho na cooperativa é visto por ela como um trabalho digno, pois não correm os riscos que tinham no lixão, e hoje podem dizer que têm uma renda fixa, “pode ser pouco dependendo do mês, mas sabemos que vamos receber”. Além disso, o trabalho é feito com estrutura, com organização, as condições são favoráveis. Como ela mesma conta abaixo:

Hoje o trabalho é bem melhor, não é? Agora o nosso material é mais reconhecido porque uma parte a gente vende direto para a firma, e eles pagam

⁸⁷ José é o cônjuge de Paula.

bem melhor. Agora a gente sabe separar o material direito, antes a gente nem sabia, mas aprendemos. O serviço hoje é bem mais digno do que trabalhar no lixão. Lá no lixão nós ficávamos debaixo de sol, debaixo de chuva. Aqui pelo menos nós temos um teto. Aqui tem mês que dá mais dinheiro, tem mês que dá menos, mas todo mês tem. Aqui nós ganhamos muito mais do que na época do lixão, porque chegamos a ponto de ter que caçar o almoço no meio do lixo.

Paula relata esperar que a cooperativa cresça para que eles possam continuar ajudando os moradores e moradoras de Itapeva na limpeza, e para que possam continuar tendo os ganhos que têm. Ela conta, com orgulho nos olhos, que os filhos estão estudando e quer que eles continuem, para que não sofram como ela e seu marido sofreram no lixão.

José Marcos

José Marcos⁸⁸ tem 29 anos de idade, casado com Paula Moraes com quem tem uma filha e um filho. Nasceu na cidade São Paulo e morou por muito tempo em Guarulhos, em Nova Cidade. Ele trabalha na cooperativa principalmente dirigindo o caminhão que transporta os materiais recicláveis até o galpão. Ele conta que passou por muitas dificuldades na vida, geradas pela pobreza de sua família, e por isso teve que começar a trabalhar ainda criança: “Eu comecei a trabalhar muito cedo, porque meu pai largou da minha mãe quando eu tinha 5 anos de idade. Com 10 anos eu já estava trabalhando”. Ele conta que trabalhou em várias “coisas” em Guarulhos e São Paulo, como “servente de pedreiro, carregador no CEASA, catador de reciclável e até limpando terreno”.

Quando tinha 15 anos, mudou-se para Itapeva com sua mãe e foram morar na vila Santa Maria, onde começou a namorar com Paula, que também trabalha na cooperativa. Depois que a conheceu, ele começou a ir com ela para separar o material no lixão, e ali ficou trabalhando por sete anos (dos 17 até os 24 anos). José também contou da discriminação que sofriam por catar lixo e por morar na vila Santa Maria:

É um serviço que tinha gente que quando nos via nos chamava de lixeiro, até pessoa da própria vila falava isso. E outras pessoas que vinham de carro para fazer média, aí falavam “olha os lixeiros ali”. A gente escutava eles falando, não é? Depois queriam dizer que estavam ajudando a gente ainda. Nós éramos muito discriminados. Eu não ligava, porque eu estava trabalhando, não é? [...] Quando eu ia para o centro para procurar algum serviço, só de falar que eu era da vila Santa Maria eu já era discriminado. Fomos humilhados um monte de vezes. No olhar das pessoas a gente já se sentia discriminado, não precisava

⁸⁸ Entrevista concedida ao autor no mês de fevereiro de 2020.

nem elas falarem nada. As pessoas ficavam longe da gente, com nojo da gente mesmo. Nós éramos mesma coisa que um vírus. Ninguém queria chegar perto da gente, porque achavam que nós éramos sujos, fedidos. As pessoas passavam longe da gente. Nós trabalhávamos no lixão, porque não tínhamos oportunidade. Você chegava para procurar um serviço e falava que era da Santa Maria, eles já nem contratavam a gente.

As dificuldades para continuar os estudos também começaram a surgir, pois teve que largar a escola no “primeiro colegial”, porque tinha que trabalhar braçalmente e o cansaço era, por muitas vezes, mais forte que a vontade de aprender. “Larguei a escola por necessidade, eu já trabalhava muito. Quando eu ia para a escola eu só dormia na sala de aula, porque o serviço era pesado. Nem sei como não repetia de ano, só ia para dormir mesmo”. Outra motivação para o abandono escolar foi que nessa época a escola da vila Santa Maria passou a não oferecer mais as aulas noturnas, o que fez com que muitos desistissem dos estudos, pois teriam que ir para a “cidade”, como eles costumam dizer. Ir à noite para a “cidade” era difícil, pois não tinham dinheiro para o transporte, e as escolas que ofereciam o ensino noturno ficavam muito distantes da vila Santa Maria.

O trabalho no lixão, segundo José, era muito difícil, pois o cheiro era insuportável, e às vezes “o cheiro do lixo ficava na mão por vários dias”. Junto com eles haviam cavalos se alimentando, cachorros e um “monte de porcos”. Havia momentos em que as pessoas se misturavam no meio dos animais para que pudessem catar o reciclável, ou até algo para comer mesmo. “Tinha vezes que nós comíamos coisas do lixo. Não tinha comida na casa, o que a gente achava era nosso almoço. Nessa época nós éramos mais jovens, mas mesmo assim era muito sofrido”. José se casou com Paula ainda na época em que trabalhavam no lixão, e era uma luta para que pudessem alimentar os filhos, pequenos naquela época.

José lembra com alegria dos tempos em que saíram do lixão e passaram a sonhar com a cooperativa e a estruturar esse sonho. Ele relembra que esse foi um momento de muito aprendizado e que, inclusive, fez com que eles saíssem do mutismo e passassem a falar o que pensavam. Segundo ele,

Eu acho que nós evoluímos muito, com os cursos que tivemos, quando nós estávamos esperando sair as coisas da cooperativa. Nós fizemos muitos cursos para aprender a trabalhar na cooperativa. Os cursos com o Fábio sobre cooperativismo, as reuniões que nós fazíamos para formar a cooperativa, que o senhor mesmo ajudou. As aulas que vocês da Igreja deram aqui na cooperativa nos ajudaram muito também. Tudo isso fez com que a gente tomasse coragem para falar as coisas que a gente pensava, porque no começo ninguém falava nada, a gente tinha muito medo de falar, hoje já não é mais assim.

Para ele, hoje o serviço é muito melhor, pois ao menos estão trabalhando em um local “coberto”, onde existe alimentação decente, com almoço todos os dias no refeitório. Existe estrutura para que o trabalho seja feito: “A gente hoje trabalha com cobertura, trabalha tudo certinho dentro das normas. Não precisamos mais ficar fuçando lixo. Aqui tem refeitório, comida feita na hora”. A realidade, segundo ele, é muito diferente da que tinham no lixão, mas mesmo assim faz um desabafo: “até hoje ainda tem gente que não reconhece o serviço da gente. A gente está fazendo um bem para a cidade e as pessoas não reconhecem. Estamos ajudando a limpar a cidade”.

José comenta que tem o sonho de que a cooperativa tenha mais reconhecimento da cidade de Itapeva pelo trabalho que desenvolve. E diz que já realizou um dos sonhos em particular, que era o da casa própria, que conseguiu adquirir com a esposa através do “Programa Minha Casa Minha Vida”, já há quatro anos. “Nosso sonho nós já realizamos, que era ter nossa casa. Nós fizemos cadastro no “Minha Casa Minha Vida” e fomos sorteados. Fomos os terceiros a ser sorteados. Isso já faz quatro anos”. Quanto aos filhos, ele diz que quer dar estudo e o que eles precisarem para viver, para que a vida deles seja melhor que a dos pais. “Hoje eu incentivo muito meus filhos a estudarem. A Vanessa⁸⁹ já acabou a escola e trabalha aqui conosco hoje”.

Sandro Mendes

Sandro Mendes⁹⁰ tem 32 anos de idade, casado, tem dois filhos e é catador na Cooperativa Santa Maria, mas não fica precisamente em suas dependências, e sim em um dos supermercados que fornecem papelão para a cooperativa. Ele fica em um estabelecimento pertencente a uma grande rede de supermercados, que tem a particularidade de estar situado bem em frente à Escola Estadual “Professora Zulmira de Oliveira”, onde, inclusive, já lecionei. Sandro fica na frente da escola com uma *bag*⁹¹, separando os papelões que os funcionários do mercado disponibilizam para ele na entrada do depósito. Por trás desse rapaz simpático, de conversa fácil e de extrema educação, há uma história difícil, que ele hoje sente ter superado.

⁸⁹ Vanessa que é secretária na cooperativa é a filha mais velha de José e Paula Moraes.

⁹⁰ Entrevista concedida ao autor no mês de janeiro de 2020. A entrevista que fiz com Sandro foi um pouco diferente das outras, pois fui até a sua casa, e todas as outras que fiz antes da pandemia (segundo o planejamento que havia feito) tinham sido feitas nas dependências da Cooperativa Santa Maria, o que demandou até o momento da entrevista muitas conversas e observações na frente do mercado no qual Sandro separa o material reciclável, até conseguirmos marcar um dia específico para a entrevista.

⁹¹ Grandes sacolas onde o material reciclável é colocado.

Sandro tem uma história um pouco diferente, comparando-se à história de outros catadores e catadoras da cooperativa, sendo que não chegou a trabalhar no lixão municipal. Ele nasceu na cidade de Piedade/SP e desde a infância passou por várias cidades, morando em outros municípios do interior do estado, como Sorocaba, Tietê, Iperó e depois Itapeva, que é a cidade de origem da sua família. Desde criança teve que trabalhar para ajudar o pai nas despesas da casa, pelo fato de ter perdido a mãe com apenas 5 anos de idade. Passou por vários trabalhos, foi catador de reciclável nas ruas de Sorocaba junto com seu pai e depois foram para Tietê, onde trabalhou em um sítio. “Eu já tinha trabalhado com reciclagem em Sorocaba, depois fomos para Tietê, onde nós moramos num sítio, onde mexíamos com lavoura, essas coisas assim. Eu tombava terra, plantava, mexia com gado, tirava leite”. Sandro conta que nesse trabalho teve uma briga com o “patrão” e acabou sendo despedido. O motivo da briga foi o fato de Sandro ter sido encontrado com drogas e, segundo ele explica, naquele momento o uso era contínuo, o que trouxe muitos problemas para sua vida. Segundo Sandro, “depois dessa briga não trabalhei mais, fiquei morando e andando nas ruas de Sorocaba”.

Depois de alguns meses vivendo como morador de rua, nessa época com apenas 16 anos de idade, a família de Sandro conseguiu encontrá-lo e encaminhá-lo para uma clínica de recuperação em Tietê. Após sua saída da clínica, Sandro foi morar com sua irmã em Itapeva, na vila São Benedito⁹², onde acabou se envolvendo com o que ele denomina de “coisas muito erradas” e acabou sendo preso por praticar um grave crime. Com apenas 18 anos de idade Sandro foi preso, permanecendo encarcerado por oito anos e transferido de prisão por variadas vezes, passando, ao todo, por quatro delas. Nesse período, ele praticamente não teve contato com a família. Sua única irmã também tinha uma vida difícil, como ele mesmo conta:

Eu vejo a prisão como uma lição de vida, porque o que eu passei lá dentro, devido ao tempo que eu fiquei longe da minha família. Eu fiquei dentro do cárcere privado oito anos, praticamente sem contato da minha família. Eu não queria que eles fossem, porque a minha irmã tinha uma vida muito difícil, o marido era usuário de crack e a minha mãe legítima mesmo morreu quando eu tinha 5 anos de idade. Eu não queria atrapalhar a vida da minha irmã também. O meu pai faleceu quando eu tinha 24 anos. Eu tive que perder muitas pessoas boas da minha vida para aprender e enxergar o outro lado da vida.

Sandro vê a época da prisão como um aprendizado, o que segundo ele o faz valorizar muito a liberdade. Ele trabalha há quase três anos na Cooperativa Santa Maria, lugar em que percebeu uma empatia muito grande por parte dos catadores e catadoras, que o acolheram sem

⁹² Periferia da cidade de Itapeva. Local que sofre com constante tráfico de drogas.

juízo. Ele diz que era a oportunidade que ele precisava para demonstrar para os amigos e familiares que tinha mudado. Sandro diz que “trabalhar na cooperativa hoje é uma oportunidade, esse trabalho que o pessoal da cooperativa me deu é uma das causas fundamentais de eu ter mudado o meu cotidiano e ter mudado minha vida”. Mudança que ele perseguiu por muito tempo, desde a época em que estava na prisão. A cooperativa apareceu no momento em que ele precisava de trabalho, e precisava ser aceito de novo pelas pessoas que ama. Ele vê a cooperativa como uma família, como ele mesmo narra: “a cooperativa não é simplesmente uma cooperativa de catar reciclável, é um lugar ali onde que a gente é uma família. É como se fosse uma engrenagem, se um está doente todos vão sentir falta”. Hoje Sandro se sente muito bem trabalhando na cooperativa, como ele conta abaixo:

Então tudo isso daí era uma coisa que não dava muito lado, para esse negócio de sentimento, família. A minha mente ficou congelada por um tempo. Daí quando você começa a ver a vida de outra forma e a andar como as pessoas andam, daí você para e fala ‘nossa meu Deus, eu tinha capacidade de fazer isso, mas não fazia’. Eu achava que eu não dava para serviço nenhum, porque eu ia trabalhar num lugar, ficava pouco tempo e já era mandado embora. Ou não me adaptava com o serviço e já saía. A escola era a mesma coisa, em algumas partes eu me adaptava, mas em outras partes eu não me adaptava porque as pessoas começavam a dar risada, começavam a falar e eu já ficava nervoso.

Sandro faz uma analogia entre a escola e os trabalhos que teve durante a sua vida, entendendo que não servia nem para uma coisa e nem para a outra. Nos trabalhos pelos quais passou e foi despedido, ele diz que os mesmos sentimentos da época da escola vinham, quando ele não conseguia acompanhar os conteúdos e acabava repetindo de ano. “Eu gostava da escola, só que eu tinha uma certa dificuldade para acompanhar as matérias, então aí devido a esse problema eu acabei me desanimando”. A zombaria dos colegas, que era frequente e relacionada ao seu desenvolvimento escolar, também o incomodava muito. Sandro narra que “naquela época existia muito esse negócio de *bullying*, as pessoas ficavam zombando da gente”. O desânimo pela repetência e a necessidade que batia à sua porta o levaram a abandonar a escola e começar a trabalhar com apenas 12 anos de idade. Segundo Sandro, “devido à situação também da carência da minha família, a situação era muito difícil, eu tive que parar os estudos na quarta série para poder ajudar meu pai”.

Interessante perceber a relevância do trabalho atual na vida de Sandro. Quando perguntei sobre o significado do trabalho atual, ele disse que o “serviço da reciclagem, as pessoas acham que é um serviço simples, mas para mim não tem serviço simples”. E ele

demonstrou ainda uma consciência da importância do seu trabalho para a sociedade, quando diz que “o trabalho com reciclável além de estar ajudando o meio ambiente, ainda está ajudando a manter a limpeza, a higiene da casa das pessoas, é um serviço que eu adoro fazer”. Segundo Sandro o trabalho é como uma “terapia”, o que ajuda a mantê-lo com a mente ocupada, sem pensar em “coisas erradas”.

Sandro ainda diz que tem dois sonhos, um deles é ver a cooperativa crescer e poder “ajudar e ensinar” outros que virão. Ele valoriza muito a oportunidade de estar na cooperativa e, da mesma forma como ele foi ajudado, quer também ajudar. Segundo Sandro, seu outro sonho é “ter uma casa própria para morar”⁹³.

Mônica Moraes

Mônica Moraes⁹⁴ tem 37 anos, separada, tem dois filhos. Ela, que é uma das líderes⁹⁵ hoje da cooperativa, relatou um pouco da sua trajetória na vida. Mônica nasceu em Itapeva e residiu em vários bairros quando criança, até que seus pais foram morar na vila Santa Maria, mais precisamente nos anos 90, na época em que a prefeitura municipal doou terrenos para essas famílias. Mônica desde cedo teve muitas responsabilidades. Ela conta que, por ser a irmã mais velha, sempre teve que cuidar das irmãs mais novas. Seu pai e sua mãe trabalhavam na roça, na colheita da batata e do feijão, trabalho muito comum na região. Os cuidados com a casa também eram por conta dela, desde os 12 anos de idade. “Toda vida a minha mãe e meu pai trabalharam na roça e eu era a mais velha na época e eu que sempre cuidava das minhas irmãs e da casa”.

Mônica relatou que quando era jovem “não tinha muito juízo não” e que foi morar com o namorado com 17 anos, para que pudesse ter uma vida com mais liberdade, fora de casa, como ela mesma explica:

⁹³ Há oito meses Sandro se casou. Ele citou que ajuda na educação dos dois filhos da esposa, que são de outro casamento: “hoje eles são meu tesouro”.

⁹⁴ Entrevista concedida ao autor no mês de janeiro de 2020.

⁹⁵ As mulheres costumam tomar posições de liderança nas cooperativas de recicláveis. Segundo a autora Paiva (2016, p. 170), “As mulheres se organizam dentro da base (cooperativas e associações), ocupam cargos de representatividade, assumem responsabilidades, se articulam politicamente nas instâncias estaduais e nacionais de representação da categoria, lançam campanhas, imprimem panfletos, vestem camisas próprias e pintam de lilás as bandeiras de luta. Tudo isso para dizer que estão ressignificando suas vidas e, portanto, seu papel social. Elas têm consciência de que a luta é difícil e longa, mas que é necessário dar o primeiro passo, e ele foi dado”.

Aí quando eu estava com 16 anos eu me envolvi com uma pessoa e com 17 anos eu fui morar com essa pessoa. Engravidei, tive meu guri, que hoje tem dezoito anos, e eu fui casada com essa pessoa por 11 anos, mas foi um casamento sofrido, porque na época não tinha muito juízo não. Minha mãe aconselhou que não era daquele jeito. Aí eu fui casada, ele mexia com muita coisa errada, e eu só cuidava da casa. Mas era uma vida sofrida, porque ele ficava às vezes preso e eu ficava em casa com as crianças. Minha mãe ficava preocupada comigo. Ele parava mais preso que na casa. Aí chegou uma época que eu tinha uns 22 anos, eu decidi separar de vez, porque eu não tinha paz.

Para que pudesse sustentar seus filhos após o fim do casamento, Mônica relatou que teve que ir trabalhar na roça, como seus pais. “Trabalhei na roça para arrumar saco de batata, mas durava seis meses mais ou menos o trabalho, depois acabava”. O trabalho na colheita da batata era muito difícil, o que mais a incomodava era trabalhar embaixo do sol escaldante. Ela trabalhava durante seis meses do ano e no período que ficava sem trabalho “fazia um bico” na montagem de prendedores, mas disse que tanto a batata como a montagem de prendedores davam muito trabalho e rendiam muito pouco dinheiro. Dessa forma, ela conseguiu sustentar seus filhos durante alguns anos, até começar a trabalhar no lixão municipal.

Em um certo momento, quando não conseguiu mais o trabalho na “batatinha” ela decidiu ir “catar as coisas no lixão”, mas nesse primeiro momento não foi para catar recicláveis para venda, mas catava roupas e alimentos que estivessem “bons” para o consumo, na sua concepção. Logo percebeu que se catasse o reciclável, poderia vender e conseguir dinheiro. Já que estava sem trabalho decidiu pleitear um espaço no lixão, o que não foi fácil, pois os/as outros/as catadores/as, e em especial a líder do lixão, não queriam ela por lá, como ela mesma relata:

Sempre existiu o lixão, aí falei eu vou lá no lixão catar umas coisas. No início foi de brincadeira, mas daí cheguei lá o pessoal que catava já era organizado. Eu no começo catava roupa e alimento para levar para casa. Aí chegou uma época que eu comecei a me interessar por catar o material reciclável, porque dava dinheiro. Só que eu não podia trabalhar com eles porque eu não era do lixão. Eles não deixavam. Eu insisti para entrar e dizia que precisava. Eles só deixavam eu catar o “recate”, que era o mais humilhante nessa parte, porque era o resto. Tinha o lixo que era despejado, que eles catavam primeiro e sobrava o resto, às vezes nem material sobrava direito. Aí eu catava o recate, não só eu como muitas pessoas que estavam lá. E eu comecei a catar, comecei a fazer *bag* assim, devagarzinho. Aí chegou uma época, tinha uma pessoa que comandava a vila, a “disciplina” e ela era muito amiga minha. Eu falei para essa pessoa, eu estou indo lá no lixão e eles não querem me deixar catar, eu quero trabalhar mesmo, não quero arrumar briga e nem atrapalhar, mas é porque eu preciso. Aí ela fez uma reunião, chamou a líder lá do lixão e falou que realmente eu queria trabalhar. Só que quando eu trabalhava na roça, na época do meu primeiro casamento, o pai das minhas crianças mexia com coisa

errada. E nessa época eu não trabalhava, a gente tinha condição boa, mas com coisa errada. As pessoas da vila sabiam que meu ex-marido arrumava confusão, eles tinham medo de eu entrar lá para querer causar algum problema para eles. Só que já fazia uns seis anos que eu já era separada, não é? Eu já estava em outra vida. Só que nunca usei droga, graças a Deus. Na época eu era briguenta e eles achavam que eu ia lá arrumar confusão e atrapalhar o serviço dos outros. Mas daí a “disciplina” que era minha amiga, disse para eles que se eu entrasse eu ia trabalhar. E daí eu entrei. Aí combinei com a mulher lá. Tinha horário para chegar e para sair do lixão. Eu precisava tanto na época, que era humilhante, mais eu fui. Nessa época eu tinha 24 anos. Aí depois logo as minhas irmãs já vieram para trabalhar junto, meu cunhado e aí formamos um grupo.

O trabalho no lixão não era o que Mônica queria, mas era o que ela tinha no momento para que pudesse levar o sustento para sua filha e seu filho. Ela conta que a líder do lixão a perseguiu muito e também outras pessoas que chegavam querendo trabalhar, como suas irmãs por exemplo, deixando os piores lugares para elas, onde não tinha muito reciclável. Mônica conta dando risada sobre algumas coisas que começaram a fazer, batendo de frente com a líder do lixão, e acolhendo todos e todas que chegavam desesperados por um trabalho. “Todo mundo que chegava no lixão a gente deixava trabalhar porque sabia que eles estavam precisando”. Logo a líder desistiu do trabalho no lixão, devido às várias tentativas de fechamento do mesmo por parte do poder público, e assim o grupo de Mônica tomou a frente, organizando o trabalho, segundo ela, de maneira que todos e todas pudessem ter acesso aos materiais.

O significado do trabalho no lixão para ela, ao mesmo tempo que é sofrimento, foi a saída que ela encontrou para que pudesse continuar sua vida, alimentando assim os seus. “Era muito sofrido, nós ganhávamos muito pouco, nós éramos explorados pelos compradores”. O material que eles juntavam valia muito pouco, pela exploração dos compradores, mas ela diz que tinham que vender mesmo com a exploração, porque necessitavam. De um lado ela gostava de trabalhar no lixão pelas amizades, mas por outro lado em alguns dias ela se desanimava muito, pela situação tão difícil e desumana de trabalho.

Eu mesma era feliz numa época no lixão por causa das amizades, mas tinha dia que dava vontade de chorar naquele lugar, porque era muito triste. Não era uma situação fácil. Tinha dia que eu mesma pedia para Deus, falava que não aguentava mais e queria ter uma situação melhor, um emprego melhor, só que eu não podia largar naquele momento aquele serviço, porque era o único que eu tinha. Eu sempre pensava: “poxa, faz falta o estudo”. Eu pedia para Deus para mudar, sabe, porque era sofrido mesmo. Tinha dia de chuva que nós ficávamos pingando de barro, tinha que arrastar *bag* pesado. Nós trabalhávamos no meio de um monte de coró, aqueles corós gigantes, ficavam até subindo na roupa da gente.

Quando indagada sobre a importância do trabalho, ela ressalta que “sem o trabalho não sou nada, o trabalho é muito importante para mim”. Ela lembra que começou a valorizar o trabalho quando passou por situações difíceis advindas do próprio trabalho: “quando eu trabalhei na ‘batatinha’ e depois no lixão eu dei valor para o trabalho. Eu ficava toda queimada, era muito difícil”. Ela vê o trabalho na cooperativa hoje como um privilégio, pensando nas dificuldades que já passou em outras ocasiões. “Hoje nós estamos em condição melhor não é, porque hoje nós trabalhamos na sombra, se chove nós estamos protegidos”. O simples fato de estarem protegidos do sol e da chuva faz muita diferença para ela, e na fala de outros/as catadores/as percebe-se também essa valorização.

O dinheiro que conseguem hoje também é colocado como um diferencial do trabalho, pois antes, como ela contou, demoravam até dois meses para receber o que vendiam, e hoje recebem no momento em que vendem os materiais. Desta forma, “faça chuva ou faça sol, o nosso está garantido todo mês, seja pouco ou muito”. Os valores variam de um mês para o outro, mas ela sabe que sempre terá alguma coisa para receber e isso já faz muita diferença para a vida deles. Muitas questões relacionadas ao trabalho têm ajudado na vida dos/as catadores/as. Mônica relata que até a autoestima deles melhorou:

Tem um monte de pessoas que levantam a nossa autoestima. Antes a gente ficava muito para baixo. A situação mudou muito, é muito melhor. E hoje a gente já levanta da cama também para trabalhar feliz, porque sabe que vai vir para um lugar bom. É um serviço que anima a gente, não é?

Quando perguntei sobre um sonho, Mônica disse que gostaria de ter acabado os estudos, porque acha que não teria passado por tudo o que passou se tivesse estudado, e diz que teve incentivo de seus pais para estudar, mas que abandonou a escola com 14 anos, após repetir por ao menos três vezes a quarta série. Conta que sua mãe a incentivou e que gostaria muito que a filha prosseguisse com os estudos, mas ela não quis: “na minha infância, quando eu estudei, na verdade, eu não gostava de escola. E eu repeti bastante”. Quando ia para a escola, segundo ela, acabava matando aula, porque não via graça na escola e chegou a dizer que “tinha a cabeça muito fraca para estudar”, o que demonstra o quanto o sistema escolar não seduzia e ainda não seduz os jovens, sendo naquele específico momento, apenas penalizador.

Benedito da Silva

O senhor Benedito da Silva⁹⁶ tem 58 anos, é casado, tem duas filhas e três filhos e é um dos catadores mais velhos da cooperativa, mas ainda tem memórias muito vivas da sua juventude e do período em que trabalhou como catador, junto da sua esposa, no lixão municipal de Itapeva. Ele nasceu no estado do Paraná, mas não tem certeza do local, e foi registrado na cidade de Itapeva, tendo se mudado para essa cidade muito pequeno. Ele conta com satisfação que é descendente de “índio bugre”, como eram chamados os índios da região de Itapeva e do norte do Paraná. Com olhar calmo e voz mansa, Benedito relatou um pouco de sua vida e juventude.

Ele contou que quando veio do Paraná com sua família, uma das primeiras lembranças que tem é da casa de taquara onde moraram, lugar de muitas brincadeiras com os irmãos. Essa primeira casa em que viviam ficava na vila Nova⁹⁷, muito perto da “antiga rodoviária”. “Assim fui crescendo e trabalhando para lá é para cá”. Ele conta que trabalhou em “muita coisa” desde muito pequeno; com 8 anos de idade chegava da escola e pegava a “caixinha de engraxate” e descia para a rodoviária para engraxar e ganhar uns “trocados”. Depois trabalhou na lavoura, como “catador de feijão”. Disse que tem poucas lembranças da escola, e que estudou até a terceira série, largando os estudos para ajudar a família. Narra também que demorou tempo para ser catador de reciclável, pelo simples fato de que “antigamente não existia muito lixo igual hoje”.

Benedito narrou que se casou muito cedo e que ainda jovem se separou de sua primeira esposa e foi tentar a vida na cidade de São Paulo, onde trabalhou dois anos em uma fábrica. Depois ficou desempregado, mudando-se para Itapetininga e lá começou a catar material reciclável, pois não conseguiu o trabalho que tinha sido prometido por um amigo na zona rural. Morou então por alguns anos nessa cidade, onde se casou novamente, voltando com sua família para Itapeva em meados dos anos 90. Benedito conseguiu um terreno na vila Santa Maria, que foi doado pela prefeitura municipal, onde reside até hoje. Ele conta que no início catava material nas ruas de Itapeva e que não queria entrar no lixão, mas que sua mulher começou a catar no lixão. Conforme relatou: “Minha mulher ia levar as crianças para a creche e ela ia catando PET que estava jogado no meio da rua. Ela trazia e ia juntando no quintal”. Benedito contou que logo que sua esposa começou a catar no lixão, ele tinha um pouco de resistência devido ao cheiro forte. Segundo ele, se a pessoa passou dez dias trabalhando no lixão e não sentiu ânsia de vômito na hora de almoçar ou jantar, ela pode continuar, caso contrário, ela não serve para

⁹⁶ Entrevista concedida ao autor no mês de fevereiro de 2020.

⁹⁷ Uma das primeiras vilas da cidade de Itapeva, perto da rodoviária atual e do centro.

o serviço. Sem muita escolha ele foi para o lixão junto com sua esposa e, para sua surpresa, ele disse não ter “sentido nada”, e que se adaptou ao forte cheiro do lixo.

O dinheiro do lixão “dava para pagar água e luz”, diz o senhor Benedito, e isso fez com que ele e sua família dependessem cada vez mais daquele trabalho, para que tivessem o básico para sobreviver, inclusive se alimentando do que ele chama de “comidas boas para comer”, aquelas que vinham fechadas, não importando se estavam com o prazo de validade vencido. Ele ressalta que havia uma grande desvalorização do trabalho deles na época, que vinha principalmente do poder público,

Ninguém valorizava o nosso trabalho, o prefeito não valorizava esse trabalho. Tinha que ter gente para catar, se não como é que ia reciclar? Era importante nosso trabalho. Nós estávamos fazendo limpeza. Quando saía de lá eu ia catar mais material, para separar meu próprio material. No lixão de Itapeva fiquei trabalhando uns quinze anos.

O senhor Benedito contou que não sabia direito do processo de formação da cooperativa Santa Maria e que tomou conhecimento em uma conversa com um “amigo da vila”, no “bar do Roberto”, que haveria uma reunião na Igreja Católica sobre a formação de uma cooperativa de recicláveis porque o lixão iria fechar. “Eu fui na reunião e deu certo e estamos aqui agora lidando com o material”. Ele valoriza muito o trabalho de hoje em dia, pois diz que está “muito feliz” por ter “um dinheiro todo mês”. “Gosto muito do trabalho na cooperativa, mas espero que melhore mais para todo mundo. A gente está contente com o serviço. O pouco com Deus é bastante. É só saber administrar o dinheiro”. Outra vantagem do trabalho é o “local limpo” em que trabalham, o que significa uma grande mudança para ele. Segundo Benedito, no lixão o “sofrimento era bastante, não gosto nem de lembrar de algumas coisas que passamos lá, mas também nunca me senti excluído, nunca fui orgulhoso”.

4.3 Um dia na cooperativa

A realidade da prática do trabalho, é reveladora da potência dos saberes dos sujeitos desta pesquisa, saberes esses que por muitas vezes não são valorizados ou que podem até ser invisíveis para a cultura hegemônica ocidental, que impõe inclusive os saberes científicos como os únicos a serem visíveis. Boaventura de Souza Santos chama esse modelo de racionalidade

de “razão indolente”⁹⁸, defendendo um novo modelo de razão que é a “cosmopolita”, uma razão que traz valorização dos saberes produzidos pelos movimentos sociais, por exemplo, um pensamento do micro, que se opõe ao macro, ou seja, a oposição à generalização e imposição cultural (2002, p. 239).

Como já citado no segundo capítulo, os “saberes do trabalho associado” (FISCHER; TIRIBA, 2009, p. 208), são produzidos no cerne da realidade na qual os/as catadores/as vivem e trabalham. É necessário explorar esses saberes e ver o quanto eles são importantes para o presente dos/as catadores/as, e o quanto esses saberes podem também servir de aprendizado para uma boa parte da sociedade ou de outros movimentos ou associações. A “racionalidade cosmopolita”, traz uma análise importante sobre essa questão da valorização dos conhecimentos do presente, que são muito potentes para uma transformação social. “Para expandir o presente, proponho uma sociologia das ausências”, que vem ao encontro da ausência que o capitalismo produziu de forma intencional, no que diz respeito à invisibilidade que os/as catadores/as têm no mundo ocidental, incluídos/as precariamente no sistema, como já analisado pelo autor José de Souza Martins, citado neste trabalho. Segundo Santos (2002, p. 246),

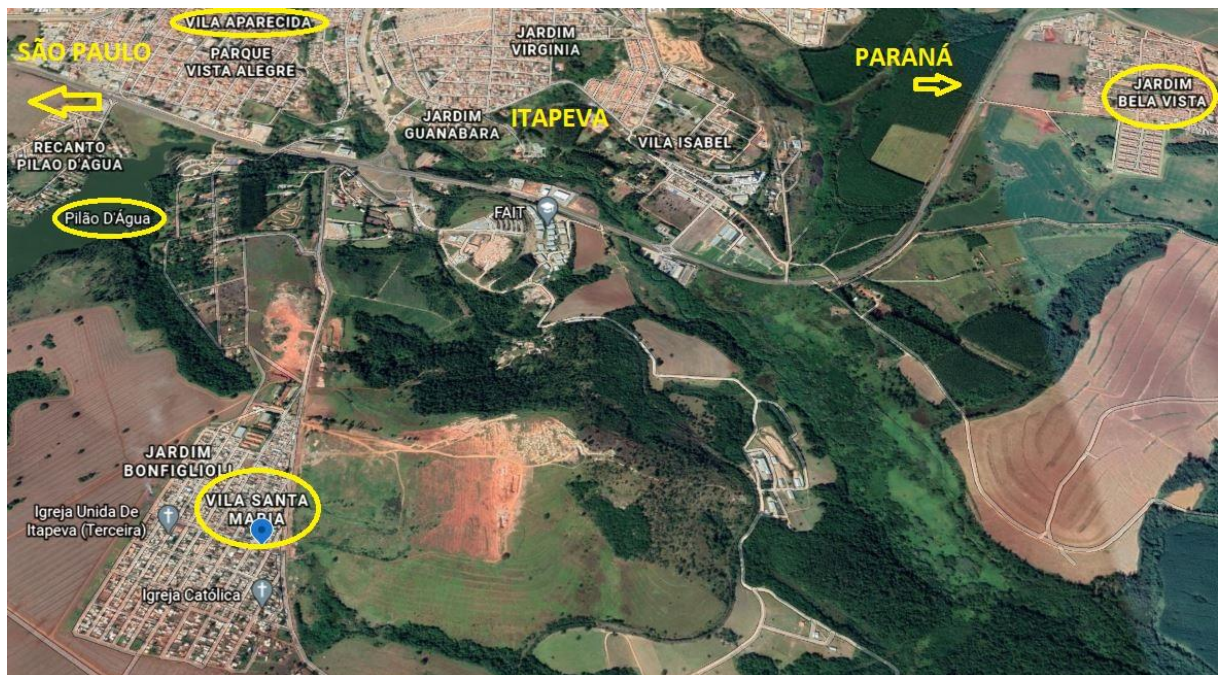
[...] a ampliação do mundo e a dilatação do presente têm de começar por um procedimento que designo por sociologia das ausências. Trata-se de uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, activamente produzido como tal, isto é, como uma alternativa não-credível ao que existe. [...] O objetivo da sociologia das ausências é transformar objetos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças.

Voltando à realidade dos/as catadores/as, é impossível não perceber a conversa fácil entre os elas e eles, já nas primeiras horas de trabalho da manhã. Mas antes de iniciar o dia de trabalho, o deslocamento para o galpão não é assim tão fácil. Nesse período em que estive na cooperativa para realizar a pesquisa, o meio de transporte dos trabalhadores estava em manutenção, como contou a catadora Mônica: “a nossa perua quebrou, então cada um tem que se virar para vir para o batente”. Importante contextualizar o local onde a cooperativa está instalada, que fica a quatro quilômetros da vila Santa Maria. Após tanta procura pelo galpão

⁹⁸ “A razão indolente subjaz, nas suas várias formas, ao conhecimento, hegemônico, tanto filosófico como científico, produzido no Ocidente nos últimos duzentos anos. A consolidação do Estado Liberal na Europa e na América do Norte, as revoluções industriais e o desenvolvimento capitalista, o colonialismo e o imperialismo, constituíram o contexto sócio-político em que a razão indolente se desenvolveu. As exceções parciais, o romantismo e o marxismo, não foram nem suficientemente fortes nem suficientemente diferentes para poderem ser uma alternativa à razão indolente”. (SANTOS, 2002, p. 240)

ideal, acabaram encontrando esse na vila Aparecida, como já explicado no capítulo anterior. Ocorre que nem todos os trabalhadores moram na vila Santa Maria, sendo que uma parte deles mora no Jardim Bela Vista, que fica localizado a dez quilômetros do galpão, próximo a uma das entradas da cidade (saída para o estado do Paraná), ao passo que o barracão fica próximo a outra entrada, que dá acesso à rodovia que vai para a capital.

Figura 13 – Localização dos bairros mencionados



Fonte: Google Earth.⁹⁹

⁹⁹ Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Vila+Santa+Maria,+Itapeva++SP/@-23.9519048,-48.87667945,719.01645331a,2122.75660686d,35y,0h,45t,0r/data=CigiJgokCaMo2eAW-jfAEahGC0CXzjAGR3THq3L70bAIY1C-nbWukfAKAIyJwolCiMKITf4Rmx2V0INT1NFVH12N3dkSXpaZmFXNVpmWThwMnp1eA>. Acesso em: 28 dez. 2020.

Figura 14 – Barracão da Cooperativa Santa Maria



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Os trabalhos se iniciam às oito horas da manhã. Alguns dependem de transporte público para chegar ao local, mas muitos vêm “a pé”, como disse Mônica em uma das nossas conversas informais. A chegada é alegre e todos se reúnem para uma breve oração, na qual rezam um “Pai Nosso”. A questão religiosa se mostra bem dividida, com evangélicos e católicos, o que não chega a trazer atritos entre eles, não que eu tenha presenciado. Na Vila Santa Maria, e em outras vilas da cidade, onde eles residem, há a presença massiva de igrejas evangélicas, que são neopentecostais¹⁰⁰, muito ligadas ao fundamentalismo religioso¹⁰¹, e a grande massa desses bairros frequenta essas igrejas.

No período da manhã, as mulheres vão organizando os trabalhos assim que chegam, separando as *bags* e o lixo reciclável que já está no chão, definindo rapidamente o que cada um irá fazer. Essa organização é feita por Mônica juntamente com Paula¹⁰² e Camila. Paula comentou em uma ocasião que elas têm mais prática na separação dos materiais, “somos mais rápidas, preferimos que os homens fiquem na prensa e no transporte do material”. O galpão é

¹⁰⁰ Segundo Boof (2020) “estas igrejas neopentecostais praticam um abuso da religião, fazendo-a um instrumento político conservador e até reacionário, não raro se torna um foco de fake news e perseguição das religiões de vertente africana”. Entrevista concedida ao ECOA, e publicada em outubro de 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/leonardo-boff-ser-humano-moderno-cultivou-especie-de-complexo-de-deus/#cover>. Acesso em: 25 nov. 2020.

¹⁰¹ Segundo Santos (2014, p. 41), “o fundamentalismo surgiu no sul da Califórnia, nos anos 1920, e foi difundido inicialmente por meio de uma publicação religiosa intitulada *The fundamentals: a testimony to truth*, redigida por um grupo de protestantes evangélicos de diversas denominações “.

¹⁰² Paula Moraes (nome fictício). 29 anos. Catadora.

grande e a separação do material começa sendo feita pelas catadoras, enquanto os outros catadores vão levando os materiais já separados para a prensa: latas de alumínio¹⁰³ com latas de alumínio, garrafas PET com garrafas PET, demais plásticos com demais plásticos, papelões com papelões e assim por diante. A presença mais expressiva das mulheres na separação dos materiais foi destacada por Rosalina Burgos (2013, p. 227):

Na constituição dos referidos núcleos de reciclagem, o predomínio é de mulheres. Por um lado, este fato pode ser explicado pelo maior número de pessoas necessárias à atividade da triagem, que requer um trabalho minucioso e paciente de separação e classificação dos diferentes tipos de materiais existentes, e que por outro lado não demanda o grande esforço físico exigido em outras atividades (tração dos carrinhos para coleta, prensagem manual, carregamento de fardos).

Segundo a autora Camila Capacle Paiva (2016, p. 153), “Entre os catadores organizados em cooperativas e associações, 80% são mulheres (SEMUCSP, 2014)”. Já no caso da Cooperativa Santa Maria a presença de homens é mais expressiva, sendo que 40% são mulheres. Não se pode concluir que as mulheres trabalham na separação dos materiais, porque elas têm mais “paciência”. Existem diferenças entre o que é trabalho de homem e de mulher de uma maneira geral na sociedade, são “estereótipos que se naturalizam no cotidiano das atividades laborais”, o que demonstra uma segregação entre homens e mulheres também dentro das cooperativas de recicláveis (PAIVA, 2016, p.153). Não bastasse o trabalho que desenvolvem na cooperativa, ainda há um outro trabalho quando chegam em casa, que é cuidar dos afazeres domésticos, como ressaltou a catadora Mônica. Segundo Paiva (2016, p.161), “pesquisas indicam que as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pelo trabalho reprodutivo (trabalho doméstico, cuidado dos filhos e da família)”.

Há uma divisão que é visível no trabalho da Cooperativa Santa Maria, os homens fazem os trabalhos de prensagem e saem para a cidade para trazer materiais, e as mulheres ficam nas atividades que necessitam de mais atenção. Segundo Paiva (2016, p. 160),

Nas cooperativas de catadores observa-se uma divisão entre o trabalho masculino, ligado à operação de maquinário e à utilização de força física, e o trabalho feminino, que envolve habilidade, agilidade e atenção. As mulheres trabalham predominantemente na coleta e na triagem dos resíduos recicláveis, e os homens no carregamento, na prensagem e na armazenagem do material.

¹⁰³ Segundo Burgos (2013, p. 181): “Além de possuir a liderança mundial em reciclagem de latas de alumínio, o Brasil é vice-líder na reciclagem de garrafas de plástico tipo PET”.

Figura 15 – Prensa para material reciclável da Cooperativa Santa Maria



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Os materiais aos quais os catadores e as catadoras têm acesso hoje para o seu trabalho vêm de diversas partes da cidade, tendo em vista que o “mais grosso vem dos mercados”, como disse Mônica. Os/as catadores/as conseguiram acordos¹⁰⁴ de doações com diversos supermercados da cidade, inclusive com uma grande rede, onde pegam os papelões. Para isso, em cada supermercado ficam de um a dois catadores da cooperativa, do lado de fora, fazendo a triagem dos materiais. Existem já alguns pontos da cidade de Itapeva em que os moradores dos bairros se organizaram de forma autônoma, sem o apoio da prefeitura, para a coleta seletiva, destinando os materiais recicláveis para a cooperativa.

A aproximação com os sujeitos foi um pouco difícil no início, principalmente com os mais jovens, que não conversavam, por medo ou por vergonha (como eles mesmo disseram); só consegui me aproximar com mais intensidade a partir do momento que comecei a ir semanalmente para as observações e desde então começamos a estabelecer um diálogo mais efetivo. Inicialmente houve resistência por parte de alguns/mas deles/as, que não queriam falar, mas depois de um tempo essa realidade foi mudando e a aproximação aconteceu. As hipóteses para essa resistência ao diálogo está no silenciamento que viveram no lixão municipal e na marginalização social que ainda enfrentam no cotidiano.

¹⁰⁴ O apoio veio principalmente através de contatos com os comerciantes da cidade feito pelos catadores e catadoras e pelas Pastorais Sociais.

No espaço em que fiz as observações, mais precisamente no barracão da cooperativa, vi que eles tinham uma pequena camionete, que passava mais tempo na oficina mecânica do que sendo usada, como relatou o catador José¹⁰⁵, que inclusive é o motorista da camionete. José me disse que estavam esperando sair um financiamento do banco para trocar o veículo por um caminhão de pequeno porte, e que parte do dinheiro eles já tinham. De acordo com ele, “o padre Nazareno¹⁰⁶ doou um dinheiro pra nós e vamos usar para isso”. O caminhão foi comprado na segunda quinzena do mês de março de 2020, quando a pandemia já tinha se iniciado.

Figura 16 – Caminhão (novo) da Cooperativa Santa Maria



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Na parte da manhã, José, acompanhado de mais um catador, sai para coletar os materiais nos bairros que os disponibilizam para a cooperativa. À tarde, saem para buscar os materiais nos supermercados. Os catadores que permanecem nos supermercados separando os materiais por muitas vezes o levam até a sede da cooperativa, puxando suas carroças com toda a carga. É importante ressaltar que esses catadores que estão nos supermercados fazem parte da cooperativa. Materiais de outros “carroceiros”, como são conhecidos/as os/as catadores/as autônomos/as da cidade, não são comprados.

¹⁰⁵ José Marcos (nome fictício). 28 anos. Catador.

¹⁰⁶ Padre Nazzareno Bennachio, missionário italiano com intenso envolvimento com trabalhos sociais, que residiu em Itapeva desde os anos 80 até sua morte, em 16 de novembro de 2020, aos 97 anos de idade.

A separação dos materiais pelas mulheres acontece até por volta das 11 horas da manhã, quando elas param e vão para a cozinha fazer o almoço. “Já está na hora de comer um feijão, vamos para as panelas”, esse é um bordão recorrente das mulheres antes do almoço, algo que demonstra a desigualdade de gênero presente nesse contexto. As refeições são feitas com cestas básicas que são doadas por diversas pessoas e empresas da cidade. A parada para o almoço é um momento de descontração entre todos, o que pude perceber em um dos almoços que permaneci com eles. O café após o almoço é “sagrado”, disse um dos catadores. É possível perceber a alegria de muitos deles no momento em que estão à mesa, lembrando de histórias do passado e rindo de diversas situações, que para uma parte da sociedade pareceriam desgraças. E assim acabam a primeira parte do dia.

Figura 17 – Refeitório da Cooperativa Santa Maria



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Após o almoço, voltam ao trabalho, visto que que mais materiais já chegaram dos mercados e de outras origens e precisam ser separados minuciosamente para que possam ser prensados e preparados para a venda. Parte desse material é vendido diretamente para uma fábrica de papel¹⁰⁷ que fica em Nova Campina, cidade vizinha de Itapeva, e outra parte ainda é vendida para os chamados “atravessadores”¹⁰⁸. Mônica explicou que conseguiram a venda direta de parte dos recicláveis após a insistência de um dos voluntários que auxiliou no início

¹⁰⁷ International Paper.

¹⁰⁸ Nesse caso, compradores de materiais recicláveis que revendem para as indústrias de recicláveis.

da formação da cooperativa: “O Kiko¹⁰⁹ dizia que a gente não podia vender para o atravessador, mas sim vender direto, assim a gente ganha mais”. Por outro lado, vender diretamente para as indústrias de reciclagem não garante que os/as catadores/as sejam mais valorizados/as nesse processo. É fato que as indústrias de reciclagem dependem das cooperativas, mas essa dependência muito se deve ao desinteresse daquelas em ter a sua própria força de trabalho, o que acarretaria despesas, então é mais cômodo e intencional explorar o trabalho dos catadores e catadoras. Segundo Bosi (2015, p. 79),

É nesse contexto que as indústrias da reciclagem não se interessam em constituir sua própria força de trabalho. A externalização dos catadores lhes é absolutamente adequada às indústrias, pois mantém afastadas as despesas legais, os encargos trabalhistas e determinados custos de produção, como os carrinhos e os depósitos. Dependendo de como se olha para essa cadeia produtiva, os catadores, organizados ou não em cooperativas, aparecem como trabalhadores autônomos que vendem o produto de seu trabalho. Mas se a cadeia é vista como um processo (e é assim que ela deve ser encarada), os catadores aparecem articulados a ela de tal modo que a jornada trabalhada e o preço do material reciclável são determinados pelas indústrias, apesar da impressão que se tem de estarem no controle de seu trabalho.

Vender os materiais recicláveis diretamente para as indústrias de reciclagem traz mais rentabilidade para a cooperativa, os atravessadores atrapalham muito nas negociações, segundo o autor Jacques Demajorovic (2013, p.73):

Grande parte das cooperativas ainda não conta com a estrutura necessária para comercializar diretamente com a indústria, sendo obrigadas a vender para organizações intermediárias da cadeia, o que compromete seus ganhos. [...] Ribeiro et al. (2009) destacam como principais desafios enfrentados pelas cooperativas para a venda direta às indústrias os problemas organizacionais, a reduzida quantidade de material reciclável em razão da concorrência com catadores autônomos e sucateiros, a deficiência de equipamentos e a falta de veículos.

É preciso entender também que o capitalismo, de diversas formas, controla as ações dos catadores e catadoras, que não são uma exceção da sociedade. Pode-se usar aqui o exemplo da venda dos materiais recicláveis, controlados pelas grandes indústrias, deixando as cooperativas de recicláveis a mercê dos pequenos preços que são impostos. A “lógica capitalista”, que visa a exploração para o crescimento econômico de uma gama de indústrias que lucram

¹⁰⁹ O senhor Francisco Stuart, conhecido na cidade como “Kiko”, auxiliou os/as catadores/as na formação burocrática da cooperativa e até hoje oferece auxílio de forma voluntária na parte administrativa.

exorbitantemente nesse meio, e que está presente de forma ampla nas vidas dos/as catadores/as, já tendo gerado tantas desigualdades, sofrimento e mortes, ainda está no controle de muitas de suas ações. O trabalho dos/as catadores/as é intimamente afetado por essa lógica de produção, pois quanto mais trabalharem, mais podem ganhar, ainda mais com lucros tão pequenos que advêm das vendas dos recicláveis. Assim eles vão buscando a sobrevivência nesse sistema de imposição de ações, na qual a produção vem antes de tudo. Santos (2002, p. 248) explica a estruturação dessa “lógica produtivista”:

Nos termos dessa lógica, o crescimento económico é um objetivo racional inquestionável e, como tal, é inquestionável o critério de produtividade que mais bem serve esse objetivo. Esse critério aplica-se tanto à natureza como ao trabalho humano. A natureza produtiva é a natureza maximamente fértil num dado ciclo de produção, enquanto o trabalho produtivo é o trabalho que maximiza a geração de lucros igualmente num dado ciclo de produção. Segundo essa lógica, a não-existência é produzida sobre a forma do improdutivo que, aplicada à natureza, é esterilidade e, aplicada ao trabalho, é preguiça ou desqualificação profissional.

As primeiras horas da tarde seguem com muito trabalho e com uma relativa tranquilidade na cooperativa. O movimento dos/as catadores/as durante o dia é intenso, de forma interna, mas de pessoas chegando com materiais recicláveis, que são de fora da cooperativa, é quase inexistente. Importante ressaltar as condições de trabalho dentro da cooperativa, onde existem muitos perigos à saúde dos/as catadores/as, relacionados aos materiais que estão no galpão. Há o risco de cortarem as mãos no manuseio dos materiais e acabarem sendo contaminados. Não há muita comparação com um lixão a céu aberto, mas o mau cheiro também traz incômodos, como o calor do galpão e a sujeira que existe, considerando que tantos materiais ainda chegam com restos de comida ou de líquidos (BOSI, 2015, p.95).

Há um projeto de implantação de coleta seletiva na cidade, por parte da Prefeitura Municipal¹¹⁰, mas que até o momento não foi efetivado. Os catadores e catadoras com os quais tive mais contato têm consciência da relevância ambiental da coleta seletiva e sabem da importância que eles próprios têm para a sociedade. Mônica ressaltou em uma ocasião que eles estão fazendo um grande favor para os cidadãos de Itapeva, recolhendo e separando os recicláveis. Eles têm o real entendimento que a natureza e os seres humanos são os mais

¹¹⁰ Trazendo um pouco da experiência do momento, é importante dizer que na época da finalização desta escrita (outubro de 2020), estavam ocorrendo as campanhas eleitorais para a Prefeitura Municipal. Todas as candidatas e candidatos a esse cargo já estiveram visitando a Cooperativa Santa Maria, alguns debatendo a implantação da coleta seletiva e outros apenas em visitas de campanha.

beneficiados com o trabalho deles, tendo em vista o quanto o mundo sofre com a produção desenfreada e acúmulo de lixo. Eles e elas compreendem a importância do seu trabalho, não só para a natureza, mas também para a manutenção da cooperativa. Segundo os autores Aquino, Castilho Jr. e a autora Pires (2009, p. 15),

A coleta seletiva no Brasil é organizada basicamente pelo setor privado, visando-se a reciclagem industrial. Na base do sistema, estão os catadores de materiais recicláveis que realizam essa atividade, na maioria dos casos, informal, sem o devido apoio dos órgãos públicos responsáveis pela gestão dos resíduos sólidos e pelos principais beneficiários da cadeia da reciclagem que são os sucateiros e as indústrias (CONCEIÇÃO, 2003). A cadeia da reciclagem é formada pelos catadores, sucateiros de pequeno porte, sucateiros de grande porte e industriais (CALDERONI, 1999).

Nas últimas horas da tarde vão chegando cada vez mais materiais para a separação, sejam trazidos pelos carroceiros da cooperativa que ficam nos mercados ou pela camionete dos cooperados. Em um dos dias das observações, encostou um grande caminhão no final da tarde, com placas de São Paulo, pertencente a um “atravessador” para o qual a cooperativa vende parte dos materiais. Os próprios catadores então carregaram no caminhão os materiais já prensados.

Ao final da tarde há uma rotina, que é o “café com pão”, para que possam ir embora, sendo que os catadores, mas principalmente as catadoras, ainda têm trabalhos a fazer em suas casas¹¹¹. Alguns deles comentam que fazem da noite um terceiro período de trabalho, catando recicláveis que encontram no caminho de volta para casa. Muitos deles e delas deixam as famílias em casa, principalmente filhos e filhas, que necessitam de cuidados e acabam ficando na casa de parentes durante o dia.

Mônica, que assume o papel de coordenação entre os catadores e catadoras, após um dos almoços, disse-me que no início da cooperativa a parte burocrática era um problema e que a ajuda inicial da sociedade foi importante, inclusive de pessoas que os auxiliaram de forma voluntária. “Tinha uma pessoa que nos ajudava para fazer notas, mas ela quis influenciar nas nossas decisões, e nós não aceitamos”. É notória a busca por autonomia no trabalho, o que traz a vontade de aprender, como comentou Mônica. “Nós não aceitamos mais essa pessoa, e por sorte a Vanessa¹¹² já estava acabando o ensino médio e poderia começar a trabalhar com a gente no meio do ano”. Mônica se refere ao ano de 2018. Hoje, Vanessa trabalha como secretária na

¹¹¹ O que demonstra a desigualdade de gênero existente, já apresentada na dissertação.

¹¹² Vanessa Moraes (nome fictício). 18 anos. Secretária da cooperativa.

cooperativa, emitindo notas fiscais e fazendo os contatos que são necessários para as vendas. A própria jovem diz, de forma muito tímida, que aprendeu a emitir notas com a voluntária que os auxiliava, “no início foi difícil, mas depois aprendi a acessar o ‘sistema do governo’ para emitir as notas”. Hoje a cooperativa emite todas as notas fiscais, contando com o auxílio de um escritório de contabilidade para cumprir as burocracias previstas na legislação.

A vontade de ter cada vez mais autonomia é perceptível nas ações no dia a dia, pois os cooperados não desanimam facilmente com os problemas que por ventura aparecem, tentando resolvê-los de forma independente. O pensamento, ao menos até onde observei, é muito ligado a saberes que nasceram no decorrer de suas vidas, sejam eles no trabalho ou no “saber da vida”, como disse dona Maria de Fátima¹¹³, catadora da cooperativa, de 58 anos de idade. O saber da vida, segundo ela, é o que ela aprendeu com seu pai e sua mãe, e também nos “sofrimentos da vida”, e que carrega até hoje. “O trabalho no lixão me ensinou a viver”, diz ela. “Criei os meus filhos com o trabalho no lixão e hoje estamos aqui na cooperativa, graças a Deus”. Ela valoriza os anos de trabalho no lixão, mas tem uma alegria muito grande em trabalhar hoje com “um teto”, como muitos deles ressaltam. O que pode parecer normal para a grande parte dos trabalhadores, para eles é algo esplêndido, poder trabalhar em um local limpo¹¹⁴, coberto e organizado, à maneira deles.

Por detrás dessa vontade de trabalhar e de todo esse trabalho organizado na cooperativa, vimos que existem trajetórias individuais, tristezas e alegrias, que foram transformando as vidas dessas pessoas, trazendo significados para elas e saberes que foram sendo produzidos através do convívio social e que convergem hoje na prática do cotidiano que pertence aos catadores e catadoras, no “chão” da Cooperativa Santa Maria. Esses saberes estão dentro do que Boaventura de Souza Santos chama de “ecologia de saberes”, que permitem não apenas superar o pensamento de que o saber científico é o único que tem validade, mas sim substituir essa ideia de que os saberes populares não têm importância. A “ecologia dos saberes” valoriza todos os saberes produzidos pelos mais diversos movimentos e ações, excluídos da voz ocidental. Nesse contexto podemos incluir os/as catadores/as da Cooperativa Santa Maria, que são símbolos de resistência, visto que suas experiências podem auxiliar, e muito, para um diálogo contra-hegemônico.

¹¹³ Nome fictício.

¹¹⁴ Limpo até certo ponto, pois os recicláveis chegam na maioria das vezes com restos, que estão no interior das embalagens, o que acaba sujando o pátio da cooperativa.

4.4 Escola e exclusão escolar na trajetória dos/as catadores/as

Os catadores e catadoras, como grande parte da massa mais pobre, tiveram, em um passado não tão distante, muitas dificuldades para estudar. Mesmo com o desenvolvimento do acesso à escola nas últimas décadas, esses sujeitos não tiveram essa oportunidade, devido à desigualdade que existe nesse acesso. O avanço da legislação nem sempre chega à prática, e aqui o que nos interessa é entender o significado da escola para os/as catadores/as e tentar compreender a exclusão da escola de todos eles/as, dos mais jovens aos/às mais velhos/as, tendo em comum que todos/as abandonaram o estudo na juventude. O trabalho, pelo menos na visão de alguns/mas deles/as, foi a motivação do abandono dos estudos, o que pode ser uma tendência nessas entrevistas, mas não quer dizer que seja a única. Segundo a autora Symaira Poliana Nonato e o autor Juarez Tarcísio Dayrell (2018, p. 101), “evidencia-se uma tendência na qual a articulação entre trabalho e escola ainda seja vista no enfoque da dificuldade de conciliação, ou o quanto o trabalho atrapalha a escola”.

Quando se fala de escola ou exclusão escolar, é importante entender e lembrar que a juventude que está na escola é marcada por desigualdades, e a vivência dessa temática aparece de maneiras diversas. Não é possível fechar os olhos para outras desigualdades que atravessam a juventude, dependendo também do “gênero, raça ou religião do jovem, dentre outras variáveis sociais”. Não há como entender a juventude de uma única maneira, como se fosse programada para agir, e aí está a importância da pesquisa com esses sujeitos, aqui no caso específico desses/as catadores/as (NONATO; DAYRELL; 2018, p. 103).

O risco do abandono escolar pela juventude pode estar atrelado a diversas variáveis, pois em muitos casos há um processo de exclusão que começa antes do efetivo abandono e que não tem apenas ligação com a pobreza. Para Dayrel e Jesus (2016, p. 409):

Entendemos que, para compreender as trajetórias escolares e os múltiplos fatores que vêm gerando a exclusão dos jovens pesquisados, é fundamental situá-los como sujeitos socioculturais. Isso implica compreendê-los enquanto indivíduos que possuem uma historicidade, visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, lógicas de comportamentos e hábitos que lhes são próprios.

Trarei aqui a análise dessa temática com as falas dos catadores e catadoras que apareceram nas entrevistas sobre o tema. As motivações de abandono da escola podem ser diversas, mas eles/as apresentam dificuldades muito parecidas no que diz respeito aos problemas que a pobreza trouxe para a vida escolar. Tendo em vista um estudo realizado, voltado aos/às catadores/as, a “faixa de instrução mais observada” está entre o sexto ano e o nono ano (PAIVA, 2016, p.157). Segundo Paixão (2005, p. 150), “com relação à proximidade das catadoras com o universo escolar, observamos que, em geral, as condições de vida na família de origem não possibilitaram a entrada ou permanência por tempo significativo na escola”.

No caso do jovem Carlos Silva, de vinte e três anos, conforme entrevista já apresentada, ele lamenta haver tido que parar de estudar no primeiro ano do Ensino Médio, sendo ele um caso à parte em relação aos/às outros/as catadores/as, no que diz respeito à maior longevidade nos estudos, o que muito provavelmente se deve ao acesso à educação no Brasil, que muito evoluiu nos últimos vinte anos, tendo em vista que ele é o mais novo.

Devido ao trabalho tive várias dificuldades na escola e tive que largar cedo, tive que abandonar. Eu quero terminar meu estudo, porque eu quero ser professor de educação física, isso não sai da minha mente, sabe, e eu vou lutar até o fim, até conseguir.

O jovem entrevistado comenta sobre suas dificuldades para estudar, que estão ligadas ao sustento de sua família. Ele ressalta que teve que abandonar os estudos para ir trabalhar no lixão, mas que ainda tem esperanças em voltar aos estudos, inclusive mostra a vontade de cursar o Ensino Superior, quando diz que ser Professor de Educação Física não sai de sua mente. Uma curiosidade sobre o jovem é que ele foi o único que se auto declarou negro, todos os/as outros/as catadores/as se declararam brancos/as. Para Carrano, Marinho e Oliveira (2015, p. 1441):

Em todo caso, muitas das características sociais e individuais (em termos de gênero, de idade, raça/cor, de estado de saúde e de recursos materiais) adquiririam sentido na relação com esses desafios existenciais pelo e no contexto social que rodeia o indivíduo.

A questão racial está sim dentro dos processos de exclusão escolar no Brasil, e que, segundo o IBGE (2018), dentre os 13,5 milhões de brasileiros em situação de extrema pobreza, 75% deles se auto declararam negros ou pardos, de acordo com dados referentes à pesquisa “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça Brasil”. Importante mencionar essa pesquisa, pois ela vem ao encontro da motivação de exclusão do jovem da escola, a dificuldade de sustento, e demonstra o quanto isso está ligado à sua raça. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2019¹¹⁵ (IBGE, 2019), dos 10 milhões de jovens entre 14 e 29 anos de idade que deixaram de ir à escola, 71,7% são negros ou pardos. Isso demonstra um fosso entre os mais ricos e mais pobres, mas um fosso ainda maior na questão racial.

Segundo o pesquisador Rodrigo Ednilson Jesus (2018, p. 6 e 7),

De acordo com a UNICEF (2012), a discriminação racial é uma das principais barreiras que os jovens brasileiros enfrentam para ter garantido seu direito à educação. Do total de excluídos da escola, a maioria é negra e parda. E a discriminação não se manifesta apenas na dificuldade de acesso, mas também na continuidade da vida escolar. A diferença entre a média de anos de estudo da população negra e a média de anos de estudo da população branca, que se somam às mais altas taxas de repetência e abandono entre jovens negros parece evidenciar que a discriminação racial interfere de forma significativa no rendimento escolar dos alunos do Ensino Fundamental e Médio.

Muitas coisas atravessaram a vida desse jovem, não apenas a pobreza, mas a condição de ser negro ou pardo¹¹⁶ em um país tão desigual, que perpetua relações estruturais de racismo, provocando estigmas nos jovens. Esses estigmas nos jovens estudantes, segundo Jesus (2018, p. 8), podem estar atrelados “a características físicas ou sociais, passageiras ou definitivas”, trazendo inclusive um sentimento de impotência, marcas que são vistas negativamente pelos que estão em convivência na escola. Fica claro que esses estereótipos são impostos por uma relação que não nasceu na escola, mas que tem profundidade histórica no Brasil e em grande parte do mundo, privilegiando classes hegemônicas, que não querem perder o poder em relação às minorias.

¹¹⁵IBGE. 2019. PNAD Contínua 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=28203&t=resultados>. Acesso em: 03 nov. 2020.

¹¹⁶ Como já citado, alguns/mas, em resposta a pergunta sobre a cor da pele, citaram de maneira informal que são “bugres”.

Quando Carlos diz que vai lutar até conseguir ser um Professor de Educação Física, pode-se perceber um sonho que está dentro dele, e fica clara a importância de voltar a estudar para ele, que mostra ter planos futuros em relação a isso. Catar lixo apareceu como opção para sobrevivência, mas ele não demonstra querer essa vida para sempre, mesmo que seja na cooperativa, que ele mesmo diz ser “melhor de trabalhar”. Por ser mais jovem, ele ainda mostra crer que pode estudar e ter outra profissão, o que já não vemos nos mais velhos, que dizem querer voltar a estudar para ter apenas o diploma. Segundo Carrano, Marinho e Oliveira (2015, p. 1450 e 1451),

É possível que quando muitos desses jovens passam a vivenciar os entraves provocados pela ausência de credenciais escolares, seja no mercado de trabalho ou na vida social, a interrupção dos estudos seja revista e o reingresso passe a ser uma alternativa. Assim, redescobre-se a escola como um caminho indispensável para uma melhor colocação nos contextos sociais em que vivem.

Carlos reforça, porém, um elemento que muito aparece sobre a exclusão escolar nas diversas falas dos/as catadores/as, a extrema pobreza, que é sim crucial para o abandono da escola, sendo essa motivação a necessidade do sustento básico. O lixão municipal de Itapeva funcionava dia e noite, não tendo hora para que os/as catadores/as estivessem lá, pois muitos/as deles/as passavam noite e dia alternando no trabalho, dessa maneira o tempo era escasso, até mesmo para frequentar a escola.

Paula¹¹⁷ e José Marcos, casados, ambos hoje com 29 anos, pararam de estudar cedo, mas conseguiram finalizar o Ensino Fundamental II. Ao falar sobre a escola, Paula diz que gostaria de voltar a estudar e que largou os estudos quando conheceu José, que hoje é seu marido e trabalha na cooperativa também. Ela diz que a escola na qual eles estudavam acabou com o período noturno de aulas e os dois resolveram só trabalhar para que pudessem morar juntos e se sustentar. Logo vieram os filhos e as dificuldades foram inúmeras, o que demonstra uma desigualdade de gênero nesse quesito. Importante frisar e analisar o fechamento do período noturno da escola da Vila Santa Maria, o que resultou na falta de oferta do EJA, e tem muita ligação com a exclusão escolar de Paula e José Marcos. O desmonte que acontece na educação no Estado de São Paulo, que há vinte e seis anos está nas mãos de governos do PSDB, que trouxe mudanças negativas no decorrer do tempo, ditados pela política neoliberal desse partido. Mormul, Giroto e Souza (2018, p. 89 e 90) analisam esse processo no Estado de São Paulo, que vem acontecendo desde o início dessa gestão,

¹¹⁷ Paula já fez por duas vezes a Prova do ENCCEJA.

[...] a partir de 1995, houve uma maior centralização das decisões administrativas e pedagógicas. Tais decisões se materializaram em duas primeiras medidas: um amplo processo de reorganização da escola, em 1995, com o remanejamento de estudantes entre escolas, fechamento de turnos, definição de ciclos únicos em diversas unidades e a adoção de uma avaliação padronizada – o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) –, em 1996. Em ambos os casos, a política foi mediada pelo discurso da eficiência, numa clara alusão ao ideário da Nova Gestão Pública na Educação.

O desmonte da rede pública do Estado de São Paulo no decorrer do tempo foi trazendo ainda mais problemas para os/as alunos/as, o que desembocou na reorganização escolar no ano de 2015, gerando inclusive, a ocupação dos jovens nas escolas estaduais. Isso demonstra “a falência de um modelo burocratizado de educação para as camadas populares”, que estão sendo excluídas das escolas, desde o início da gestão do PSDB, o que atingiu os/as catadores/as da Cooperativa Santa Maria (CORTI; CORROCHANO; SILVA, 2016, p. 1171).

Com o cessar da oferta do ensino noturno¹¹⁸ na Escola Municipal da Vila Santa Maria, Paula e José Marcos resolveram apenas trabalhar, coisa que talvez não estivesse tão presente assim nos seus planos, pois, ainda hoje, Paula diz que tem vontade de voltar a estudar. Para ela, a relação do trabalho não aparece como a principal causa da exclusão escolar, mas sim o fechamento da escola. Assim, a necessidade e a falta de oferecimento de Ensino no bairro a levaram a abandonar o estudo. Os desafios para se manter na escola já são imensos para a juventude pobre se o ensino existe perto de casa. Se distante, fica ainda mais difícil o acesso. Como afirmaram Nonato e Dayrell (2018, p. 106), “[...] existe então uma dupla condição que interfere na trajetória de vida dos mesmos, ou seja, a pobreza e a juventude em especial, o que implica desafios próprios”. Mas além desses problemas já existentes nas trajetórias deles/as, ainda existiu o problema da falta de oferta do ensino noturno por parte do poder público, o que veio a colaborar e foi de grande importância para a exclusão escolar dos sujeitos.

José Marcos também cita o cessar da oferta do Ensino Médio na Vila Santa Maria ao falar sobre seu abandono da escola, mas o que aparece com mais ênfase é o cansaço:

Larguei a escola por necessidade, eu já trabalhava muito. Quando eu ia para a escola eu só dormia na sala de aula, porque o serviço era pesado. Nem sei como não repetia de ano, só ia para dormir mesmo.

¹¹⁸ Prática do governo do Estado de São Paulo, que ainda vem acontecendo nos dias atuais, o que traz ainda mais problemas para os/as que necessitam do estudo no período noturno.

É claro que o cansaço também aparece como um problema grande para os estudos, mas o desinteresse talvez seja maior nesse caso, tendo em vista que mesmo após o fechamento da escola, tanto José, quanto Paula, não procuraram opções que pudessem os atender em outros bairros, mesmo sabendo que esses bairros eram longínquos. É claro que o desinteresse se deve a variados aspectos, como já concluíram Dayrell e Jesus (2016, p. 417):

Parece evidente que a escola não atrai esses jovens, o que lhes é oferecido não os envolve. E pior, não conseguem atribuir sentido! Várias pesquisas já chegaram a essa mesma constatação. Uma delas, “Os motivos da evasão escolar” (NERI, 2008), constatou que a falta de interesse dos alunos (40,3%) foi o primeiro motivo alegado para a evasão, maior inclusive do que a necessidade do trabalho e renda (27,1%). Outras pesquisas, como a de Sposito (2004), evidenciam a crítica dos alunos a um currículo distante da sua realidade, demandando maior diálogo das matérias com a sua realidade cotidiana.

Na narrativa de José não aparece a vontade de voltar a estudar, talvez porque não era o objetivo principal dessas entrevistas, mas Paula fala dessa vontade, o que pode trazer a ideia de que a experiência que ela teve na escola não foi tão ruim, como a narrativa de sua irmã Mônica, que já foi analisada aqui. Mesmo com todos os problemas que na escola existem, de certa forma, os/as jovens que a frequentam veem o espaço como significativo e positivo para suas vidas, no que se refere ao respeito, a valores, o que é certo e errado, e outros fatores, como já analisaram Dayrell e Jesus (2016, p. 415 e 416).

O catador Sandro, de 32 anos, que teve uma trajetória um pouco mais emblemática em relação aos/às outros/as catadores/as, por ser excluído do convívio social devido ao envolvimento em um crime, também falou de sua relação com a escola: “Eu gostava da escola, só que eu tinha uma certa dificuldade para acompanhar as matérias, então aí devido a esse problema eu acabei me desanimando”. A zombaria dos colegas, que era frequente e relacionada ao seu desenvolvimento escolar também o incomodava muito: “Naquela época existia muito esse negócio de *bullying*, as pessoas ficavam zombando da gente”. A zombaria está ligada, segundo Sandro, à pobreza. Mas ele não entrou em detalhes sobre essa questão.

Sandro inicia sua narrativa dizendo que gostava da escola, mas que tinha dificuldade para acompanhar as “matérias”. Esse gostar da escola pode estar atrelado ao ambiente escolar e a vontade de descobrir novos horizontes em sua vida, mas que acabaram sendo podados pela sua dificuldade em acompanhar os conteúdos, que não devem ter encontrado sentido em sua vida. O sistema de ensino, baseado em um currículo fechado, com divisão de disciplinas, pode gerar essa ilusão de que os alunos bons são os que acompanham o conteúdo e os maus os que não acompanham. A escola acaba por fechar, assim, muitos dos alunos para a socialização, fazendo com que eles acreditem que não servem para estudar, por trazer uma educação que impõe e não liberta. Segundo Freire (1996, p. 104), na educação: “Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda”. Isso pode explicar tantas exclusões escolares.

O catador também resalta o problema da “zombaria” dos colegas, que é uma maneira de descrever o *bullying* que ele sofria. No caso dele, que repetiu inúmeras vezes que o *bullying* foi decisivo para que abandonasse a escola, demonstra que esse debate de grande relevância nos dias atuais é uma problemática do ambiente escolar. Segundo Oliveira-Menegotto, Pasini e Levandowski (2013, p. 204), estudiosas do *bullying* escolar, o “*bullying* é um fenômeno que se caracteriza por atos de violência física ou verbal, que ocorrem de forma repetitiva e intencional contra uma ou mais vítimas”. As repercussões do *bullying* escolar nos adolescentes e jovens são muito negativas. Conforme afirmam as mencionadas autoras (2013, p. 208), após levantamento da literatura sobre o assunto,

Inúmeros estudos têm demonstrado que o bullying escolar tem efeitos nocivos naqueles que estão envolvidos com tal fenômeno, sobretudo nas vítimas. Bandeira e Hutz (2010) salientaram que o bullying tem implicações na autoestima de adolescentes. [...] Além de repercussões físicas, o bullying escolar gera sequelas psíquicas, podendo estar associado ao risco de suicídio.

Os problemas vividos na escola, segundo Sandro, acabaram depois espelhando em sua vida, tendo dificuldades para trabalhar e trazendo o sentimento de impotência em relação aos mais diversos trabalhos que desempenhou no decorrer da vida, sentimento esse que ele diz ter sido gerado nos tempos de escola, mas que hoje para ele são parte de um passado distante e que não gosta nem de lembrar.

Mônica¹¹⁹ foi a única catadora, tendo em vista as falas dos/as outros/as catadores/as, que teve incentivo dos pais para estudar. Mas Mônica passou por fases difíceis na escola, principalmente pela repetência e por um profundo desinteresse pelo estudo, que para ela não tinha sentido.

[...] na minha infância, quando eu estudei, na verdade, eu não gostava de escola. E eu repeti bastante. [...] tinha a cabeça muito fraca para estudar.

Percebe-se no relato de Mônica que ela não tinha interesse nas aulas e acabava “matando” muitas aulas e por isso sempre repetia de ano. Ela não via graça nos estudos, mesmo com o incentivo dos pais, que eram da classe pobre trabalhadora, e que insistiram para que ela voltasse a estudar, mas ela diz que não queria. Mônica preferia ficar na casa cuidando das irmãs mais novas. Analisando o porquê do desinteresse na escola por parte da juventude, as autoras Ana Paula de Oliveira Corti, Maria Carla Corrochano e o autor José Alves da Silva (2016, p.1166), podem auxiliar nesse entendimento:

[...] as atividades escolares, especialmente na sala de aula, são descritas como “chatas”, “repetitivas”, “desinteressantes” e “sem sentido”. Em outras palavras, se evidencia que a escola não tem despertado neles o prazer de estudar, sendo que as práticas em sala de aula aparecem como importante obstáculo para o aprendizado. É nessa perspectiva que reivindicam atividades “mais práticas”, capazes de extrapolar a reprodução de textos ou a realização de exercícios nos cadernos, bem como a adoção de procedimentos de ensino capazes de envolvê-los, sintonizando os conteúdos escolares com o cotidiano e o mundo que os cerca (DAYRELL, 2005; SPOSITO; GALVÃO, 2004).

A repetência está intimamente ligada com o desinteresse pela escola, que não é nem um pouco atrativa para a maioria dos alunos, sendo estática em seus métodos de ensino, afastando os jovens do aprendizado, por estarem distantes de suas realidades. O ensino está muito centralizado no educador e o educando aparece em segundo plano. Freire (2014, p. 79) nos lembra que,

¹¹⁹ Mônica já fez a Prova do ENCCEJA por três vezes e demonstra vontade de voltar a estudar.

Quanto mais analisamos as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis (ou fora dela), parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras. Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. [...] Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado, e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. [...] Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação

A educação que Mônica vivenciou na escola não a atravessava, por não ganhar sentido em sua realidade, e assim ela foi abandonando os estudos. A repetência dela se deu pelo grande número de faltas, o que aconteceu por três anos, devido ao seu desinteresse pelo ensino. Quando a catadora diz que tinha cabeça fraca para estudar, a culpa, em grande parte, é da escola, porque sabemos que existem outras variáveis externas à mesma. Essa culpa se deve à maneira como muitos Professores ensinam, sendo esses, na sua grande maioria, detentores do conhecimento, sem abrir espaço para as experiências e as mais diversas realidades dos jovens educandos. Ainda hoje o ensino aparece como engessado para os jovens, atingindo os 10 milhões de jovens que estão fora da escola no Brasil na atualidade, sendo que esses números só aumentam, como já visto no início desta reflexão.

Paulo Freire nomeia essa educação que não leva em conta a importância que o educando tem nesse processo de “educação bancária”, que “é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos”. Essa transmissão acontece como uma cópia fiel da “sociedade opressora” que domina as relações da realidade social, econômica e política no Brasil, visto que a educação aparece como uma “dimensão da cultura do silêncio” (FREIRE, 2014, p. 82).

A “cultura do silêncio”, por muitas vezes imposta nas escolas, atinge de uma forma mais violenta ainda questões ligadas ao gênero, que no caso de Mônica, por ser a mulher mais velha da casa, teve que cuidar dos afazeres domésticos e das irmãs mais novas, pois os pais ficavam ausentes o dia todo, trabalhando. Isso também influenciou na sua decisão de abandonar a escola, por ter essa obrigação, e por tantos percalços no caminho escolar, acabou preferindo ficar em casa, demonstrando a estrutura social machista em que as mulheres ainda estão inseridas. Estrutura essa que privilegia os homens em variadas facetas. Simone de Beauvoir (1960, p.232) já nos lembrava que “o homem conseguiu escravizar a mulher [...]. Integrada na família e na sociedade, a magia da mulher dissipa-se em vez de se transfigurar; reduzida à condição de serva”.

No âmbito do trabalho, as desigualdades de gênero também aparecem. Importante entender o quanto as mulheres acabam tendo responsabilidades na casa e fora dela, para terem um ganho menor do que os homens. Segundo a Agência de Notícias do IBGE (2018)¹²⁰,

As mulheres trabalham, em média, três horas por semana a mais do que os homens, combinando trabalhos remunerados, afazeres domésticos e cuidados de pessoas. Mesmo assim, e ainda contando com um nível educacional mais alto, elas ganham, em média, 76,5% do rendimento dos homens [...].

Corrochano, Abramo e Abramo (2017, p.155), trazem mais dados e uma análise importante da desigualdade de gênero no trabalho e na vida familiar,

Para as jovens mulheres, a jornada total de trabalho (que considera a jornada de trabalho remunerado exercida no mercado de trabalho, os afazeres domésticos e o tempo de deslocamento casa-trabalho) é significativamente mais elevada (58 horas e 30 minutos semanais) que a dos homens (49 horas e 30 minutos). Apesar de trabalhar em média 3 horas a menos que os homens no mercado de trabalho, as jovens mulheres dedicam mais que o dobro de horas aos afazeres domésticos (20 horas semanais) que os jovens homens (9 horas semanais) (PNTDJ, 2016). Essas cifras indicam a persistência, entre as novas gerações, da divisão sexual do trabalho e de estereótipos de gênero que atribuem às mulheres as responsabilidades com o cuidado da família e com a organização doméstica. Considerando a situação dos jovens com filhos, as desigualdades se multiplicam, pois a possibilidade de conciliação dos estudos, trabalho e vida familiar é ainda mais complexa.

O ser mulher no Brasil já é extremamente difícil, e quando se está abaixo da linha da pobreza, as dificuldades ficam ainda mais visíveis. Mônica conta que ficou grávida muito cedo e que teve que assumir responsabilidades como dona de casa, enquanto o cônjuge, que era envolvido com o tráfico de drogas, não parava em casa, de forma que ela e os filhos por muitas vezes passaram fome, tendo que viver da “ajuda de outras pessoas”.¹²¹

Outro trecho que remete a uma reflexão na fala de Mônica é quando ela diz que “tinha a cabeça muito fraca para estudar”, o que traz um sentido de culpabilização pelo não estudo. Sabe-se que isso não é verdade e que dentro desse processo há muitas outras coisas que marcam e movem negativamente a vida dos estudantes das classes populares. A culpa da exclusão escolar ou da qualidade de ensino sempre recai sobre o/a aluno/a e por vezes também no/a professor/a. Segundo Celso de Rui Beisiegel (1989, p.30),

¹²⁰ IBGE. Mulher estuda mais, trabalha mais e ganha menos do que o homem. Agência de notícias IBGE. 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem>. Acesso em: 04 de nov. 2020.

¹²¹ Anotações em conversa informal no diário de observação.

[...] Porque a consequência inevitável disso está sendo uma crítica descabida à escola e ao professor, responsabilizando-os por todo o fracasso escolar que se observa por aí. Isso é profundamente reacionário, nós estamos esquecendo as condições de vida em que vivem as camadas populares.

O Sr. Benedito já é um caso um pouco diferente, pensando no contexto escolar da época em que frequentou a escola. Ele hoje tem 58 anos e esteve na escola no final dos anos sessenta e início dos anos setenta. Teve que trabalhar desde muito criança e, quando indagado sobre a escola, responde que não tem muitas lembranças, como ele mesmo diz:

Trabalhei em muita coisa desde muito pequeno. Com 8 anos eu chegava da escola e pegava minha caixinha de engraxate e descia para a rodoviária para engraxar e ganhar uns trocados. Trabalhei também na lavoura, como catador de feijão. Não tenho muitas lembranças da escola porque estudei só até os nove anos e parei na terceira série, a situação era muito difícil para a minha família.

O atendimento do ensino na época em que o Sr. Benedito estudava era muito precário, pois grande parcela da população era excluída da escola, principalmente porque o Estado não garantia que essa necessidade básica fosse atendida. Muitas crianças das classes trabalhadoras e mais pobres trabalhavam desde muito cedo, e isso trazia problemas para que frequentassem as escolas. Essa realidade só mudou de forma efetiva, na legislação, no ano de 1990, com o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069¹²², que trouxe uma proteção integral às crianças e aos adolescentes, afirmando que eles gozam de todos os direitos fundamentais que são inerentes à pessoa humana (BRASIL, 2020). Mas ainda há realidades no Brasil em que crianças são forçadas a trabalhar desde muito cedo, pelas dificuldades que enfrentam pela miséria, sendo assim, impedidos de irem para a escola.

Na época em que o catador esteve na escola, os índices de repetência eram muito grandes, o que contribuía para os processos de exclusão escolar dessas crianças, tendo em vista ainda outros problemas que existiam, como pudemos observar na narrativa do Sr. Benedito, que fala sobre a necessidade de trabalhar, o que era quase que uma obrigação das crianças mais pobres. Como as autoras Elba Siqueira de Sá Barreto e Eleny Mitruslus já refletiam em um estudo sobre os ciclos escolares no Brasil no ano de 2001 (p. 108):

¹²² BRASIL. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>. Acesso em: 06 de nov. 2020.

Durante os anos 60 persistiam porém em todo o país os pontos de estrangulamento do ensino. Altos índices de repetência efetiva e de “repetência branca”, camuflada em evasão, impossibilitavam o atendimento pleno de cada corte populacional ao longo da escolarização.

O que vem a tocar muito é que o Sr. Benedito não tem lembranças da escola, mas uma lembrança aparece junto com a escola, que é a “caixinha de engraxate”, instrumento de trabalho de muitas crianças naquela época. Ele lembra que chegava da escola, pegava a caixinha e ia para a rodoviária engraxar sapatos, para ajudar a família. O trabalho como engraxate estava muito presente na vida das crianças mais pobres da época, ao menos na cidade de Itapeva. Essa realidade não está tão distante, sendo que nos anos 90 isso ainda era uma prática de muitas crianças na praça central do município, o que veio mudando, com louvor, a partir das leis para proteção dos direitos das crianças e adolescentes.

As experiências escolares dos/as catadores/as não foram as melhores, mas demonstram o quanto o Estado se mostra ausente na vida deles/as, que por diversos motivos deixaram a escola, não havendo como generalizar que o trabalho para o sustento mínimo foi a única motivação, pois os seres humanos são atravessados de diversas formas pelos contextos em que vivem, contudo, a palavra trabalho aparece repetidamente na boca dos referidos sujeitos. Dependendo da idade deles/as também, vemos diferenças nas motivações da exclusão escolar, tendo em vista que os mais novos manifestaram interesse em voltar a estudar, mas apenas um citou isso como um sonho. Os mais velhos querem estudar para ter um diploma, porém, todos eles tiveram experiências nas escolas que ajudaram a ser o que são hoje, sejam pontos negativos ou positivos.

Dentre os mais novos, no que diz respeito ao período de tempo em que foram à escola, no Brasil, houve uma grande mudança de acesso à mesma. O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990)¹²³ de 1990 é um grande exemplo desse avanço, pois garantiu a proteção integral à criança e ao adolescente. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996)¹²⁴, que é de 1996, promulgada na época do governo de Fernando Henrique Cardoso, garantiu acesso a todos/as os/as cidadãos/ãs à escola. E tantas políticas públicas que vieram a partir do ano de 2002, durante o governo Lula, como, por exemplo, o Programa Bolsa Família, que concedia o seu recebimento desde que os/as filhos/as em idade escolar estivessem na escola. Segundo o pesquisador Miguel G. Arroyo (2015, p.19),

À luz da história de negação política da ética na garantia do direito dessas infâncias-adolescências vínhamos reagindo na afirmação política de tratos éticos e de defesa dos direitos humanos mais básicos dessas infâncias-adolescências: direito à vida, alimentação (Bolsa Família para quase 20 milhões de crianças-adolescentes na extrema pobreza que vão cada dia às escolas), direito à saúde, à educação, a viver a escola como um tempo-espaço de um digno e justo viver a infância-adolescência; programa Mais Educação, mais tempo de escola, Escola de Tempo Integral-Integrada, Juventude Viva. [...] As políticas sociais e educacionais vinham acordando de um longo tempo de silêncio e indiferença para a sorte dessas infâncias-adolescências.

Não há como negar que o Brasil teve muitos avanços nesse quesito, mas fica claro, nas falas dos/as catadores/as que essas políticas não chegaram até eles/as, por inúmeros motivos que influenciaram a vida de cada um deles/as, como, por exemplo, o fechamento do período noturno da Escola da vila Santa Maria, como apareceu na fala do catador José Marcos. Pode se concluir que essa foi uma forma de negar o direito à educação aos/às moradores/as da Vila Santa Maria. O direito à educação que está afirmado nas mais diversas legislações do Brasil não foi realidade para os/as catadores/as em questão e não chegou para tantos/as outros/as brasileiros/as. Segundo Arroyo (2015, p. 22),

¹²³BRASIL. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 23 nov. 2020.

¹²⁴BRASIL. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 23 nov. 2020.

Desde a proclamação do direito de todo-cada cidadão à educação e do dever do Estado de garanti-lo como direito individual, fomos aprendendo que nem todos têm sido, nem são em nossa história, reconhecidos cidadãos. Nem o Estado tem se sentido igualmente obrigado a garantir por dever direitos iguais dos feitos desiguais. Fomos percebendo que o padrão de dominação-subalternização da cidadania, do direito, da justiça e do dever do Estado continua classista, sexista e racista.

Com o estudo negado, o trabalho aparece na vida dos/as catadores/as como ponto central. Não apenas para a sobrevivência, que era urgente em suas vidas, mas igualmente como uma forma de aprendizado, mesmo com todos os problemas que enfrentaram no lixão e que enfrentam na cooperativa, ainda hoje.

4.5 Significados do trabalho para os/as catadores/as

Não quero trazer aqui uma ideia de fatalismo, no que diz respeito em apresentar apenas os sofrimentos dos trabalhos que eles desenvolveram no lixão, mas pretendo apresentar também as suas percepções sobre o trabalho de hoje, analisando pontos de encontro e de distanciamentos.

Claro que não há como deixar de falar dos sofrimentos que o “trabalho indecente” proporcionou na vida dos/as catadores/as, conforme muito bem expressado por Paula, quando ela fala que o trabalho no lixão era muito “indigno”: “Tinha um monte de coró que subia em nós. Nós éramos acostumados com os corós. Nós achávamos bicho morto, cachorro, gato”. Penso que essa fala já traz uma forte carga negativa de como era essa realidade (principalmente na juventude dos mais velhos), já debatida aqui, e que já foi colocada com ênfase por outros/as entrevistados/as, por isso trazer outros contextos são de grande valia neste momento, para entender outras significações do trabalho para elas e eles.

Os pontos de encontro das frases dos/as catadores/as muito se devem à mesma realidade sentida e vivida, o que trouxe pontos de vistas muito parecidos, entre os/as mais velhos/as e os/as mais jovens. Mas é claro que existem diferenças entre o que viram, pois cada um/a interpretou e sentiu de um jeito diferente, e quando se fala de futuro isso ainda é mais presente, como será abordado agora.

O significado do trabalho para elas e eles é algo importante a se discutir, sendo que sem sombra de dúvidas, o trabalho é uma maneira de sustento econômico, e isso é óbvio no caso deles/as e de uma forma geral. Mas é importante ir além dessa maneira mais comum de entender o significado do trabalho, pois em suas falas aparecem outras características que serão ressaltadas, e que trazem proximidade para o contexto. O trabalho na cooperativa para eles/as é central em suas vidas e tem um caráter educacional, segundo as autoras Tiriba e Magalhães, (2016, p. 90):

O que nos permite afirmar que o princípio educativo do trabalho é a compreensão da centralidade do trabalho na formação humana é o entendimento que só é possível existir a vida humana na face da Terra se os seres humanos, mediados pelo trabalho, transformam a si mesmos e a natureza em seu entorno, criando e recriando a realidade humano-social.

A sobrevivência é a principal meta dos que estão à margem da sociedade e não foi diferente com os/as catadores/as, pois durante muito tempo o Estado esteve ausente em suas vidas, o que agravou ainda mais a situação de precariedade. A própria organização da cooperativa é concebida por todos esses problemas e não unicamente pelo fechamento do lixão, e a organização dos/as catadores/as vem dessa tomada de consciência. Segundo Tiriba (2007, p. 92),

Para refletir sobre os fundamentos de uma pedagogia da produção associada, consideramos pelo menos três premissas teórico-práticas. A primeira é que, na busca incessante para ganhar o pão de cada dia, o trabalho torna-se não apenas um princípio educativo, mas também um fim educativo. Os trabalhadores têm aprendido na “escola da vida” que não tem sido suficiente reivindicar do Estado seus direitos mínimos de cidadania. O abandono do Estado em relação às necessidades básicas de alimentação, moradia, educação etc. tem influenciado na construção de uma cidadania ativa – que vai mais além do protesto e da reivindicação.

Pensando nas proximidades das falas, de uma maneira positiva, o que aparece com destaque é a consciência do bem que eles/as fazem para a natureza e para a sociedade em geral catando os recicláveis, independentemente da idade, sendo entre os/as mais jovens e mais velhos/as, o que pode ser uma consciência deles/as ou não, muitas vezes impostas pelos que querem controlar esse processo. Esse tema é de extrema importância para esse debate, porque leva a um entendimento para eles/as mesmos/as, do significado do trabalho que desenvolvem. Nos contatos que tive com eles/as, sejam nas experiências que vivi na cooperativa, inclusive nas aulas que lecionei, ou na convivência no barracão, eles/as sempre demonstraram saber a importância que têm para o meio ambiente e para a limpeza da cidade. Isso está muito claro na narrativa do catador Sandro, de 32 anos, “o trabalho com reciclável além de estar ajudando o meio ambiente, ainda está ajudando a manter a limpeza, a higiene da casa das pessoas, é um serviço que eu adoro fazer”.

A importância dos/as catadores/as para a sociedade é muito visível para alguns/mas cidadãos/ãs e invisível para outros/as, mas eles/as afirmam que sabem o quanto o trabalho deles/as tem importância. A desvalorização do trabalho de catação, está também ligada à cadeia produtiva da reciclagem, na qual se encontram no mais baixo escalão, fazendo um trabalho que muitos/as não fariam. Por mais que pareça um trabalho simples, a separação do material requer organização, como já estudou a autora Ana Maria Rodrigues de Carvalho, em sua tese de doutorado (2008, p. 120):

Trabalhar na catação, por mais simples que possa parecer, requer do trabalhador competência para organizar seu trabalho: estabelecer o roteiro e o cronograma da coleta, preparar a carga para o transporte e, além disso, arrumar todo o material coletado para armazená-lo [...]

Na fala do Sr. Benedito, de 58 anos, ainda trazendo as lembranças do trabalho no lixão, ele ressalta que: “ninguém valorizava o nosso trabalho. [...] Tinha que ter gente para catar, se não como é que ia reciclar? Era importante nosso trabalho. Nós estávamos fazendo limpeza”. Os/as catadores/as ao mesmo tempo que entendem que não são valorizados/as, por uma série de fatores que já foram analisados aqui, por outro lado entendem que são importantes e dignificam os seus trabalhos, trazendo uma valorização pessoal para os/as mesmos/as. O trabalho não é fácil, mas eles/as sabem da importância que têm para todo um sistema e o quanto poderiam ser mais valorizados/as pelo trabalho tão fundamental que realizam. Esse sentimento de desvalorização, mas ao mesmo tempo de uma autovalorização, aparece também na fala do catador José Marcos, de 29 anos, dentro da realidade atual: “até hoje ainda tem gente que não reconhece o serviço da gente. A gente está fazendo um bem para a cidade e as pessoas não reconhecem. Estamos ajudando a limpar a cidade”.

Na minha participação nesse processo, por muitas vezes vi alegria nos rostos das catadoras e dos catadores, que trabalhavam no barracão, cantando e brincando uns com os outros, sem que perdessem o foco no trabalho. A catadora Mônica comentou que hoje eles/as têm mais alegria em ir para o trabalho, pelas condições e os ganhos obtidos, e mesmo chegando no final do dia em casa, com muito cansaço, têm a sensação de dever cumprido. O trabalho de hoje, segundo a catadora, fez com que eles/as percebessem que os sonhos são alcançáveis e que a perspectiva de um futuro positivo pode ser ainda maior.

Compreendendo essa reflexão sobre os significados dos trabalhos para eles/as, é possível concluir que o trabalho foi instrumento de sustento e de sofrimento desde o início da prática no lixão, ficando claro que não queriam estar ali, mas que foram levados, pela falta de acesso aos direitos básicos, a estar naquele ambiente. Hoje na cooperativa, na visão dos/as catadores/as o trabalho é mais decente, por não estarem mais no lixão municipal correndo os riscos que antes corriam, sendo que na cooperativa trabalham em um lugar fechado, podem se alimentar bem, têm água potável e condições para desenvolver o trabalho com mais dignidade.

4.6 Sonhos e esperanças para o futuro

Os distanciamentos nas narrativas dos/as catadores/as despontam com mais clareza principalmente quando se fala de um sonho, que está ligado à ideia de futuro. Percebe-se que esse distanciamento tem ligação com a idade e com a realidade mais particular em que cada um/a deles/as vive. Não há como atribuir essas diferenças apenas em relação à idade deles/as,

pois a juventude mais pobre, como já foi dito, por muitas vezes não tem a opção de gozar de forma completa de sua juventude, tendo responsabilidades que tradicionalmente são atribuídas a adultos, o que foi o caso, até mesmo dos/as mais velhos/as em um passado não tão distante. Dentro do próprio contexto, do que se denomina juventude, existem muitas diferenças, por isso não se pode generalizar que a idade biológica é o principal problema dessa questão, posto que existe aí uma relação entre idade social e biológica e que aparece com muita complexidade (BOURDIEU, 1983, p.2).

Mas quando se fala em futuro, é claro, que em uma perspectiva mais ampla, os mais jovens tendem a ter mais planos. Pensando em perspectivas para o futuro, Carlos, o catador mais novo entrevistado, que tem 23 anos, quando perguntado sobre um sonho, diz que “vai lutar até o fim” para ser professor de Educação Física, coisa que não sai de sua “mente”. Ele ainda pensa em realizar esse sonho e demonstra que o trabalho na cooperativa é importante para ele, em outras partes de sua narrativa, mas que pretende fazer uma faculdade, ter um diploma e lecionar como professor de Educação Física em um futuro próximo. Carlos deixa claro que tem um “projeto de vida”, mesmo que não tenha ainda um plano para que possa alcançá-lo. Segundo Leão, Dayrrel e Reis (2011, p. 1071), “a ideia de projeto de vida remete a um plano de ação que um indivíduo se propõe a realizar em relação a alguma esfera de sua vida (profissional, escolar, afetivo, etc) em um arco temporal mais ou menos largo”. Mas deve se levar em conta o quanto o contexto social, as incertezas e outras desigualdades podem desacelerar ou até apagar esses sonhos, pois muito/as não têm a escolha efetiva presente em suas vidas, mas são levados/as a escolhas que nem sempre são as suas verdadeiras vontades. Segundo Leão, Dayrrel e Reis (2011, p. 1074):

Nesse cenário, os indivíduos se encontram envolvidos numa pluralidade de pertencimentos (posições sociais, redes associativas, grupos de referência etc.), de tal forma que participam, real ou imaginariamente, de uma multiplicidade de mundos: “somos animais migrantes nos labirintos das metrópoles, viajantes do planeta, nômades do presente” (Melucci, 2004, p. 39). Cada um é chamado a escolher, a decidir continuamente, fazendo com que a incerteza faça parte da ação: diante da ampliação das possibilidades, o que fazer? Quais possibilidades escolher? O imperativo da incerteza impõe a necessidade da escolha. É o que ele chama de “paradoxo da escolha”: de um lado, a ampliação do espaço de autonomia individual que se expressa na escolha. Mas, de outro, a impossibilidade de não escolher. Isso não significa afirmar que “todos escolhem tudo, sempre”, pois seria negar a existência dos diferentes tipos de fundamentalismos ou mesmo das desigualdades sociais.

No caso do catador Sandro, quando perguntado a respeito de um sonho, ele diz que quer muito que a cooperativa cresça e que ele possa ajudar e ensinar os/as catadores/as que ainda possam lá chegar. O educar chama a atenção mais uma vez, isso demonstra a valorização que ele dá para o aprendizado que teve nesse trabalho, e o quanto ele quer retribuir e contribuir ainda com a cooperativa. O aprendizado no trabalho, de alguma forma, ajudou Sandro, para que ele pudesse enxergar novos horizontes na sua vida, mas isso só foi possível porque a cooperativa o abraçou e dialogou com ele. O aprendizado está em um eterno devir, e relacionado a um diálogo real. Sandro cita ao final que tem mais um sonho, que é ter uma casa própria. Hoje Sandro mora em uma casa alugada, ao lado de um córrego onde corre parte do esgoto da cidade, sendo que pude conhecer sua moradia quando fui até lá para fazer a entrevista.

No caso dos/as catadores/as da Cooperativa Santa Maria, pode-se perceber a presença de uma educação que concebeu um aprendizado em conjunto, tendo em vista as experiências que viveram. Segundo Freire (2014, p. 108), “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Paula e José Marcos (casados e ambos com 29 anos) têm em comum um sonho ligado ao crescimento da cooperativa para que eles possam continuar trabalhando e ajudando a cidade com a limpeza. Paula diz que espera também que os filhos possam continuar estudando para que não sofram como ela e o companheiro sofreram com o trabalho no lixão. Ela vê o estudo dos filhos como uma ponte para uma vida melhor. José Marcos diz que o sonho que eles tinham já foi realizado, que era ter uma casa própria, o que conseguiram através do programa “Minha Casa, Minha Vida”. Ele ressalta também que quer que os filhos continuem estudando, para que tenham uma vida melhor.

No caso de Mônica, que tem 37 anos, quando perguntei a ela acerca de um sonho, ela disse que gostaria de ter acabado os estudos. Analisando isso, percebo que ela tem um arrependimento de não ter estudado no que ela chamou de “época certa”, e acha que se estivesse estudado não teria passado pelos sofrimentos que passou. Há uma crença muito forte na afirmação de Mônica de que a educação poderia tê-la levado a outros caminhos na vida, algo que está presente nas afirmações de outros catadores e catadoras. Mas no caso de Mônica, que é uma liderança na cooperativa, mesmo sem o processo de escolarização ter acontecido na sua vida como ela queria, hoje ela é parte de uma transformação na vida de tantos/as que estão na cooperativa, por ter tido a iniciativa, quando ninguém acreditava que realmente eles conseguiriam sair do lixão, e formar a cooperativa. Com a convivência que tive com ela pude perceber o quanto acredita no trabalho que faz e consegue mover os outros nesse sentido.

Há aproximações e distâncias em seus sonhos, mas com certeza existe uma crença muito grande no que a vida ainda pode conceder de bom para eles/as. Essa crença se deve à realização do sonho maior, que era o da formação da cooperativa, e esse sonho, para aqueles/as que participaram desse processo, já foi e é realizado a cada dia que pisam no “chão” da cooperativa para trabalharem, dialogarem e se educarem mutuamente.

Os sonhos estão muito ligados à cooperativa, pois ela aparece como uma esperança em suas vidas. Esperança de que a vida possa ser melhor, cooperando uns/mas com os/as outros/as, o que traz uma ideia de unidade e de solidariedade entre eles/as e seus pares. O saber que com certeza pode resumir muitas de suas percepções sobre a vida, e que nasceu das lutas que enfrentam, está ligado à ideia de cooperação, o que trouxe uma unidade entre eles/as, contendo dentro de tudo isso, gestos e falas de solidariedade. Através do trabalho cooperado, eles/as desenvolveram a consciência da importância do que fazem, para suas vidas, e também para a vida da sociedade em geral. Essa consciência nasceu através da cooperação, dos saberes produzidos na coletividade, que e hoje são anúncios de esperança. Segundo a autora Tiriba e (2009, p.9),

Os saberes do trabalho e sobre a vida em sociedade são mediados pelos saberes de diversos protagonistas dos movimentos populares. São saberes que se tecem no cotidiano de luta política e, ao mesmo tempo, de sobrevivência; são saberes técnico-políticos que ora se confrontam, ora se complementam. Como construção histórico-social, os saberes se constroem na coletividade (portanto, não podem ser propriedade privada de um grupo ou classe social)

A solidariedade¹²⁵ que existe entre eles/as está muito ligada aos problemas que tiveram, mas isso os uniu ainda mais para que pudessem alcançar o sonho de uma vida mais digna e mais assistida pelos direitos sociais. Essa solidariedade se baseia na compaixão entre eles/as

¹²⁵ Tendo em vista a solidariedade entre os pobres é importante ressaltar uma atual pesquisa sobre o tema. Segundo a Agência Brasil (2020): “Enquanto 49% dos brasileiros fizeram algum tipo de doação durante a pandemia do novo coronavírus, esse índice atingiu 63% nas favelas do país. O dado consta da pesquisa inédita Pandemia na Favela - A realidade de 14 milhões de favelados no combate ao novo coronavírus, realizada pelo Data Favela, parceria do Instituto Locomotiva, da Central Única das Favelas (Cufa) e da Favela Holding. [...] Segundo Athayde, quem mora em favela depende muito dos vizinhos, que se prestam, por exemplo, a tomar conta dos filhos de outras pessoas, enquanto aos pais saem para trabalhar. “Esse tipo de coisa não acontece, geralmente, em outros territórios. A favela acabou desenvolvendo uma solidariedade muito grande, que não se encontra em nenhum outro território”. O fundador da Cufa disse que é impossível alguém passar fome na favela, porque as pessoas se solidarizam o tempo todo. Quem ganha uma cesta básica costuma dividir com o vizinho se ele não tiver nada para comer, afirmou. “Eu diria que a solidariedade, a resiliência são características desenvolvidas nos sentimentos das pessoas que moram em favelas. E a pesquisa apenas confirma isso”. Agência Brasil. Pesquisa mostra que solidariedade é maior entre moradores de favelas. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/pesquisa-mostra-que-solidariedade-e-maior-entre-moradores-de>. Acesso em: 27 dez. 2020.

sem querer nada em troca, coisa que construíram no decorrer da vida, levando em consideração o quanto tiveram que se ajudar mutuamente para chegar até aqui. Por isso, afirmo que um dos principais aprendizados dos/as catadores/as da Cooperativa Santa Maria foi o saber da solidariedade, coisa que aprenderam através das “práticas sociais” nos momentos de interação e de dificuldade, e nesse sentido, “são também práticas de saber” (SANTOS, 2002 p.265).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerro as reflexões e debates que trouxeram o trabalho até aqui, que fez um resgate, em primeiro plano da história de Itapeva, da formação da Vila Santa Maria e da história da Cooperativa Santa Maria, contextualizando o lugar, com as devidas informações da realidade que seria apresentada. A análise principal da dissertação se deu sobre as experiências do trabalho e da educação nas trajetórias dos/as catadores/as. Os resultados e observações das entrevistas foram apresentados, trazendo os significados do trabalho, da escola e dos saberes dos catadores e das catadoras da Cooperativa Santa Maria, possibilitando visualizar que as experiências que eles/as passaram no lixão, a maioria em sua adolescência e juventude, trouxe à tona o quanto o sistema imposto, ou seja, o capitalismo, influenciou nas suas decisões, inclusive do trabalho em condições extremas no lixão municipal e no abandono dos estudos. Mas por outro lado, muitos saberes foram produzidos no caminhar destes, mesmo no meio do sofrimento, a solidariedade nasceu entre eles/as.

Estavam programadas mais entrevistas para o ano de dois mil e vinte, principalmente com os mais jovens, mas devido à pandemia de COVID-19, a continuidade do contato direto com os sujeitos se tornou impraticável. A possibilidade de entrevistas virtuais com os sujeitos/as foi até levantada com eles/as, mas a inviabilidade foi maior, tendo em vista que nenhum deles/as tinham internet na casa e aparelhos que pudessem ajudar nesse quesito, o que trouxe dificuldades para o processo. Para preservar a saúde dos catadores/as e a minha, resolvemos por manter as entrevistas que já tinham sido feitas de forma presencial.

Muitas dificuldades encontrei em todo esse processo, pois tive que aprender a pensar como um pesquisador, o que aconteceu de forma prática, mas organizada, através de um “diário”, o que foi imprescindível para as retomadas de caminhos, e isso foi importante quando já não tive mais como manter contato direto com os catadores e catadoras, no chão da cooperativa. Assim, busquei trazer uma “reflexão sistemática” sobre as observações e participações que tive nesse tempo na Cooperativa Santa Maria (MILLS, 2009, p. 22).

Tendo em vista a formação do Movimento Viva Janaína Alves, pelos/as catadores/as e pela sociedade civil, que culminou com a constituição da Cooperativa Santa Maria, há a percepção, através dessa pesquisa, que isso só foi possível através da organização dos/as catadores/as. Os/as trabalhadores/as necessitaram do auxílio, inclusive da prefeitura municipal, quando o lixão, símbolo de sujeira e da tamanha desigualdade que assola nosso país no que se refere aos seres humanos envolvidos nesse processo, teve que ser fechado, após a imposição do

Governo do Estado de São Paulo. Foi um processo doloroso, porém muito importante e relevante na vida dos/as catadores/as, como vimos nas entrevistas que foram concedidas no decorrer da pesquisa, o que colaborou na construção dos seus saberes.

Dentro do contexto da Cooperativa Santa Maria, pode-se perceber a presença de uma economia solidária, que é afirmada pelos/as próprios/as catadores/as. É considerável ressaltar também que a preocupação em trabalhar em rede solidária existe, o que está trazendo mais acesso a renda, no caso desses/as trabalhadores/as, tendo uma colaboração entre a sociedade e a cooperativa.

Pode ser percebido dentro das narrativas que a pobreza os estigmatizou por muitos anos e ainda estigmatiza de uma certa maneira. Essas marcas são impostas por um sistema que visa o lucro, mas que também necessita do trabalho dos subalternos para que o funcione, desumanizando os próprios seres humanos, o que pode parecer um pleonasma e também uma contradição. E os catadores e catadoras, de uma forma geral, estão incluídos precariamente na sociedade, como foi citado nas palavras do sociólogo brasileiro José de Souza Martins. Essa “inclusão precária” tem muito a ver com o trabalho que desempenham, sendo assim, são “trabalhadores sobrantes”, tendo em vista que o trabalho de um/a catador/a é invisível para grande parte da sociedade. São trabalhadores/as sobrantes também porque não estão incluídos/as em um trabalho formal, não alcançados/as, assim, pelos direitos trabalhistas.

A pesquisa tentou compreender os significados do trabalho e da escola, mas igualmente foi importante para trazer uma visão micro da vida dos catadores e das catadoras de materiais recicláveis. Entrar no universo que os pertence não é nada fácil, pela resistência de abertura que existe, o que é muito compreensível quando presenciamos a realidade em que vivem.

Refletindo sobre as conquistas que tiveram e o que esperam do futuro para a cooperativa, que é fonte de trabalho para eles, é importante lembrar das falas positivas e no quanto esse trabalho não tem mais apenas o significado de sustento nas suas trajetórias, como era na época do lixão, e que hoje se apresenta como fonte da consciência da importância que eles têm para a sociedade de Itapeva, fazendo um grande trabalho, trazendo um grande benefício para os moradores da cidade.

Houve e há entre eles um aprendizado popular efetivo, pois foram compreendendo e comunicando uns com os outros as suas verdades, e não apenas estendendo o conhecimento, o que fez muita diferença para todo esse processo, uma vez que os saberes só são realmente internalizados quando há um significado real, e esse significado está também atrelado a um efetivo diálogo, que problematizou suas vidas e os fez sair da zona de conforto (FREIRE, 2017,

p. 70 e 89). “O diálogo só acontece efetivamente se existe uma relação de amor, humildade, esperança, fé e confiança, sendo este imprescindível para haver uma efetiva comunicação” (FREIRE, 1996, p. 115). E isso com certeza existe entre eles e elas.

Dentro do contexto do significado do trabalho na cooperativa, há diferenças e semelhanças em seus pensamentos, pois alguns/as pretendem continuar na cooperativa e esperam um futuro promissor nela, enquanto outros já não se veem na cooperativa pelo resto da vida, tendo em vista que visam melhorias de condição de trabalho, como é o caso na fala do mais jovem entrevistado. Mas isso não interfere nos diversos significados que esse trabalho tem hoje para eles e elas, e que fazem com muita consciência, trazendo à tona, em muitas de suas falas, o quanto foram transformados/as pelos saberes produzidos e o quanto pensam em ensinar os que ainda por ventura virão para a cooperativa, o que leva à compreensão de que o trabalho hoje tem um profundo significado de construção de uma nova vida, de uma nova realidade. O que era motivação apenas de sobrevivência, hoje é motivação de resistência e de esperança, mesmo com todos os problemas que ainda enfrentam para vender os recicláveis, levando em consideração as imposições da indústria da reciclagem. Os/as mais velhos/as veem a cooperativa como uma fonte de trabalho pelo resto da vida, seja homem ou mulher.

A escola aparece na vida dos/as catadores/as como tema complicado para alguns/as, mas para outros seria a realização de um sonho voltar a estudar. Os problemas que vieram no decorrer da vida e a ausência das políticas públicas em suas vidas, atrapalharam seus estudos e, como é o caso de muitos/as, contribuíram para que fossem excluídos/as da escola. As diferentes experiências em relação à escola, no que diz respeito à exclusão escolar, leva à conclusão de que o Estado, que deveria garantir esse direito, acaba não garantindo adequadamente, em razão de tantas contradições que existiram e existem no ambiente escolar. A questão do acesso à escola é ponto fundamental, pois as políticas públicas de acesso não chegaram até eles/as. É claro que deve se levar em conta a trajetória de cada um e suas mais diferentes experiências, como vimos nas entrevistas, mas não há como fechar os olhos para essa ausência, por muitas vezes intencional, do estado na vida deles/as.

Ainda em relação ao caminho percorrido pela pesquisa, trago aqui uma comparação da mesma com uma “colcha de retalhos”, onde os retalhos vão se juntando para que algo maior possa surgir, e esse é o sentimento que prevalece neste momento, pois pesquisar é um “artesanato intelectual”, como já nos lembrou Mills (2009, p.21). Esse “artesanato intelectual” na pesquisa em ciências humanas não é exato, as diferenças existem entre os sujeitos, o que pode-se perceber nas narrativas dos catadores/as da cooperativa, ligados aos significados do

trabalho e dos saberes para os mais velhos/as e o quanto esses significados mudaram com o decorrer do tempo, entre sofrimentos e alegrias, que trazem em suas memórias. Ficou muito claro que o trabalho para eles/as foi de grande aprendizado para a vida e não está atrelado apenas ao sofrimento, mas que claramente foi e ainda é uma maneira de sobreviver. As possibilidades da pesquisa ainda são imensas, pois esses catadores e catadoras estão em processo de transformação, no que diz respeito também ao trabalho e ao aprendizado popular que exalam todos os dias, aprendizado esse que se pode resumir com a palavra 'solidariedade'. A solidariedade entre eles/as, que foi tão importante para que chegassem até aqui.

Finalizando a pesquisa, é importante enxergar que estar com os catadores e catadoras foi também para mim lugar de transformação, esse lugar que sou eu mesmo, e que aprendeu e continua aprendendo muito nesse sentido. Os caminhos estão aí para serem trilhados, e estar juntos com eles e elas fez abrir um novo caminho de possibilidades para pesquisas futuras, buscando clarear novos horizontes no tema.

6 REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W.; LEÓN, O. D. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. 1. ed. São Paulo: Ação Educativa, 2005.
- ACCARINI, A. Brasil: cresce número de pessoas vivendo em pobreza extrema depois do golpe. **CUT**. 2019. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/brasil-cresce-numero-de-pessoas-vivendo-em-pobreza-extrema-depois-do-golpe-30fd>. Acesso em: 21 abr. 2020.
- AQUINO, I. F.; CASTILHO JR., A. B.; PIRES, T. S. D. L. A organização em rede dos catadores de materiais recicláveis na cadeia produtiva reversa de pós-consumo da região da grande Florianópolis: uma alternativa de agregação de valor. **Gestão e Produção**. São Carlos, v. 16, n. 1, p. 15-24, jan./mar. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-530X2009000100003&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 02 jul. 2020.
- ARAUJO, Sílvio Alberto Camargo. **Conhecer para preservar: arqueologia e inclusão social na bacia do Paranapanema superior**. 2012. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ARROYO, M. G. O direito à educação e a nova segregação social e racial: tempos insatisfatórios? **Educação em revista**, v.31, n.3, pp.15-47, jul./set., 2015.
- BARRETTO, E. S. de S.; MITRULIS, E. Trajetória e desafios dos ciclos escolares no País. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 42, p. 103-140, mai./ago. 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9795>. Acesso em: 22 jan. 2021.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- BORDA, F. O. **Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular**, in: Brandão, C.R. (Org.). Pesquisa participante, São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BOSI, A. P. **História dos catadores no Brasil**. 1. Ed. São Paulo: Verona, 2015.
- BOURDIEU, P. **A juventude é apenas uma palavra: questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.
- BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. A pesquisa participante: um momento da educação popular **Revista de Educação Popular**, Uberlândia/MG, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 01 abr. 2020.

BRASIL. **LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 23 nov. 2020.

BRASIL. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 23 nov. 2020.

BRASIL. **LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010**. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Brasília, DF, ago. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12305.htm. Acesso em: 01 abr. 2020.

BRASIL. **LEI Nº 12.852, DE 5 DE AGOSTO DE 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, DF, ago. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em 01 abr. 2020.

BRASIL. **Centro de Referência de Assistência Social – Cras**. Ministério da Cidadania. Secretaria Especial do Desenvolvimento Social. 2015. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/unidades-de-atendimento/cras>. Acesso em: 01 maio 2020.

BRASIL. **LEI Nº 13.467, DE 13 DE JULHO DE 2017**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm. Acesso em: 10 mar. 2020.

BURGOS, R. **Periferias urbanas: o chão dos catadores no urbano periférico**. 1. ed. São Paulo: Humanitas, 2013.

CAMARANO, A.A. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006

CARRANO, P. Educação de jovens e adultos e juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance". **REVEJ@: Revista de Educação de Jovens e Adultos**, Niterói-RJ, v. 1, n. 0, p. 55-67, 2007.

CARRANO, P. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e a convivência. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 26, p. 7-22, set/dez, 2011.

CARRANO, P. C. R.; MARINHO, A. C.; OLIVEIRA, V. N. M. Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 41, n. spe, p. 1439-1454, Dez. 2015.

CARVALHO, Ana Maria Rodrigues de. **Cooperativa de catadores de materiais recicláveis de Assis - COOCASSIS: espaço de trabalho e de sociabilidade e seus desdobramentos na**

consciência. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

COGGIOLA, O. **As grandes depressões (1873- 1896 e 1929-1939):** fundamentos econômicos, consequências geopolíticas e lições para o presente. São Paulo: Alameda, 2009.

COIMBRA, C. M. B.; NASCIMENTO, M. L. **A produção de crianças e jovens perigosos: a quem interessa?** Rio de Janeiro: UFF, 2005.

COIMBRA, C. M. B.; NASCIMENTO, M. L. Ser jovem, ser pobre é ser perigoso? **JOVENes, Revista de Estudos sobre Juventud**, Salamanca-ES, ano 9, n. 22, p. 338-355, 2005.

CORROCHANO, M. C. [et al.]. Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas. São Paulo: **Ação Educativa**, Instituto IBI, 2008.

CORROCHANO, M. C.; ABRAMO, H. W.; ABRAMO, L. W. O trabalho juvenil na agenda pública brasileira: avanços, tensões e limites. **Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo**, vol. 22, n. 36, p. 135-169, 2017.

CORTI, A. P. O.; CORROCHANO, M. C.; SILVA, J. A. “Ocupar e resistir”: A insurreição dos estudantes paulistas. **Educação e Sociedade**, Campinas , v. 37, n. 137, p. 1159-1176, out./dez. 2016 .

DAYRRELL, J.; MOREIRA, M. I. C.; STENGEL, M. **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades.** 1. ed. Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2010.

DEMAJOROVIC, J. **Cadeia de reciclagem: um olhar para os catadores.** 1. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

FAUSTO, B. **História do Brasil.** 13. ed. São Paulo: EdUSP, 2010.

FEIJÓ, M. C. O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 157-166, 2004.

FELTRAN, G. S. Valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. **Cadernos CRH**, Salvador , v. 27, n. 72, p. 495-512, Set./Dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792014000300004&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 17 jul. 2020.

FERREIRA, V. S. **Pesquisar jovens: caminhos e desafios metodológicos.** 1. ed. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

_____. **Jovens e gerações em tempos de crise: entre Portugal e o contexto global.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019. p.34-69

FISCHER, M. C., TIRIBA, L. **Do velho no conhecimento “encarnado” sobre o trabalho associado e autogestão.** São Leopoldo: Educação Unisinos, v. 10, n. 3, set/dez 2009.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 27. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2003

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 18. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (SEADE). Disponível em: <https://www.seade.gov.br/institucional/quem-somos/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS (ITESP). RELATÓRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO SOBRE OS REMANESCENTES DA COMUNIDADE DE QUILOMBO DO JAÓ/ITAPEVA-SP. Disponível em: http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/acoes rtc/RTC_Jao.pdf. Acesso em: 18 out. 2020.

GOMES, M. T. L. Ramal da fome, expressão que virou coisa do passado e é enterrado no Sudoeste Paulista. **Blog do Manoel Timbó**, 2008. Disponível em: <http://manoeltimbo.blogspot.com/2008/11/ramal-da-fome-expresso-que-viceu-coisa.html>. Acesso em: 02 abr. 2020.

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Defel, 2000. (Coleção Enfoque Sociologia).

GROPPO, L. A. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. **Última Década**, Santiago-CH, n. 33, p.11-26, dez. 2010.

GUISARD, L. A. D. M. O bugre, um João-Ninguém: um personagem brasileiro. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 92-99, out./dez.. 1999.

GUIMARÃES, L. S. Periferia e espaços periféricos: notas gerais. **Revista Perspectiva Geográfica** - Marechal Cândido Rondon-PR, v. 10, n. 13, p. 109-118, jul./dez., 2015.

HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Livro dos prefácios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira. Editores Anna Maria Andrade, Nilto Tatto. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2013.

IBGE. Um quarto da população vive com menos de R\$ 387 por mês. **Agência de Notícias IBGE**. 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18825-um-quarto-da-populacao-vive-com-menos-de-r-387-por-mes>. Acesso em: 28 ago. 2019.

IBGE. 2019 PNAD Contínua 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=28203&t=resultados>. Acesso em: 03 nov. 2020.

IBGE. Itapeva. IBGE Cidades. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/panorama>. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?view=municipio>. Acesso em: 20 jan. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Disponível em: https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_mercado_trabalho.html. Acesso em: 10 jul. 2020.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. MECANISMOS EFICIENTES NA PRODUÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR DE JOVENS NEGROS: ESTEREÓTIPOS, SILENCIAMENTO E INVISIBILIZAÇÃO. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 34, e167901, 2018.

KASEKER, D. P. Catadores no lixão de Itapeva. **Folha do Sul**, Itapeva, 19 jan. 2002. Capa, p. 1.

LAROSSA, J. **Tremores**: Escritos sobre a experiência. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LEAO, G.; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out./dez. 2011.

LEITE, K. C. **Economia de comunhão**: uma mudança cultural e política na construção do princípio da reciprocidade nas relações econômicas. 2005. 370 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, São Carlos, 2005.

LEÓN, O. D.; ABRAMO, H. W. **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

LIMA, J. C. O trabalho autogestionário em cooperativas de produção: o paradigma revisitado. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 56, p. 45-62, out. 2004.

LIMA, J. C. Trabalho, Precarização e Sindicalismo: os trabalhadores e as cooperativas de trabalho. **Estudos da Sociologia**. Araraquara, v. 11, n. 21, p. 59-71, jul./dez. 2006.

LIMA, J. C. Paradoxos do trabalho associado. **Tempo Social**. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 113-132, jan./jun. 2009.

LOPEZ, E. R. A. **Localização de aterro sanitário baseado em modelo de decisão multicritério**. 2017. 69 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

LUCENA, H. M. A.; CAMELO, J. C. P.; SILVA, S. B. Educação Popular e juventude: o movimento social como espaço educativo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 174, p. 290-315, 2019.

MACIEL, R. H. [et al]. Precariedade do trabalho e da vida de catadores de recicláveis em Fortaleza, CE. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 63, n. spe, p. 71-82, 2011.

MARQUES, S. C. **Paisagens reveladas: o Jaó caboclo, quilombola, brasileiro**. 2012. 370 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARTINS, J. S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

MATOS, W. Formação da Vila Santa Maria. **Blog Preto Mattos**, 2011. Disponível em: <https://blogpretomattos.blogspot.com/search?q=vila+santa+maria>. Acesso em: 15 jun. 2020

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. 1. ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2011.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MNCR (Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis). **Classificação Brasileira de Ocupações – CBO**. 2014. Disponível em: <http://mncr.org.br/biblioteca/legislacao/classificacao-brasileira-de-ocupacoes-cbo>. Acesso em: 03 abr. 2020.

MORMUL, N. M.; GIROTTO E. D.; SOARES M. O. Cortina de fumaça: sujeitos ocultos e o desmonte da educação pública no Paraná e em São Paulo. **Terra Livre**, v. 1, n. 50, p. 65-96, jan./jun. 2018.

NASCIMENTO, E. P. A periferia de São Paulo: revendo discursos, atualizando o debate. **RUA**, v. 2, n. 7, p. 112-127, 17 jul. 2010.

OLIVEIRA, L. R. **Itapeva: causos e história**. 1. ed. Itapeva: FS Editora, 2008.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M.; PASINI, A. I.; LEVANDOWSKI, G. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Psicologia teoria e pratica**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 203-215, mai./ago. 2013.

PAIVA, C. C. Mulheres catadoras: articulação política e ressignificação social através do trabalho. **Ideias**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 151–174, jul./dez. 2017.

PAIXÃO, L. P. Significado da escolarização para um grupo de catadoras de um lixão. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 35, n.124, p.141-170, jan./abr. 2005.

PASTRO, C. **Itapeva: um tesouro em vaso de barro**. 1. ed. São Paulo: Casa São Lucas, 1992.

PEROSINI, G. L. A revolução Industrial e sua influência na reestruturação da vida familiar. **Revista Latino Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 3, n. 3, artigo n. 435, p. 1-13, set./dez. 2017.

RECH, D. **Cooperativas: uma alternativa de organização popular**. Rio de Janeiro: DPeA, 2000.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra/PT, n. 63, p. 237-280, 2002.

_____. **Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

_____. **Construindo as Epistemologias do sul**: antologia essencial. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SCHUTZ, A. **Saggi sociologic**. Torino: Utet, 1979.

SEADE, **Informativo trimestral RA de Itapeva**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/mercado-trabalho/2020/03/informativo-trimestral-ra-de-itapeva-4o-trimestre-de-2019/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SINGER, P. Economia solidária versus economia capitalista. **Sociedade e estado**. Brasília, v. 16, n. 1-2, p. 100-112, Jul./Dez. 2001.

SOARES, Tufi Machado et al . Fatores associados ao abandono escolar no ensino médio público de Minas Gerais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 757-772, jul./set. 2015 .

SORJ, B.; MARTUCCELLI, D. **O desafio latino-americano**: coesão social e democracia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SOTO, W. H. G. Subúrbio, periferia e vida cotidiana. **Estudos sociedade e agricultura**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 109-131, jan./abr. 2008.

SOUZA, J. M. Juventudes e expressões juvenis na contemporaneidade: novos coletivos e identidades da categoria juvenil. **Estudos Interdisciplinares em Educação**, v. 1, n. 3, jul./set. 2018

SPOSITO, M. P. **Ilusão fecunda**: a luta por educação nos movimentos populares. [S.l: s.n.], 1993.

_____. Estudos sobre juventude em educação. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5 e 6, p. 37-52, mai./ago. 1997.

_____. Juventude e educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.33, n. 2, jul./dez. 2008.

_____. **Os jovens no Brasil**: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. 1. ed. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

SPOSITO, M. P.; SOUZA, R.; SILVA, F. A. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 44, 2018.

TIRIBA, L. Educação popular e pedagogia (s) da produção associada. **Cadernos Cedes**. Campinas, v. 27, n. 71, p. 85-98, abril de 2007.

TIRIBA, L. Saberes do trabalho associado: a autogestão no contexto do movimento popular de 25 de Abril. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CANÁRIO, Rui; RUMMERT, Sonia (Org.). **Políticas de formação de jovens e adultos no Brasil e em Portugal**. Niterói: Eduff, 2009.

TIRIBA, L., & MAGALHÃES, L. D. R. Lições do trabalho associado: educação, experiência e memória coletiva. **Revista HISTEDBR**, v. 16, n. 70, p. 87- 102, dez. 2016.

XAVIER DA CRUZ, U. R. A relação entre o trabalho dos catadores de materiais recicláveis da rede de reciclagem do estado do Rio de Janeiro e a manutenção da indústria de reciclagem. **Revista Tamoios**, v. 16, n. 2, jan./jun. 2020.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, em uma pesquisa intitulada “Jovens [in]visíveis: Trabalho e saberes nas trajetórias dos catadores e catadoras da Cooperativa de Recicláveis Santa Maria da cidade de Itapeva – SP”, sob a responsabilidade do pesquisador Tiago da Silva Souza, integrante do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, em nível de Mestrado, e sob orientação da professora Dr^a Maria Carla Corrochano.

O objetivo da pesquisa é investigar os sentidos do trabalho e da escola na trajetória dos catadores/as da Cooperativa Santa Maria, de Itapeva-SP.

Todas as informações serão tratadas confidencialmente. Assegura-se a sua privacidade quanto aos dados provenientes da pesquisa, os quais poderão ser divulgados somente para os fins deste estudo. Sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo, e serão omitidas todas as informações que possam identificá-la. Vale lembrar ainda que sua participação é voluntária, e se você decidir não participar, ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem total liberdade de fazê-lo.

Caso tenha dúvidas, ou necessite de maiores esclarecimentos, entre em contato com o pesquisador responsável, Tiago da Silva Souza, pelo e-mail: professortiagoaulas@outlook.com.

Eu, _____,
_____, declaro que fui convidada a participar do estudo, que recebi as informações de forma clara e detalhada a respeito dos objetivos e da forma como participarei desta investigação, sem ser coagida a realizá-la. Afirmo igualmente que fui esclarecida sobre a garantia de privacidade e de anonimato das informações coletadas, bem como sobre o fato de que os dados coletados serão usados exclusivamente para fins de científicos. Estou também ciente de que, a qualquer momento, posso esclarecer dúvidas que tiver em relação à pesquisa, assim como usar de liberdade para deixar de participar do estudo, sem que isso traga qualquer transtorno para mim. Por fim, declaro que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Itapeva, ____ de _____ de 2019.

APÊNDICE B – FORMULÁRIO

Nome: _____

Idade: _____

Endereço: _____

Cor: _____

Estado Civil: _____

Tem filhos? () Sim () Não Quantos?____

Nível de Escolaridade:

Ensino Fundamental I Incompleto ()

Ensino Fundamental I Completo ()

Ensino Fundamental II Incompleto ()

Ensino Fundamental II Completo ()

Nível Médio Incompleto ()

Nível Médio Completo ()

Nível Superior Completo ()

Nível Superior Incompleto ()

Se parou de estudar, qual foi o motivo?

Pretende voltar a estudar? () Sim () Não Por que?

Renda Mensal atual: _____

Ocupação profissional atual: _____

Outras ocupações profissionais ao longo da vida:

Trabalhou no lixão de Itapeva? () Sim () Não

Pretende continuar trabalhando na Cooperativa? () Sim () Não

Prefere o trabalho no lixão ou na Cooperativa? Por que?

Se trabalhou no lixão, como era o trabalho no lixão?
